

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – IL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS

**MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALEMÃO E DO
PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS DE (I)MIGRAÇÃO EM
PORTO DOS GAÚCHOS - MT: CONFIGURAÇÕES DO
MULTILINGUISMO EM FRONTEIRA DA AMAZÔNIA**

Porto Alegre
2014

FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS

**MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALEMÃO E DO
PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS DE (D)MIGRAÇÃO EM PORTO DOS
GAÚCHOS - MT: CONFIGURAÇÕES DO MULTILINGUISMO EM
FRONTEIRA DA AMAZÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Wilson Altenhofen

Linha de Pesquisa: Sociolinguística

Porto Alegre
2014

FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS

**MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALEMÃO E DO
PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS DE (D)MIGRAÇÃO EM PORTO DOS
GAÚCHOS - MT: CONFIGURAÇÕES DO MULTILINGUISMO EM
FRONTEIRA DA AMAZÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Letras, área de Estudos da Linguagem.

Aprovado em: _____

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS
Orientador

Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT)

Profa. Dra. Svenja Brünger (Uni. Jena - DAAD – UFRGS)

Joachim Steffen (Christian-Albrecht Universität zu Kiel – Alemanha)

CIP - Catalogação na Publicação

Barros, Fernando Hélio Tavares de
MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALEMÃO E DO PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS DE (I)MIGRAÇÃO EM PORTO DOS GAÚCHOS - MT:
CONFIGURAÇÕES DO MULTILINGUISMO EM
FRONTEIRA DA AMAZÔNIA / Fernando Hélio Tavares de Barros. -
- 2014.
169 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Migração. 2. Territorialidades. 3.
Multilinguismo. 4. Dialetoлогия perceptual. 5. Dialetoлогия
pluridimensional. I. Altenhofen, Cléo Vilson , orient. II.
Título.

Meus agradecimentos....

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

Ao PPG Letras (UFRGS), pelo suporte e incentivo.

Ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, meu orientador,
pelo apoio, dedicação, estímulo, sabedoria e paciência,
que foram fundamentais para a construção dessa pesquisa.

À minha mãe, Luzia, pelo amor, carinho e palavras
de consolo nos momentos de solidão e tristeza.

Aos professores das disciplinas cursadas,
que de toda forma contribuíram para a base de minhas reflexões.

Às Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT) e
Profa. Dra. Tânia Pitombo de Oliveira (UNEMAT),
pela amizade e exemplo positivo na minha trajetória como pesquisador.

Aos meus amigos, Josiani Sotolani,
Lucas Löff Machado, Rodrigo Vargas, Christian Winkler, Monique Fritscher
Rosa Evangelina Belli Rodrigues, Vânia Victorino, Felipe Weschenfelder,
Cláudia Camila Lara, Marli Salete Arboito, Jacinta Kempf Diel e Almerida Gimenez,
pelo companheirismo incondicional.

Aos meus informantes e ao Pastor Ricardo Arndt,
pela compreensão e receptividade durante o trabalho de campo em Porto dos Gaúchos – MT.

Aos meus colegas do ALMA-H, por todos os dias de convívio e aprendizado.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para essa pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação resulta de uma pesquisa que objetivou descrever o contexto linguístico de contato entre variedades do alemão e variedades do português tomando por base as percepções de língua e de espaço no contato da “minoría alemã”, de origem topodinâmica rio-grandense (RS), com os paranaenses de topodinâmica não rio-grandense (PR) para identificar/visualizar as territorialidades linguísticas constituídas pelos diferentes grupos migratórios presentes na localidade de Porto dos Gaúchos – MT e em seu entorno. Para a realização do estudo, seguiu-se de um lado a abordagem da dialetologia perceptual (PRESTON, 1989; 2010), no que tange à produção de mapas mentais, a qual foi combinada, de outro lado, com os pressupostos do modelo de macroanálise pluridimensional e contatual (RADTKE; THUN, 1996). Deste modo, analisou-se a percepção da variação e diversidade de línguas e variedades que caracterizam essa localidade de migração recente em diferentes dimensões (princípio da pluridimensionalidade), combinando tempo (mudança linguística), espaço (mobilidade e formação de territorialidades) e sociedade (diferentes segmentos sociais). Neste estudo, realizaram-se entrevistas com 18 informantes (nove paranaenses e nove rio-grandenses), sendo que oito informantes de nível sócio-cultural baixo (até ensino médio completo) foram divididos em mais três dimensões: diageracional – GII e GI (respectivamente velhos e jovens); dialingual (paranaenses e rio-grandenses) e diatópica (nascidos na região sul – velhos e nascidos na localidade - jovens). Utilizou-se também, como material de análise das territorializações e territorialidades, iconografias de paisagem linguística (*linguistic landscape*) e dados da toponímia regional. Os resultados apontaram uma situação de multilinguismo acentuado, inclusive no que se refere às variedades internas a cada língua em contato (por exemplo, hunsriqueano, alemão *standard*, caxubo, em relação aos teuto-gaúchos). Em virtude da migração recente, ainda se encontram resquícios e territorialidades dessas línguas e variedades, porém em processo de substituição linguística em progresso, na direção do português, inclusive com erosão linguística acentuada entre falantes da geração mais velha. A ordem de chegada dos (i)migrantes em Porto dos Gaúchos – MT foi delineando as territorialidades dos grupos conforme os espaços disponíveis para ocupação. Os mapas mentais revelaram a concentração da minoría alemã (teuto-gaúcha) no centro urbano, área pioneira (portanto, mais antiga), sendo o entorno (margem) predominantemente [+] paranaense. Os de perspectiva macro produziram uma espacialização de diferentes grupos no entorno de Portos dos Gaúchos – MT, revelando uma diversidade de contatos linguísticos. Essa diversidade também pode ser vista na paisagem linguística, na qual a presença de grupos étnicos e suas línguas, em último estágio, se refugiam nos antropônimos e topônimos.

Palavras-chave: Migração. Territorialidades. Multilinguismo. Dialetologia perceptual. Dialetologia pluridimensional.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Masterarbeit ist das Ergebnis einer Untersuchung zum Sprachkontakt zwischen deutschen Varietäten und portugiesischen Regionalvarietäten in Porto dos Gaúchos (Provinz Mato Grosso im Norden Brasiliens) und dessen Umgebung. Ziel ist es, ausgehend von den Perzeptionen zu Sprache und Raum der „deutschen Minderheit“ aus Rio Grande do Sul (teuto-gaúchos) im Kontakt mit Paranaenser nicht-Riograndenser Topodynamik sprachliche Territorialitäten (Sprachareale) in der neuen Umgebung zu identifizieren bzw. anzuzeigen. Diese Studie verbindet Grundlagen der perzeptuellen Dialektologie (PRESTON, 1989; 2010), was die mentalen Karten betrifft, mit den Annahmen der pluridimensionalen Makroanalyse (RADTKE & THUN, 1996). In dieser Hinsicht wurde die Wahrnehmung der Variation und sprachlichen Vielfalt und Varietäten durch die Sprecher, die diese Migrationsorte in verschiedenen Dimensionen charakterisieren (Prinzip der Pluridimensionalität), mit Faktoren wie Zeit (sprachlicher Wandel), Raum (Mobilität und Bildung von Spracharealen) und sozialer Struktur (verschiedene Segmente der Gesellschaft) korreliert. Für diese Studie wurden Interviews mit 18 Informanten geführt (neun aus Paraná und neun aus Rio Grande do Sul). Von diesen waren acht von sozio-kulturell niedrigem Niveau (Schulbesuch bis einschließlich Mittelschule / *ensino médio*) und unterschieden sich in drei weiteren Dimensionen, und zwar diagenenerationell (GII und GI - Alte und Junge), dialingual (Paranaenser und Riograndenser) und diatopisch: im Süden Geborene (Alte) und am Explorationsort Geborene (Junge). Für die Analyse der Besiedlung und der besiedelten Gebiete wurden Bildmaterial (*linguistic landscapes*) und Daten der Toponymik verwendet. Die Ergebnisse weisen auf eine Situation von ausgeprägtem Multilingualismus hin. Dies schließt auch die jeweils internen Varietäten der Kontaktsprachen ein (zum Beispiel Hunsrückisch, Hochdeutsch, Kaschubisch in Beziehung mit den Teuto-Gaúchos). Aufgrund der Migration vor verhältnismäßig kurzer Zeit finden sich auch heute noch Überreste und Orte dieser Sprachen und Varietäten. Diese befinden sich jedoch im Prozess der fortschreitenden linguistischen Substitution in Richtung des Portugiesischen. Dies schließt auch die ausgeprägte linguistische Erosion unter den Sprechern der älteren Generation ein. Die Reihenfolge der Ankunft der Migranten in Porto dos Gaúchos bestimmte die von der jeweiligen Gruppe eingenommenen Gebiete entsprechend ihrer räumlichen Verfügbarkeit. Die mentalen Sprachkarten der Mikroareale zeigen eine Konzentration der deutschen Minderheit (teuto-gaúchos) im urbanen Zentrum, dem Siedlungsraum der ersten Pioniere, während die umgebenden Gebiete vorwiegend von Paranaensern besetzt ist. Die Karten aus Makroperspektive zeigen dennoch eine räumliche Verteilung verschiedener Gruppen in der Umgebung von Porto dos Gaúchos und decken eine Diversität sprachlicher Kontakte auf. Diese Diversität wird ebenfalls durch die *sprachlichen Landschaften* ersichtlich, auf denen sich die Präsenz ethnischer Gruppen und ihrer Sprachen im letzten Stadium auf Anthroponyme und Toponymik beschränkt.

Schlüsselwörter: Migration. Sprachareale. Mehrsprachigkeit. perzeptuelle Dialektologie. pluridimensionale Dialektologie.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 – O norte de Mato Grosso no centro do ‘território incharacterístico’ e a matriz de partida dos falantes teuto-gaúchos nas áreas dialetais do português identificadas por Nascentes (1953 [1923]).....	14
Fig. 02 – Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional.....	35
Fig. 03 –Localização de Porto dos Gaúchos - MT.	38
Fig. 04 – Topônimos Sulistas no Norte de Mato Grosso.....	41
Fig. 05 – População autóctone no entorno da Gleba Arinos (HASENACK, 1960).....	47
Fig. 06 – Área de partida dos migrantes de Alta Floresta – MT (JATENE, 1983).....	49
Fig. 07 – Áreas linguísticas de contato do topodinâmico entre rio-grandenses e paranaenses (em linha vermelha).....	50
Fig. 08 – Área de partida dos colonos 53 migrantes de Alta Floresta - MT entrevistados por Jatene (1983) sobreposto ao Mapa Auxiliar IV do ALERS.....	52
Fig. 09 – Territorialidades afro-brasileiras na paisagem linguística de Alta Floresta – MT.....	56
Fig. 10 –Territorialidades ítalo-brasileiras na paisagem linguística.....	57
Fig. 11 – Espaços geográficos na configuração urbana de Porto dos Gaúchos – MT....	62
Fig 12–Biografia móbil dos 18 informantes dessa pesquisa.....	66
Fig. 13–Denominações <i>paranaenses</i> na paisagem linguística.....	71/72
Fig. 14 – Denominações ‘maranhão’ e ‘cuiabano’ na paisagem linguística.....	73
Fig. 15 – Denominação <i>polaco</i> na paisagem linguística.....	77
Fig. 16 – Denominação <i>gringo</i> na paisagem linguística.....	78
Fig. 17 – Alemão, Av. das Embaúbas, Centro de Sinop – MT.....	80
Fig.18 – Presença dos ‘alemães’ – RS GI – GII.....	89
Fig. 19 – Presença dos ‘alemães’ – PR GI – GII.....	90
Fig. 20 – Igrejas Evangélicas Luteranas na localidade.....	91
Fig. 21 – Territorialidade alemã na <i>paisagem linguística</i>	92
Fig. 22 – Presença dos ‘paranaenses’ – RS GI – GII.....	93
Fig. 23 – Presença dos ‘paranaenses’ – PR GI – GII.....	93
Fig. 24 – Territorialidades [+] paranaense.....	94
Fig. 25 – Distribuição confessional das sepulturas no Cemitério Municipal de Porto dos Gaúchos – MT (adaptado a partir de imagem do <i>Google Earth</i>).....	96

Fig. 26 – Presença da minoria alemã e da maioria paranaense, bem como de outros grupos, na perspectiva dos informantes RS-PR complementares.....	97
Fig. 27 – Destinos das linhas de ônibus na Estação Rodoviária de Porto dos Gaúchos – MT.....	99
Fig. 28 – Cartograma da presença de grupos ‘étnicos’ na percepção macroareal e denominação dada pelos informantes PR GI e GII e RS GI e GII.....	103

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 – Topônimos do norte de Mato Grosso e breve descrição historiográfica...	42
Quadro 02 – Dimensões de análise.....	61
Quadro 03 – Quadro descritivo das áreas de delimitação do espaço urbano de Porto dos Gaúchos – MT.....	63
Quadro 04: Critérios de seleção dos informantes.....	64
Quadro 05 - Critérios de seleção dos informantes para a coleta de mapas mentais.....	65
Quadro 06 – Denominações dos grupos de migrantes em etnotextos e comentários metalinguísticos.....	73
Quadro 07 – Anotações de campo relativas às percepções macro sobre os grupos linguísticos RS GI e GII presentes em Porto dos Gaúchos – MT.....	100
Quadro 08 – Anotações de campo relativas às percepções macro sobre os grupos linguísticos PR GI e GII presentes em Porto dos Gaúchos – MT.....	101
Tabela 01 - Percepção da vitalidade do alemão RS – MT.....	86
Tabela 02 – Percepção da representatividade dos grupos em Porto dos Gaúchos – MT.....	98

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CONOMALI – Colonizadora Noroeste Mato-grossense Ltda.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

ALERS – Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul

ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata - Hunsrückisch

ALIMAT – Atlas Linguístico de Mato Grosso

ALIB – Atlas Linguístico do Brasil

ADDU – Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático Del Uruguay

ALGR – Atlas Linguístico Guaraní-Románico

RCI – Região Colonial Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul

COHAB – Conjunto Habitacional (Porto dos Gaúchos - MT)

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

CTN – Centro de Tradições Nordestinas

MT – Mato Grosso

PR – Paraná

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

RCI - Região Colonial Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 :	19
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 LÍNGUA E DIALETO	19
1.2 COMUNIDADE LINGUÍSTICA	20
1.3 DIATOPIA: TOPODINÂMICA E TOPOSTÁTICA.....	22
1.4 TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE LINGUÍSTICA	27
1.5 GEOLINGUÍSTICA, DIALETOLOGIA PERCEPTUAL E METODOLOGIA DE ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL.....	32
CAPÍTULO 2	37
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PESQUISA	37
2.1 MATO GROSSO E PORTO DOS GAÚCHOS (MT01): CONTEXTO HISTÓRICO	37
2.2 MARCAS SULISTAS NA TOPONÍMIA REGIONAL.....	40
2.3 O NORTE MATO-GROSSENSE: EM BUSCA DA CARACTERIZAÇÃO DE UM “TERRITÓRIO [DE PORTUGUÊS SUPOSTAMENTE] INCARACTERÍSTICO”	45
2.3.1 Os indígenas	46
2.3.2 Os (i)migrantes.....	48
2.4 O ESTADO DO PARANÁ: UMA ÁREA DE PARTIDA	48
CAPÍTULO 3	60
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
3.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	60
3.1.1 Ponto de pesquisa: Porto dos Gaúchos - MT	62
3.1.2 Seleção dos informantes e definição das entrevistas.....	63
3.1.3 Instrumentos de coleta de dados	67
3.1.4 Cartografia	67
CAPÍTULO 4	69
ANÁLISE DOS DADOS	69
4.1 DENOMINAÇÕES DOS GRUPOS EM PORTO DOS GAÚCHOS – MT.....	70
4.2 O ALEMÃO COMO LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO NO PERCURSO TOPODINÂMICO RS-MT	81
4.3 VARIEDADES DO ALEMÃO EM PORTO DOS GAÚCHOS	82

4.3.1 O <i>Hochdeutsch</i>: papel no processo migratório e na propaganda (da) colonizadora	82
4.3.2 Variedade do Hunsriqueano (Hunsrückisch)	83
4.3.3 O pomerano e o alemão austríaco (Tirolês)	84
4.3.4 O Caxubo (Kaschubisch)	84
4.4 VITALIDADE DO ALEMÃO NA PERCEPÇÃO DOS FALANTES.....	85
4.4.1 Percepção dos teuto-gaúchos (RS GI e GII): visão de dentro da comunidade	85
4.4.2 A percepção dos paranaenses (PR GI e GII): visão de fora da comunidade	87
4.5 TERRITORIALIZAÇÕES LINGUÍSTICAS EM PORTO DOS GAÚCHOS – MT	89
4.5.1 Presença da minoria alemã (percepções na perspectiva micro).....	89
4.5.2 Presença da maioria paranaense (percepções na perspectiva micro).....	92
4.5.3 Territorialidades linguísticas na perspectiva dos informantes complementares	96
4.6 TERRITORIALIZAÇÕES DOS GRUPOS NO ENTORNO DA MT01 (PERSPECTIVA MACRO)	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
ANEXOS.....	115

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta Dissertação – a presença sócio-histórica e geográfica do contato da(s) língua(s) de imigração alemã falada(s) por migrantes teuto-gaúchos em meio a uma constelação de variedades lingüísticas que, a partir de 1956, migraram para a localidade de Porto dos Gaúchos - MT e seu entorno, onde já havia um multilinguismo de base indígena – situa-se em uma área, no norte de Mato Grosso, que por muito tempo foi considerada, na dialetologia tradicional brasileira, de “território incharacterístico”, repetindo até hoje uma denominação de Antenor Nascentes, em seu estudo sobre *O linguajar carioca*, de 1953 [1923].

Geograficamente, esse território insere-se na grande área da chamada Amazônia Legal¹, que, no mapa de Nascentes (1953 [1923]), reproduzido a seguir (fig. 1), é majoritariamente ocupado pelo que o autor denomina de “falar amazônico” (ver também FREIRE, 2011; TEIXEIRA, 1944). O que torna o norte de Mato Grosso e seu entorno tão diferente, a ponto de não ser possível caracterizá-lo? E como a presente dissertação pode contribuir para um melhor entendimento desse contexto?

A escolha da língua de imigração alemã como foco deste estudo ocorreu por uma dupla motivação. De um lado, essa escolha foi motivada pelas circunstâncias em que surgiu a Dissertação, contribuindo para as pesquisas mais amplas do projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H), projeto que é coordenado pelo orientador desta dissertação² e que tem Porto dos Gaúchos como um de seus pontos de pesquisa (MT01).³

¹ Segundo Souza (2006), a Amazônia Legal compreende nove Estados da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

² Em parceria com Harald Thun (Univ. Kiel, Alemanha), orientador futuro da Tese de Doutorado, para a qual já foi aprovada Bolsa de Estudos do CNPq, com início em 2015.

³ Nesse sentido, também a minha origem particular, como descendente de (i)migrantes dessa região, desempenhou papel determinante.

Figura 01 – O norte de Mato Grosso, no centro do “território incaracterístico”, e a matriz de partida dos falantes teuto-gaúchos nas áreas dialetais do português identificadas por Nascentes (1953 [1923]).



Fonte: Nascentes (1953 [1923]).

Uma segunda motivação para a realização da pesquisa tem a ver com o caráter inusitado do próprio tema – a presença de falantes de uma língua de imigração alemã em território amazônico –. Para um contexto que tradicionalmente foi apresentado como “incaracterístico”, tal recorte contribui para desconstruir a noção de ausência de característica, mostrando, com base nos pressupostos da dialetologia pluridimensional e contatual (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; ALTENHOFEN, 2013), que esse território, longe de ser incaracterístico, tem por características centrais: a) o fato marcante de ter sua origem em

migrações recentes de variedades e grupos linguísticos de outras regiões e de, além disso, b) envolver uma série de contatos linguísticos decorrentes dessas migrações, em um c) contexto marcado pelo plurilinguismo, do qual participam variedades regionais do português, de línguas indígenas e de imigração (especialmente do alemão e do italiano).

A amplitude da diversidade linguística desse espaço geográfico tem sua configuração, portanto, determinada a) pelos grupos migratórios que predominam em cada ponto desse território multilíngue e multivarietal inserido no interior do Brasil; b) pela sua localização distante ou próxima de grandes centros urbanos; c) pela sua pouca idade, até recentemente um território ocupado por floresta, hoje majoritariamente tomado pela agropecuária e avanço das plantações de milho e de soja. Evidentemente, em função da complexidade desse contexto, que ainda é preciso primeiro caracterizar, são vários os desafios que se colocam para a pesquisa da variação, dos contatos linguísticos e poucos os estudos feitos. Tão recente como a colonização desse território é também a pesquisa linguística, para a qual se pretende contribuir com esta Dissertação (PHILIPPSEN, 2013).

Direcionando, assim, o olhar para a região norte de Mato Grosso, encontrei uma historicidade colonizadora, marcada principalmente pela migração massiva vinda, especialmente, do sul e sudeste brasileiro. Um fato que tece a realidade linguística dessa área é a estruturação de contextos plurilíngues no que tange à existência de línguas minoritárias de imigração. É nesse território que recortei como objeto de estudo o contexto no qual o alemão se encontra, numa história de contato linguístico com diversas variedades do português brasileiro, autóctones e de imigração.

A localidade de Porto dos Gaúchos – MT, ponto MT01 da rede do ALMA-H⁴, permaneceu, à margem do fluxo migratório que acompanhou a rodovia BR 163 Cuiabá-Santarém, onde se situam Sinop (ponto MT02 do ALMA-H), Sorriso, Lucas do Rio Verde, entre outros pontos que se beneficiaram dela para o seu desenvolvimento. Em sua historicidade, a chegada dos gaúchos de origem predominantemente alemã, seguida pelos (i)migrantes tardios paranaenses (de maior representatividade), nordestinos, cuiabanos, entre outros, formam um mosaico de contatos linguísticos instigador.

Diante do exposto, constitui o objetivo central desta dissertação *identificar a constelação de variedades linguísticas em contato em Porto dos Gaúchos, no norte de Mato Grosso, descrevendo de modo particular as territorialidades do plurilinguismo com ênfase na configuração do contato do grupo alemão como língua de imigração (e as diferentes*

⁴ *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata* (UFRGS / CAU-Kiel)

variedades que o compõem) com os outros grupos linguísticos. Tem-se, com isso, um estudo de sociologia do plurilinguismo (GORTER et al. 2011; THUN, 1999; THUN et al., 2002; ALTENHOFEN, 2004b), com foco no contato em uma língua minoritária de imigração.

Esse objetivo central desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: 1) identificar, por meio da percepção dos falantes, os diferentes grupos migratórios em contato e sua significância (posição social) na comunidade; 2) descrever a dinâmica dos contatos linguísticos envolvendo o alemão como língua de imigração; 3) delimitar as territorialidades de uso do alemão e de suas variedades em meio ao plurilinguismo local, como “focos de resistência” ao avanço da língua majoritária, o português (PINHEIRO, 2014).

Desses objetivos, decorrem as seguintes perguntas de pesquisa:

Referente ao **1º objetivo**:

- 1a) Como se identificam os grupos (i)migrados nessa nova área e por quais critérios se dão essas identificações pelos membros das comunidades?
- 1b) Como se conservam ou se re-significam as denominações dadas aos diferentes grupos migratórios em contato?
- 1c) Como os diferentes grupos se percebem uns aos outros?
- 1d) Como especificamente o alemão é percebido na localidade?

Referente ao **2º objetivo**, tem-se as seguintes perguntas:

- 2) Como se articulam os contatos linguísticos na comunidade, considerando diferentes fatores, tais como:
 - 2a) a ordem de chegada dos (i)migrantes,
 - 2b) as semelhanças e diferenças entre as línguas e grupos percebidos pelos membros da comunidade,
 - 2c) as práticas sociais da comunidade,
 - 2d) as relações de prestígio e estigmatização entre os diferentes grupos em contato,
 - 2e) as territorialidades de uso das variedades, entendidas como espaços de maior probabilidade de ocorrência da língua.

Referente ao **3º objetivo**:

- 3a) Quais territorialidades se podem identificar para o uso do alemão e de suas variedades nos diferentes espaços da comunidade?

- 3b) Como se distribuem os espaços novos, sejam sociais ou geográficos? Isto é, como se constituem territorialidades para cada grupo de fala?

Como se vê, esses objetivos priorizam um mapeamento do estado da língua de imigração alemã e do plurilinguismo local, valendo-se das percepções dos membros da comunidade (daí recorrer a métodos da dialetologia perceptual, PRESTON, 1989, 2010) e da observação participante pelo pesquisador, complementada com métodos da dialetologia pluridimensional (THUN, 1998). Questões como a substituição das variedades alóctones alemãs, que implicariam um aprofundamento do estudo no eixo da diacronia, colocam-se em segundo plano.

Para o âmbito de uma dissertação, uma primeira caracterização de comunidades linguísticas de recente ocupação, com historiografia precária e restrito número de estudos de caráter dialetológico, até então concluídos (PHILIPPSEN, 2013) ou em fase de conclusão (FIGUEIREDO, 2013), o recorte e objetivos de pesquisa definidos nos parecem bastante adequados.

A escassez de estudos linguísticos empreendidos nessa região reflete as dificuldades encontradas pelos poucos espaços acadêmicos de pesquisa, não apenas em relação à falta de qualificação para enfrentar a complexidade que o contexto coloca até mesmo para nós, mas também pela carência de projetos das ciências humanas com apoio de agências de fomento. Nesse sentido, a presente dissertação busca contribuir para as pesquisas do ALMA-H, por se tratar de uma transposição de contexto contatual da região sul (marcado por uma gama de novos contatos e bem aclarado no ALERS) e também produzir conhecimento para a elaboração de um futuro *Atlas Linguístico-Contatual Norte Mato-grossense*.

Para atingir os objetivos propostos, obtive no âmbito do ALMA-H, a) anotações de campo recolhidas por meio da observação participante; b) *corpus*, por meio de entrevistas semi-guiadas; c) iconografias e documentos recolhidos em pesquisa de campo. Com isso, consegui um quadro da paisagem linguística local (GORTER et al, 2011) e de sua relação com a situação de contato linguístico estudada.

Esta dissertação estrutura-se, para além desta introdução, em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresento a base necessária para se compreender a situação linguística local/regional, em Porto dos Gaúchos, caracterizada pela topodinâmica dos grupos de fala e multiplicidade de contatos linguísticos devidos à ocupação recente. Servem de base, para tanto, pressupostos dos estudos de variação e contatos linguísticos, com ênfase na geolinguística, como macroanálise/dialetologia pluridimensional, e na dialetologia perceptual.

O segundo capítulo busca uma contextualização da área em estudo, apresentando dados históricos da região e sua caracterização ocupacional. Nesse momento, apresento ainda um levantamento preliminar da toponímia mato-grossense relacionada aos dois principais grupos de (i)migrantes envolvidos neste estudo: a) os rio-grandenses e b) os paranaenses (de topodinâmica não rio-grandense), através de dados de Ferreira (1997; 2008), Schaefer (1985), do IBGE⁵ (2010), entre outros.

No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa no que concerne à obtenção de dados para responder às perguntas de pesquisa colocadas. Ênfase especial é dada, de um lado, ao modo de aplicação do princípio da pluridimensionalidade à análise e obtenção de dados para a descrição do espaço pluridimensional do alemão em meio ao plurilinguismo local e, de outro lado, à produção de mapas mentais desenhados por meio das percepções dos dois grupos de fala selecionados, rio-grandenses e paranaenses. O objetivo da produção desses mapas é identificar territorialidades de uso do alemão em meio à constelação de variedades em contato na localidade.

O capítulo final, o quarto, apresenta os principais resultados da pesquisa, a serem resumidos nas considerações finais. Dividi a análise conforme os objetivos 1, 2 e 3 fixados acima.

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<http://www.ibge.gov.br/>)

CAPÍTULO 1 : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“Ce n’est pas l’espace qui définit la langue,
mais la langue qui définit son espace”⁶*
(PAILHÉ, 2007, p.70 *apud* KREFELD, 2010)

Este capítulo tem como objetivo discutir conceitos pertinentes ao campo de pesquisa de contatos linguísticos em contextos de (i)migração, pela razão de constituírem a base dos estudos sobre topodinâmica e territorialização de novas minorias no espaço pluridimensional social e geográfico (KREFELD, 2010).

1.1 LÍNGUA E DIALETO

Os termos *dialeto* e *língua*, tão usados em contextos *in vivo* e *in vitro*, possuem uma polissemia bastante ampla. Desde o grego *diálektos*, quando significava simplesmente “uma maneira de falar” (COSERIU, 1982, p. 06), o termo *dialeto* vem se popularizando para designar uma variedade desviante da norma padrão, a que historicamente esteve subordinada. Tal é o sentido que ainda guarda em expressões do tipo “eu falo o dialeto”. Posteriormente, especialmente no período áureo do final do séc. XIX, o conceito converteu-se em base de uma disciplina, a *dialetologia*, que hoje se denomina *dialetologia tradicional*, porque priorizava um tipo de dialeto-base, mais puro e mais próximo de um protótipo original (ALTENHOFEN, 2006). Da definição de um ‘modo interindividual de falar’, o conceito passou a designar, como observa Coseriu (1982, p. 10), um ‘modo comum e tradicional de falar’, em contraposição ao conceito de “língua” como “un sistema de isoglossas ‘completo’, o sea, realizáble - directa o indirectamente - como actividad lingüística, es una lengua.”⁷

No entanto, conforme pondera Coseriu (1982, p. 10), os limites desse modo comum e tradicional de falar podem ser diversos; destarte, pode-se falar da língua “de una familia, de un barrio, de una ciudad, de una región, de la lengua literaria española, [...], etcétera”. Assim,

⁶ “Não é o espaço que define a língua, mas a língua que define o espaço.” (PAILHÉ, 2007, p.70, *apud* KREFELD, 2010).

⁷ “Um sistema de isoglossas ‘completo’, ou seja, realizável – direta ou indiretamente – como atividade lingüística, é uma língua.” (COSERIU, 1982, p.10) (tradução nossa).

o conceito de “dialeto” se dissolve no de “língua”, o que permite afirmar que não existe diferença de ordem sistêmica no que concerne à língua e ao dialeto. Ambos constituem um conjunto de regras, com gramática e fonologia próprias. A diferença é de ordem histórica e social: o dialeto é, segundo Coseriu (1982), uma variedade subordinada a uma língua histórica, que pode ser vista como uma variedade eleita para ser a norma de um grupo ou nação. Por essa razão, fala-se em dialetos de uma língua, mas não é possível falar de línguas de um dialeto. Pela função social que desempenha, como língua essencialmente falada e empregada nas situações informais do dia a dia, o dialeto, além disso, goza normalmente de menor prestígio.

No contexto em que me foquei, nesta dissertação, preferi o conceito de “variedades linguísticas” ao invés de “dialeto”, ou “falar”, por constituir um termo mais neutro e que, de certo modo, resgata a noção original de “modo de falar distinto”. No caso das variedades alóctones e autóctones, a seguintes categorias de línguas minoritárias são as que me interessam particularmente, no contexto pesquisado: “línguas indígenas”, “línguas de imigração” e “variedades regionais do português”. Essas modalidades de línguas são assim denominadas pelos trabalhos da política de valorização do *Inventário Nacional da Diversidade Linguística*, do IPHAN (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011; ALTENHOFEN; MORELLO, 2013).

1.2 COMUNIDADE LINGUÍSTICA

A língua é um fator muito notado nos processos de formação de sociedades. Pessoas que sentem possuir um comportamento linguístico comum podem se considerar incluídas numa comunidade, como também podem se sentir pertencentes a mais de uma (COSERIU, 1986).

Romaine (2004) igualmente ressalta a possibilidade de se pertencer a mais de uma comunidade e a subcomunidades linguísticas ao mesmo tempo. Características/variáveis como classe social, etnia, nacionalidade ou religião favorecem diferentes “formas de pertencimento”.

Max Weber (2000), por outro lado, defende que as diferenças linguísticas não representam obstáculo para o sentimento de comunidade comum. Por exemplo, os teuto-gaúchos comumente se organizavam em sociedades de cultura alemã – identificados com o conceito de colônia (adj. colonial, área colonial) - para manter e celebrar hábitos e expressões culturais que, conscientemente, caracterizavam a comunidade local. Com a (i)migração e o

contato com outros grupos, em novos espaços de ocupação, a tendência passou a ser a de que, como minoria, os teuto rio-grandenses se unissem e se identificassem com os ítalo-, polono-, luso-rio-grandenses, gerando vínculos que os representassem como identidade unitária pela prática do “gauchismo”⁸.

Dessa parceria, surgiram os inúmeros CTGs⁹ no interior do Brasil e nos países vizinhos (OLIVEN, 2006). Como elucida Altenhofen (2014, p.72), " [...] o Rio Grande do Sul representa a *Heimat* (terra natal) atual dos falantes de hunsriqueano, sendo ainda a ‘querência’ onde os falantes mais velhos passaram sua infância e criaram raízes familiares e afetivas." Esse *Heimat* é expresso não só nas associações, mas também na paisagem linguística e nos símbolos oficiais do poder público¹⁰.

A partir dessas considerações, coloquei a pergunta sobre os requisitos necessários para definir uma comunidade linguística como tal. Coseriu (1986) sustenta que elas são essencialmente convencionais, uma vez que uma família, uma rua, um bairro, um lugarejo já podem ser considerados comunidades linguísticas. Gumperz (1993) defende que comunidades linguísticas podem consistir de pequenos grupos num contato face a face com outros ou cobrir largas regiões. Uma comunidade linguística define-se, segundo Gumperz, como sendo “any human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs and set off from similar aggregates by significant differences in language usage.”(GUMPERZ, 1977, p.219 apud CARBONI, 2002, p.45).

Outro conceito de grande relevância para este estudo é o de “comunidade de prática” (*communities of practice*), baseado em Eckert (2000). Segundo Wenger (1998 apud ROMAINE, 2004), entende-se por comunidade de prática um grupo de indivíduos que possuem identificação comum e se inter-relacionam constantemente, ou seja, um conjunto de pessoas que se reúnem num interesse comum.

No entender de Eckert (2000 apud Lara, 2013), a comunidade de prática precisa estar engajada na realização de um objetivo comum: todos anseiam por ele e todos agem para realizá-lo. Conforme alerta Lara (2013), na leitura de Eckert, as participações no grupo podem ser tanto marginais como centrais, uma vez que elas variam conforme as atividades praticadas na comunidade. Se no contexto de certo grupo, um indivíduo desempenha papel marginal, em outro ele pode exercê-lo de forma central. Certos fatores, como classe social, idade e gênero

⁸ Movimento tradicionalista, baseado na construção imaginária de uma identidade/nação em que o passado glorioso da figura do *gaúcho* é a referência central (OLIVEN, 2006).

⁹ Centro de Tradições Gaúchas.

¹⁰ Serve de exemplo a bandeira do município de Porto dos Gaúchos - MT, verde, vermelha e amarela como as cores do Rio Grande do Sul .

contribuem para que distintas formas de participação aconteçam. Os indivíduos que agem de forma central nas práticas de um grupo, tendem a influenciar as práticas sociais desse grupo.

1.3 DIATOPIA: TOPODINÂMICA E TOPOSTÁTICA

Um dos fenômenos mais comuns das populações latino-americanas é a mobilidade demográfica. Com o objetivo de não "[...] cerrar los ojos ante la vida moderna"¹¹ (RADTKE; THUN, 1996, p.38), logo que surgiu a geolinguística pluridimensional e contatual se dispôs a considerar tal comportamento móvel, na descrição da variação linguística. Thun (1996) dividiu, assim, a dimensão diatópica (areal) em duas dimensões: a) 'topostática' e b) 'topodinâmica'. Eis que "el primero incluye, de manera tradicional, los grupos de hablantes estables en un lugar, el segundo, los hablantes móviles."¹² (RADTKE; THUN, 1996, p.38).

Altenhofen (2004, "Migram os homens. E migram as línguas) observa que as paisagens linguísticas¹³ de áreas de recente colonização no Brasil são em via de regra expansões ou prolongamentos dialetais em contato, desde o ponto de partida de cada grupo migratório. Com exceção do ADDU (*Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay*), do ALGR (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*) e do ALMA-H (*Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs-Hunsrückisch*), são poucos os projetos de atlas geolinguísticos brasileiros que concedem à mobilidade demográfica, ou seja, à topodinâmica, a merecida confiança no estudo da variação. A visão tradicional busca com frequência por sujeitos topostáticos¹⁴ (THUN, 1992; 1996).

A dialetologia seguia uma tradição que ignorava os sujeitos e regiões com grande mobilidade e apenas há pouco tempo essa visão começou a se modificar. Era a busca pelo estilo de vida mais sedentário, idoso, de localidades rurais e com pouca escolaridade - *nonmobile, older, rural males* (NORMs) - (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p.29). É claro que esse critério era muito mais funcional num tempo onde as migrações não eram tão intensas e rápidas como hoje, pois a tecnologia não havia revolucionado os meios de transporte e comunicação como agora. No entanto, essa predileção pelo "antigo e tradicional" tem levado muitas vezes à omissão ou desconsideração pela pesquisa de áreas significativas,

¹¹ "Fechar os olhos diante à vida moderna" (tradução nossa).

¹² "O primeiro inclui, de maneira tradicional, os grupos de falantes estáveis num lugar, e o segundo, os falantes móveis." (tradução nossa).

¹³ Entendendo por *paisagem linguística* a visualização de certa realidade linguística dialetal num dado contexto sociogeográfico.

¹⁴ "[...] la geolinguística tradizionale preferisce, e con buoni argomenti, l'informante che sia residente stabile nella sua località e, se possibile, che possiedano la stessa stabilità, anche i suoi antenati." (THUN, 1992, p.260).

repletas de (i)migrantes. É o caso do “território incharacterístico”, ao qual faz referência Nascentes (1953[1923]), que aparece como um enorme ‘vazio’ na rede de pontos do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)¹⁵.

16Uma outra dimensão esquecida ou negligenciada/ignorada pelos projetos geolinguísticos tradicionais é a contatual. Apesar dos impulsos mais recentes (MELO, ALTENHOFEN; RASO, 2011), esse descaso pode estar vinculado, pelo menos em parte, ao mito do monolinguismo brasileiro (BAGNO, 2008).

Ao desconsiderar os contatos linguísticos e priorizar a variação da língua oficial “de uma nação” (como o português), os atlas linguísticos, salvo exceções como o ALMA-H, também desconsideram as línguas minoritárias não oficiais ou, em certos casos, as co-oficiais ou de fronteira. Em parte, isso pode estar vinculado ao fato de se considerar apenas o caráter nacionalista que busca alimentar e viabilizar a construção de uma identidade política imaginada. Como afirma Wagner (apud RADTKE; THUN, 1996, p.38), “no considerar el contacto sería ‘falsear la imagen lingüística del territorio en estudio’¹⁷. Para Radtke e Thun (1996, p.39), considerar o parâmetro contatual, principalmente no que tange ao estudo de minorias, é, desse modo, uma das grandes tarefas da geografia linguística na América Latina.

A respeito da existência de línguas de imigração europeias (além da oficial, o português), na Amazônia brasileira, distingui três grupos migratórios que possuem como ponto de partida as antigas colônias de (i)migrantes estabelecidas no período imperial brasileiro tanto na região sul, como na sudeste. Pode-se citar, pela maior evidência, três dessas minorias: a) **o hunsrückisch** (teuto-gaúcho) (ALTENHOFEN, 2013; BARROS; PHILIPPSEN, 2013); b) **o pomerano** (teuto-capixaba) (PESSOA, 1995; BEILKE, 2013) e c) **o vêneto** (italo-gaúcho) (BARROS, 2012; MARACCINI, 2014).

Por conta da ausência de inclusão dos contatos linguísticos e das migrações no estudo macrolinguístico da variação e diversidade linguística nessas áreas de colonização recente, e apesar dos avanços feitos, as novas áreas de ocupação localizadas no centro-norte brasileiro evidenciam ainda uma série de lacunas e demandas de pesquisa. A carta relativa à

¹⁵ Outro exemplo é o ALiMAT (*Atlas Linguístico de Mato Grosso*), que excluiu todos os pontos de sua região centro-norte por se tratar de uma área de ocupação recente. Veja Lima et al. (2010). Essa região caracteriza-se por uma quantidade considerável de sujeitos (entre estes muitos bilíngues em línguas alóctones) declarados nascidos na Região Sul do Brasil (IBGE, 2010, item Migração, Carta 1.1 - anexo 02). Com visão diferente da tradicional, o ALMA-H possui, nessa mesma área, dois pontos de pesquisa e considera os sujeitos topodinâmicos apenas como um outro tipo de informante. (anexo 01).

¹⁷ “Não considerar o contato seria ‘falsear a imagem lingüística do território em estudo.’” (tradução nossa)

topodinâmica das línguas alóctones, que alcançam a Amazônia brasileira (em anexo), mostra a tentativa de traçar os percursos dos três grupos citados, considerando, entre outras fontes, os dados do item “migração” do IBGE (2010).

É bem possível que, nessa era de constante migrações, seja impraticável dizer que existem comunidades totalmente topostáticas. Por essa razão, a dialetologia pluridimensional usa os símbolos /+ / e /- / para delimitar o nível diacintético de uma localidade ou região. Assim sei que, apesar de haver migrações, uma localidade como Santa Maria do Herval – RS, na Colônia Velha (*Altkolonie*), ou Porto dos Gaúchos - MT, são /+ / topostáticos que Novo Hamburgo - RS ou Sinop - MT que, ao contrário, são intensamente topodinâmicas.

Ao passar de gerações, migrar torna-se uma prática comum. Os fluxos migratórios podem ser dirigidos¹⁸ ou alternativos (JANONI NETO, 2008). Ambos se vinculam às ações do estado “para driblar as pressões sociais e econômicas que em dado momento se estabelecem em determinadas regiões, rurais ou urbanas” (JANONI NETO, 2008, p.214).

As migrações podem ser motivadas por desejos de ocupação e colonização, como também de exploração e lucro sem pretensão de se estabelecer. Há ainda as migrações sazonais, aquelas em que o deslocamento é apenas num período do ano com finalidades diversas, como a da comercialização, no caso dos praieiros nordestinos no Sul do Brasil (GEHLEN ; KOCOUREK, 2011). Ocorrem também as migrações pendulares, que acontecem em contextos intra ou inter-regionais, no caso de estudantes que moram numa localidade e diariamente se deslocam para outra ou ainda de empregados que, durante anos, vão e voltam no mesmo dia para trabalhar na cidade vizinha. Este último, por exemplo, é o caso das fábricas de sapato em Dois Irmãos - RS, que empregam funcionários de municípios e localidades interioranas próximas. Aliás, nos grandes centros, esse tipo de mobilidade é uma prática comum, e, é claro, que o fruto desses contatos tem efeitos interessantes na fala, nas percepções e atitudes linguísticas dos falantes.

Para compreender a relação entre (i)migração e língua, visando perceber a configuração linguística atual das fronteiras culturais brasileiras, é necessário uma breve recapitulação da história linguística do Brasil. No período colonial, a coroa portuguesa estabeleceu portos e injetou imigrantes lusos para povoar o litoral brasileiro e seus adentros, para assegurar o domínio das riquezas que ali foram encontradas e defendê-las dos inimigos

¹⁸ No caso do norte de Mato Grosso a colonização foi majoritariamente dirigida aos colonos do Sul e Sudeste, uma vez que as concessões de terras se centraram em empresas de origem predominantemente sulista e sudestina.

do velho mundo, principalmente os franceses, holandeses e espanhóis, que, durante certo momento, representaram alguma ameaça.

O avanço da ocupação lusa acentuaria o afastamento e o desaparecimento das variedades linguísticas autóctones, que são estimadas em cerca de 1.200 línguas (CARBONI, 2009). O período diglótico de variedades do português em meio a gigante diversidade autóctone parece ter ocorrido no Brasil no início de sua colonização. O trabalho das missões religiosas, o início do assentamento de famílias da metrópole e a chegada ‘forçada’ de inúmeros trabalhadores escravizados africanos e suas respectivas línguas contribuíram para o retrocesso da língua geral tupi.¹⁹

A constante (i)migração lusitana realimentou sua presença e acelerou o deslocamento das populações alóctones alhures do que os colonizadores conheciam. A descoberta das minas no século XVII, que fez chegar considerável contingentes da metrópole, e o processo de urbanização no decorrer do século XVIII fortalecia e consolidava a língua portuguesa “no repertório linguístico da população do Brasil” (CARBONI, 2009, p.85-127). O reflexo da ocupação lusa, de maioria oriunda do Minho e Entre-Douro²⁰ (parte norte de Portugal continental), nas Minas Gerais, pode ser visto, por exemplo, nos padrões familiares²¹ (RAMOS, 2008) ou nas raízes do catolicismo que a coroa e os imigrantes transplantaram para a região, como Carvalho e Seabra (2012) bem observam no seu estudo sobre a marcante toponímia relacionada à virgem Maria. De fato, “em Minas Gerais, a Língua Portuguesa teve um caráter centrífugo, irradiando da zona do ouro, sob a influência da Coroa e da Igreja, para outras regiões o português setecentista” (SEABRA, 2004, p.81).

As populações afro e suas línguas estiveram retidas, desde sua chegada, nos canaviais, nas minas, nas fazendas de café e estâncias de gado ou fugidas para se aglomerarem nos quilombos cada vez mais afastados, buscando isolamento e liberdade, mas não isentas dos inúmeros contatos linguísticos com a população alóctone, lusa e outros grupos de imigrantes²², assim como também com a autóctone.

¹⁹ Esse parágrafo tem como base o texto de Carboni (2009).

²⁰ “Na historiografia recente das Minas Gerais muitos avanços foram realizados na identificação da população portuguesa que partiu ao longo do século XVIII para o Brasil em busca da riqueza na exploração aurífera e diamantina. Sabe-se hoje que a maior parcela deste fluxo migratório provinha do norte de Portugal, da região do Entre-Douro-e-Minho.” (ARAÚJO, 2013, p.04)

²¹ Me refiro ao sistema de herança (PEREIRA, 2009) e “a natureza e estrutura da família do norte de Portugal eram bastante similares às encontradas em Minas Gerais durante o século XVIII e início de século XIX” (RAMOS, 2008, p.134)

²² Como o caso dos afro-pomeranos em Canguçu - RS, Arroio do Padre - RS e São Lourenço do Sul - RS (WEIDUSCHADT et al., 2013).

Com a abolição da escravatura e a industrialização, a tendência era do elemento afro ou migrar para os contextos [+] urbanos, se aglomerando nas periferias, habitando os cortiços, que posteriormente se tornariam favelas ou vilas, ou permanecer nos contextos rurais, trabalhando em regime não tão distante do anterior. A contribuição africana, na diversidade linguística brasileira, é considerável, não cabendo apenas às marcas nas variedades de português e de línguas alóctones faladas no Brasil, como também às variedades que, atualmente, os linguistas tendem a denominar de *afro-brasileiras*. Cabe citar, por exemplo, a “língua” da Tabatinga em Bom Despacho -MG, e a “língua” do Cafundó (PETTER, 2013). Contudo, como bem salienta Carboni (2009, p.86),

é forçoso destacar que, no Brasil, ao lado da profusão de estudos dialetológicos, sociolinguísticos, discursivos etc. sobre imigração europeia e, em menos quantidade, sobre as línguas americanas, são raras as pesquisas linguísticas sobre os trabalhadores escravizados, apesar de representarem uma proporção mais do que considerável da população brasileira do passado.

Os caboclos e cafuzos não se tornaram apenas uma parcela da população marginal urbana, mas principalmente rural, pois ocupariam, até outra ordem, regiões até então remotas em diversas atividades, na condição de posseiros e trabalhadores braçais.

Com a abertura dos portos para a grande imigração, no séc. XIX, os contextos urbanos e rurais se diversificariam, ampliando as possibilidades de rostos e línguas. O português passaria então a dividir espaço com mais variedades alóctones, além das variedades autóctones existentes. Anos mais tarde²³, essa situação seria associada à perda da identidade nacional, provocando políticas linguísticas de exclusão e de silenciamento das línguas de populações consideradas ‘alienígenas’²⁴.

O período da grande imigração (século XXI e XX) modificaria substancialmente a concepção do tripé-étnico brasileiro (índio, negro e branco) e a composição étnica dos grupos humanos que passaram a compor os grupos sociais. Aos negros, índios e mestiços cabia o degrau mais baixo da pirâmide social e aos lusos, o degrau mais alto, como mostra o estudo de Monsma et al. (2004) sobre a situação de negros, imigrantes e a elite lusa nos cafezais paulistas. Nesse contexto, os imigrantes estavam (*a priori*) em condição de igualdade com os negros, no que concerne ao trato da elite luso-brasileira. Nas fazendas, desempenhavam

²³ Em especial, o período ditatorial (1937-1945) em que ocorreu a campanha de nacionalização (SEYFERTH, 1997, p.95).

²⁴ Seyferth (1997, p.95) contextualiza o termo dessa maneira: “a categoria ‘alienígena’ — preponderante no jargão oficial — englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como ‘não-assimilados’, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade.”

atividades de maneira paralela com os ex-cativos, que após a abolição, eram contratados como colonos (MONSMA, 2008).

Posteriormente, a situação dos imigrantes se modificaria, pois seus descendentes conseguiram mobilidade social por participarem do sistema de colonato e migrarem para a cidade²⁵. Nas áreas urbanas tornaram-se comerciantes ou trabalhadores das fábricas por meio de um sistema de favorecimento gerido entre seus compatriotas. Tal processo, os colocaria, em grau lento ou acelerado, em pé de igualdade social com os luso-brasileiros, aqui já estabilizados, conforme o contexto regional (MONSMA, 2008).

O sul e o sudeste brasileiro foram as regiões que mais receberam imigrantes desde o período imperial. Italianos, japoneses, espanhóis, holandeses, poloneses, alemães e portugueses foram os de maior destaque na região sudeste. Alemães, italianos, ucranianos, russos, portugueses e poloneses os mais perceptíveis na região sul. A urbanização do sudeste, no que tange ao contexto paulista, principalmente, fez com que ocorresse uma acelerada assimilação da língua portuguesa pelos imigrantes e seus descendentes, por se tratar de um processo de assentamento em um espaço já ocupado. Ao contrário, nas colônias [+] isoladas e homogêneas de imigrantes no sul do país, o processo de substituição foi mais lento, o que proporcionou a existência de contextos bilíngues (ver Mapa Auxiliar IV, ALERS, ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), justamente por participarem de uma ocupação de áreas “vazias”.

Essa contextualização histórica é importante para se compreender o processo de mobilidade no Brasil, e, de modo particular, da “Marcha para o Oeste”, que pretendia ocupar os “espaços vazios” de regiões do Centro-Oeste e Amazônia brasileira. As transformações linguísticas nesses novos espaços e as territorializações específicas dessas regiões se fazem pelos desdobramentos político e social de ocupação que ocorreram nas regiões de partida dos (i)migrantes.

1.4 TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE LINGUÍSTICA

As migrações, como já mencionado, são o veículo da difusão linguística e causadoras de novos contatos. O estudo da migração se faz necessário pelo “seu importante papel na formação e fixação da língua falada em uma região.” (SEABRA, 2004, p.87). É por meio

²⁵ A formação de uma elite imigrante também foi fator essencial para a mobilidade social desse grupo, em contraste com os negros, que não possuíam uma elite para representá-los o que não os favorecia na ocupação de postos de trabalho e oportunidades de ascensão social (MONSMA, 2008)

dela que a língua pode se territorializar e tecer novas territorialidades, e, conseqüentemente, novos limites culturais e linguísticos no espaço. Esses conceitos são importantes para entender o contato entre maiorias e minorias linguísticas.

A geografia humana discute os conceitos de território e espaço de maneira muito distinta atualmente. O conceito de território tinha caráter mais político e hoje o foco se dirige às territorialidades vividas (SAHR; SAHR, 2009). Nas reflexões de Raffestin (1993 apud SAHR; SAHR, 2009), por exemplo, espaço é entendido como algo anterior à território "de certa forma dado, como se fosse uma matéria prima." (SAHR; SAHR, 2009, p.03).

Na linguística geográfica, o avanço da discussão desses fenômenos é relativamente novo. A visão tradicional de selecionar espaços topostáticos e desconsiderar o caráter topodinâmico das populações representa um impedimento para a inovação da disciplina, assim como elucida Krefeld (2010, p.471):

The mainstream of traditional dialectology stuck to this static, one-dimensional and highly selective conception of linguistic space. The result was a sterile and closed paradigm of geolinguistic work, which in the long run became isolated in the context of linguistics. To sum up, this kind of dialectology was not an appropriate paradigm for facilitating and encouraging research on more dynamic types of linguistic space or on spatial dynamics itself. For this reason, new minorities have been excluded from traditional space oriented linguistics.

No Brasil, há os estudos de Altenhofen (2014; 2013), que desenvolve uma reflexão em torno dos conceitos de territorialidade e territorialização linguísticas. Altenhofen (2014, p.73) define **territorialização linguística** como "o assentamento e delimitação de variantes e variedades linguísticas em uma determinada área de circunscrição e de domínio no espaço pluridimensional", e **territorialidade linguística** como "o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística".

Cabe ainda dividir o primeiro conceito em duas tipologias (ALTENHOFEN, 2014, p.80): a) **territorialização horizontal** e b) **territorialização vertical**. A primeira se origina do processo migratório para novas áreas, já a segunda é aquela que se dá sobre uma base territorial que já possui uma territorialidade historicamente instaurada ou a caminho de se consolidar.

Estudos como o de Pinheiro (2014) são umas das recentes contribuições para o estudo das mobilidades de minorias. Em sua tese sobre a territorialização das variedades dialetais itálicas, a autora utilizou os dados de Frosi e Mioranza (1983) para mapear o plurilinguismo na RCI (Região Colonial Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul). A localização das ilhas linguísticas numa base cartográfica revelou sua maior concentração na colônia mais velha,

reservando à *koiné* vêneta uma maior territorialização nas colônias novas e novíssimas. Todavia, não há estudos macrolinguísticos aprofundados no campo da geolinguística sobre a realidade territorial das variedades itálicas desde a fronteira do Rio Grande do Sul com Santa Catarina²⁶ em direção ao oeste e extremo norte brasileiro. Regiões que escondem verdadeiros mistérios no que tange ao contato dos dialetos italianos com outras variedades.

É possível encontrar várias maneiras de compreender os contatos linguísticos, bem como as territorializações, territorialidades e as fronteiras linguísticas. Algumas são tradicionais nos estudos dialetológicos, outras muito recentes. Um bom campo de visualização da territorialização linguística é o estudo da onomástica. Essa disciplina procura explorar, catalogar, determinar a etimologia e as mudanças e adaptações dos nomes próprios de lugares e seres.

A onomástica se divide em antropônimo e toponímia. A primeira estuda os antropônimos, ou seja, os “nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas e apelidos” (SEABRA, 2004, p.36). A segunda estuda o “léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares.” (SEABRA, 2004, p.36). Contudo, no estudos dos nomes de pessoas também se pode encontrar referências de lugares. Uma preposição, por exemplo, pode ser um indício da origem topodinâmica dos antepassados. “De Barros”, “de Oliveira”, “de Azevedo”, “de Mira”, “de Guimarães”, “de Bragança”, “de Barcelos”, “de Amorim”, “de Vasconcelos”, “de Braga”, “de Fragoso” e “de Lima” são alguns exemplos de sobrenomes (antropônimos) referentes às freguesias (topônimos) do norte e noroeste de Portugal continental.

Os topônimos e antropônimos revelam, de certa forma, um passado ou um presente de certos grupos assentados, além da territorialização de variedades linguísticas e o contato entre elas. Em último caso, uma (variedade de) língua pode sobreviver, na condição de último refúgio, em um antropônimo²⁷.

Outra linha que possibilita compreender as territorializações é a dos estudos de paisagem linguística (*linguistic landscape*). De maneira geral, assim como elucida Gorter

²⁶ Salvo o estudo de Margotti (2004), que trata da difusão do português em contato com o italiano no sul do Brasil.

²⁷ Cabe o exemplo dado pela Profa Maria Cândida T. C. de Seabra, no seu minicurso, no Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística - CIDS (Londrina, 2014). Numa pesquisa de campo, ao perguntar os nomes das vacas de seu informante, o mesmo havia nomeado de *Falua* uma das mais estimadas. Era uma denominação resistente em gerações da família do entrevistado. Ao procurar informações sobre, a pesquisadora descobriu que *Falua* era uma embarcação de transporte de pessoas no Rio Tejo – Portugal. (Anotação particular).

(2006), as pessoas pouco prestam atenção na paisagem linguística que as rodeiam. Esse tipo de objeto está, continua o autor, só recentemente chamando a atenção dos pesquisadores.

Por meio da visualização da língua no espaço público é possível compreender territorialidades e a relação de poder entre as línguas no *status* político e social de um certo espaço. A paisagem linguística também é uma ferramenta útil para revelar o mosaico do multilinguismo local e a origem topodinâmica dos falantes, o que facilita o reconhecimento de territorialidades. As placas de rua e comércios, cartazes de eventos festivos, como também escritas em lápides dos cemitérios, portais e listas telefônicas podem ser ótimas fontes para esse propósito.

Espaços sociais, como por exemplo profissões, ou setores do comércio, podem representar territorialidades de certos grupos em determinada localidade. Um exemplo é o caso da representatividade dos portugueses como proprietários de padarias no Estado de São Paulo (MATOS, 2009), os libaneses no comércio do tecido (MATOS, 2009), ou os japoneses no setor de flores (Ivoti – RS), e os italianos com a vinicultura no contexto sul-rio-grandense.

Até mesmo um estilo arquitetônico pode sinalizar territorializações e territorialidades. Cabe observar, por exemplo, que tradicionalmente as igrejas, em contexto colonial, no Rio Grande do Sul marcam, e muito, a origem étnica. Aquelas com duas torres, com predominância do estilo barroco, simbolizam a origem lusa local; com uma torre (em estilo gótico) simbolizam a origem alemã e as de campanário apartado do templo (em estilo renascentista), a presença italiana no lugarejo.

A localização geográfica de certas associações e sociedades culturais no espaço urbano também nos dizem algo sobre a ordem de chegada dos grupos migratórios. Um exemplo são os Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, nos bairros mais recentes, em Dois Irmãos – RS. Eles representam a massa trabalhadora do setor calçadista, os recém-chegados da fronteira e campanha rio-grandense, em contraste com as sociedades tradicionais alemãs, católicas e evangélicas, localizadas na *Altstad* (parte antiga da cidade), representando os ascendentes de imigrantes, os pioneiros. O mesmo acontece no caso de Sorriso – MT, entre os CTGs na região pioneira dos rio-grandenses e o CTN (Centro de Tradições Nordestinas) no bairro dos recém-chegados nordestinos, no contato pioneiros / forasteiros (CUSTÓDIO, 2005).

Um pequeno símbolo, como um brasão de municipalidade, também pode dizer muito. O que dizer do sorridente gordinho com vestes bávaras - o que é considerado tipicamente alemão - segurando um grande caneco de *chopp*, no brasão do município de Maratá-RS²⁸?

²⁸ No vale do Rio Taquari.

Outro exemplo são as esquadras de naus portuguesas nos brasões de Pelotas - RS e Porto Alegre - RS, simbolizando a herança lusitana local. A quantidade, a ordem e o lugar das iconografias de distintas territorialidades também são pontos a se considerar.

Assim como elucida Landry e Bourhis (1997, p. 25 apud GORTER, 2006, p.02):

The language of public road signs, advertising billboards, street names, places names, comercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration.

Mais adiante utilizei-me da perspectiva da paisagem linguística para sistematizar as territorialidades dos grupos e das línguas no espaço recortado por esta pesquisa.

No patamar da dialetologia atual, as discussões avançam o olhar sobre as minorias. Krefeld (2010) faz referência a uma tipologia de grupos minoritários, separando as antigas minorias (*old minorities*) das novas minorias (*new minorities*). Estas últimas, na visão de Krefeld (2010, p.468), são grupos "[...] that emerged after the formation of the nation-state". Se for considerado o contexto dos hunsriqueanos no Brasil do século XIX, é possível compreender que, no período imperial, as colônias de imigrantes alemães formaram uma antiga minoria (*old minority*), majoritariamente rural e em contextos geográficos [+] isolados, ao contrário dos hunsriqueanos da metade do século XX para XXI, que se constituem uma nova minoria, em colônias “gaúchas”, [-] isoladas, em contextos [+] urbano que rural e em contato face-a-face com o elemento luso, italiano, polonês, africano.

Um dos processos de territorialização é o da **re-migração**, que pode ser entendido como uma retro-alimentação linguística. Trata-se do processo de agregação contínua de falantes de procedência linguística comum em um novo espaço. Um exemplo é a região do Carmo em Minas Gerais. Na historiografia tradicional, atribui-se aos bandeirantes o papel de estabilizadores da língua portuguesa, mas foi a contínua chegada de famílias de imigrantes portugueses (de maioria natural do Minho e Entre-Douro) que assentou o português naquele espaço²⁹ (PRADO MENDES, 2000, *apud* SEABRA, 2004).

Esse processo de re-migração pode ocorrer em espaços de antigas minorias (*old minorities*) e de novas (*new minorities*). Contudo, estas últimas possuem mais topodinâmica, por serem caracteristicamente (r)urbanas (KREFELD, 2010), o que faz da re-migração um fator importante para a resistência e estabilidade de uma língua. Em contextos urbanos a

²⁹ “É pouco provável terem sido os bandeirantes os responsáveis pela difusão de uma língua nessa região, prefiro que o crédito desse feito seja dado ao elevado número de portugueses que para aquela região se dirigiu, conforme mostra a história.” (PRADO MENDES, 2000, *apud* SEABRA, 2004, p.80).

contínua chegada de novos (i)migrantes pode constituir “novos territórios”, e bairros inteiros podem ser percebidos com uma característica cultural própria. A língua é fator essencial para a sustentação dessa percepção.

No caso de São Paulo, por exemplo, muitos imigrantes recém-chegados acabavam se instalando diretamente na zona urbana e passavam a representar um ponto de referência, de proximidade, familiaridade e afinidade para os seus compatriotas. Primeiramente muitos eram direcionados para a lavoura, mas posteriormente se juntavam aos seus “iguais”. Assim foram se ordenando “os italianos no Bexiga, os japoneses na Liberdade, os judeus no Bom Retiro, os sírios libaneses na Vinte e Cinco de Março, os portugueses em Santana e no Sumaré, [...]” (MATOS, 2009, p.416). Não se pode esquecer a importância de algumas práticas de agregação e avizinhamo de familiares e compatriotas, como, por exemplo, as cartas de chamamento³⁰, com as quais os imigrantes enviavam notícias, ordenando a vinda do parente que a recebesse (MATOS, 2003; SIQUEIRA, 2010).

As novas minorias de contextos microurbano, como, por exemplo, o caso dos *Catarinenser* (teuto-catarinenses) em face dos teuto-rio-grandenses em Feliz – RS (ALTENHOFEN, 2014), ou os nordestinos em relação aos japoneses em Assaí - PR (SILVA, 2004), ou ainda os pernambucanos face aos gaúchos em Lucas do Rio Verde - MT (ROCHA, 2010) mostram-se como uma nova possibilidade de estudos linguísticos contatuais na dialetologia contemporânea.

1.5 GEOLINGUÍSTICA, DIALETOLOGIA PERCEPTUAL E METODOLOGIA DE ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL

Com origem na Europa, a geografia linguística se concretiza como linha de estudos com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), fruto dos trabalhos de Gillierón e Edmont. Tal obra se apresentava como a reunião de um rico material linguístico, recolhido por Edmont e copilado pelo suíço Gillierón, “ofrant toutes garanties scientifiques, l’étude comparative des patois romans de France”³¹ (DAUZAT, 1922, p.06). Contudo, cabe lembrar que o atlas da França foi precedido de importantes trabalhos de cartografia linguística de línguas germânicas, como aquele empreendido por Wenker (DAUZAT, 1922).

³⁰ “Os imigrantes ao chegar contavam com o apoio dos parentes ou conterrâneos já radicados, sendo prática mandar chamar parentes, conhecidos, jovens da aldeia para ajudar nos negócios, eram considerados de confiança.” (MATOS, 2009, p.428).

³¹ “[...] oferecendo todas as garantias científicas, o estudo comparativo dos dialetos romanos da França.” (tradução nossa).

Como bem assinala Coseriu (1991), o objetivo tradicional da linguística geográfica é

[...] el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitária em uma red de puntos de um território determinado, o, por ló menos, tiene em cuenta la distribución de las formas em el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados” (COSERIU, 1991 p.103).

Contudo, essa visão tradicional, em que se inquiria apenas formas lingüísticas nos métodos geolinguísticos, mudou substantivamente. Nos atlas atuais, se inquire questões relativas a atitudes, como, por exemplo, a consciência metalingüística³² dos falantes a respeito de sua(s) língua(s) e a(s) do(s) outro(s).

Dentro da dialetologia, surgem também os estudos de mapeamento mental da diversidade lingüística. Trata-se de uma metodologia que tem como *corpus* de análise a percepção dos falantes a respeito da variação lingüística no espaço, ou seja, a percepção de sua língua e a do outro na diatopia. Outra denominação para essa área de estudo é *Folk linguistics* (PRESTON, 1989).

Como bem elucida Cassidy (apud PRESTON, 1989), as pessoas de certa localidade sempre constroem um mapa mental dos vizinhos próximos e distantes, composto geralmente de estereótipos, consciência de diferenças étnicas, origem geográfica e principalmente modos de falar. É no interesse de saber se os sujeitos falantes percebem as fronteiras dialetais que a geolinguística perceptual doa “[...] la parole aux protagonistes du fait dialectal pour leur demander si des frontières existent dans leur perception de leur space dialectale”³³ (CONTINI, 2006, p.42).

Os estudos de mapeamento perceptual são, portanto, grandes colaboradores para as pesquisas de atitudes lingüísticas e onomástica, uma vez que os acontecimentos histórico-sociais refletem-se na valoração das línguas e na forma de denominá-las. Além disso, no que tange aos estudos dialetológicos, a geolinguística subjetiva não aparece como concorrente da objetiva, mas sim para complementar a outra (CONTINI, 2006, p.44).

Nos estudos tradicionais da dialetologia perceptual, as perguntas realizadas pelos inquiridores gravitam entre: “Em quais lugares de sua região se fala o seu ‘dialeto’ ou um semelhante ao que você fala?”³⁴, ou, “Em que lugares de sua região se fala um ‘dialeto’

³² A exemplo a atitude dos paraguaios em relação ao guarani (THUN ; AQUINO, 1999).

³³ “[...] a voz aos protagonistas do fato dialetal para lhes perguntar se existem fronteiras em sua percepção do espaço dialetal” (tradução nossa).

³⁴ “In which places in your area does one speak the same or about the same dialect as you do?” (PRESTON, 1989, p.10)

definitivamente diferente do seu?”³⁵ (PRESTON, 1989, p.10) Nesse estudo optou-se por perguntar “qual grupo de outra cultura reside aqui na localidade, onde estão?”, uma vez que, no contexto estudado, não há uma zona tradicional de fala devido à caracterização topodinâmica dos falantes numa área recém ocupada.

Parece claro que, em áreas de uma larga história de contatos linguísticos e assentamento de *old minorities* (PUSCH, 2010), tais questões sejam muito eficazes para compreender as fronteiras linguísticas mentais dos falantes, no que concerne à diversidade linguística. Todavia, nesta pesquisa, decidi elaborar questões que revelem a espacialidade do multilinguismo que rodeia as variedades de alemão em Porto dos Gaúchos - MT por meio de perguntas que gerem denominações para os grupos e possam determinar suas correlações com as territorialidades no espaço.

Tal decisão se deve ao fato de que o foco deste trabalho se volta para as novas minorias (*new minorities*), que se acomodam numa recente constelação de contatos, nos espaços disponíveis. Dessa forma, as denominações de grupos, por fatores sócio-políticos e linguísticos, se mostram potencialmente úteis para compreender a dinâmica das territorialidades num espaço “transnacional”.³⁶ (JACQUEMET, 2010).

Construída na base inteiramente areal, a geolinguística/ dialetologia tradicional, de visão monodimensional, produziu, durante seu apogeu, desde grandes atlas linguísticos nacionais, como os Atlas Linguísticos da França, da Itália, Romênia ou Colômbia, até atlas de caráter regional como o da região de Friuli -Venezia Giulia (Itália), da Catalunha (Espanha) e de Andorra, de Porto Rico, no sul chileno, entre tantos outros.

Durante esse percurso, novas disciplinas da linguística se estabeleceram na discussão acadêmica, como a linguística de contato e a sociolinguística, mas foram negligenciadas pelo modelo monodimensional da geografia linguística. Tal fato representou uma crise nos estudos geolinguísticos que culminou na formação de verdadeiros “cemitérios de atlas geolinguísticos” (RADTKE; THUN, 1996), sistematicamente levados a cabo pelo empobrecimento de suas próprias possibilidades³⁷ (THUN, 1998, p.368).

Os inúmeros fatores extralinguísticos, como as classes sociais, gênero e mobilidade sócio-geográfica começam a ter, portanto, mais espaço nos estudos geolinguísticos. Assim, abre-se o olhar para a pluridimensionalidade na relação língua-espaço. O que permitiu que

³⁵ In which places in your area does one speak a definitely different dialect than you do? (PRESTON, 1989, p.10)

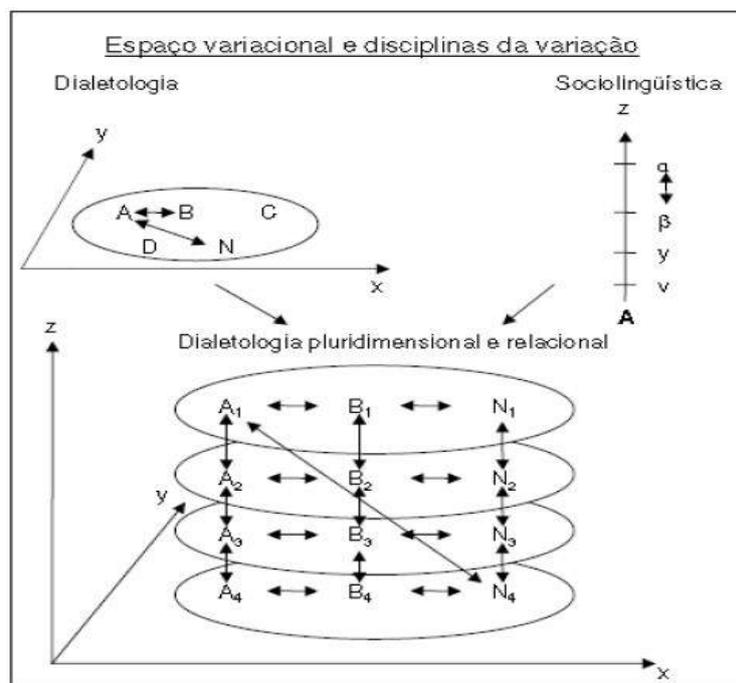
³⁶ No sentido de que essas minorias migraram de um espaço tradicional e antigo, o que se assemelha à ideia de uma nação.

³⁷ Parágrafo feito com base nas palavras de Thun (1998).

fatores anteriormente ignorados por essa linha, passassem a ser a inovação disciplinar numa tentativa de superar os desafios que as outras linhas impuseram.

Na proposta metodológica de Harald Thun (2010), a dialetologia pluridimensional e relacional se sustenta numa base tridimensional, para a qual, historicamente separadas, confluem a Dialetologia areal e a Sociolinguística. Como se pode ver abaixo, a superfície bidimensional da Dialetologia tradicional somada à verticalidade da Sociolinguística constituem um eixo tridimensional de análise.

Figura 02 - Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional



Fonte: THUN, 1998.

Utilizada neste estudo, algumas dimensões de análise são altamente funcionais nos estudos da percepção de grupos linguísticos no espaço. Entre elas estão:

A **diatópica topostática**: informantes relativamente estáveis (por exemplo: os nascidos na localidade).

A **diatópica topocinética**: informantes móveis (por exemplo: os (i)migrantes recém-chegados)

A **dialingual**: a coexistência de línguas representadas por seus grupos, como os paranaenses e os teuto-gaúchos, no caso deste estudo.

A **diageracional**: a variação perceptiva da geração mais velha de certo grupo comparada à geração dos jovens do mesmo grupo.

A **diarreferencial**: comparação, por exemplo, de comentários metalinguísticos entre gerações ou entre grupos linguísticos distintos.

A **diafásica**: confrontação de dados obtidos de questionário com dados de conversa livre.

Como será mostrado, no terceiro capítulo, algumas dessas dimensões foram selecionadas para a aplicação de um questionário, composto de duas partes, que tinha como propósito delimitar as possibilidades de contato linguístico na localidade de Porto dos Gaúchos e seu entorno, identificando a constelação de grupos linguísticos que estava em contato com uma minoria de teuto-gaúchos.

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PESQUISA

Esse capítulo vai se ocupar da caracterização do espaço estudado, expondo, de maneira sucinta, a origem dos grupos migratórios territorializados em torno e na MT01. Um procedimento essencial para compreender a constelação de diversidade linguística em que se encontram inseridas as variedades de alemão e português. Para isso, vou expor alguns excertos historiográficos, além de dados do ALERS, e iconografias recolhidas em campo que auxiliam a compreender a multiculturalidade/multilinguismo em questão.

2.1 MATO GROSSO E PORTO DOS GAÚCHOS (MT01): CONTEXTO HISTÓRICO

Espaço que, no período colonial, esteve na linha imaginária do Tratado de Tordesilhas (1494), firmado entre Portugal e Espanha, o Mato Grosso passa a ser um palco de ocupação dos bandeirantes paulistas consolidado com a fundação *do Arraial de Bom Jesus de Cuiabá* (1719) e de *Vila Bela da Santíssima Trindade* (1752). A corrida do ouro, que, no período colonial, atraiu inúmeros (i)migrantes para essas terras, logo foi sucedida pela exploração da borracha, a pecuária extensiva e a erva mate.

A colonização do tipo planejada e controlada pelo Estado e de empresas particulares só versará sobre essas terras no início do séc. XX, quando os espaços considerados “vazios” passam a ser de grande interesse tanto de instituições estatais quanto de iniciativa privada. A “Marcha para o Oeste”, instituída por Vargas (1940), propõe a ocupação desse espaço através de concessões de terras para empresas interessadas no desbravamento da Amazônia. É nesse contexto que a Gleba Arinos, ponto de nossa pesquisa, é fundada (1954) e passa ser ponto de assentamento e passagem para muitos (i)migrantes que para lá se direcionam.

A Gleba Arinos, hoje município de Porto dos Gaúchos, representa o ponto MT01 na rede de pontos do ALMA-H. É importante dizer que esse ponto, tão distante da matriz de origem dos teuto-gaúchos, possui um tempo de ocupação similar aos localizados no Paraná ou Paraguai (1940-1950), regiões bem mais abaixo no mapa e bem mais próximas da *Mutter Kolonie* (Colônia Mãe) no RS.

Porto dos Gaúchos se localiza na parte noroeste de Mato Grosso, região identificada, de maneira *in vivo* por seus habitantes como o “Nortão”, que tem como maior ponto de referência econômica e industrial a cidade de Sinop - MT (a 130km de P. dos Gaúchos).

Figura 03 - Localização de Porto dos Gaúchos - MT.

Fonte: IBGE 2010¹

38Fonte: Wikipedia³⁹

A Gleba Arinos foi empreendimento da Colonizadora do Noroeste-Mato-grossense (CONOMALI) de propriedade dos Irmãos Meyer Ltda. Nasceu da ideia de aceitar o convite dos governos presidenciais, em destaque Getúlio Vargas (1940), que incentivava a ocupação da Amazônia em troca de auxílios financeiros prometidos. Além disso, havia o incentivo do governo mato-grossense, que tinha interesse em conceder grandes áreas (glebas) para empresas de colonização particular, como política de ocupação dos espaços ditos como “vazios”.

A CONOMALI tinha sua sede em Santa Rosa - RS, na região das Missões. Essa referida área se localiza na porção noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e representa, junto com o Alto Uruguai Gaúcho, a área de fronteira agrícola mais tardia desse Estado federativo. Após as missões jesuíticas, caboclos chegariam à região como posseiros. Estes eventualmente seriam empurrados para adiante, dando lugar à colonização capitalista que atrairia camponeses alemães (e gerações descendentes) das antigas colônias do Vale do Sinos,

³⁸ <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510680>

³⁹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_dos_Ga%C3%BAchos (Acesso 11.11.2014)

Caí e Taquari, além de italianos vindos das antigas colônias localizadas na Serra Gaúcha ou da 4ª colônia próxima de Santa Maria, e austríacos, poloneses, russos, suecos e judeus de imigração direta.

A família Mayer, de origem teuto-russa, se estabilizou no interior de Santa Rosa. Era de sua propriedade a CONOMALI, que fundou a Gleba Arinos com o objetivo de atrair colonos, inicialmente, das localidades do entorno de Santa Rosa, como Cerro Largo e Santo Cristo, mas posteriormente aqueles que estavam de passagem por Santa Catarina e Paraná. Para isso, foram feitos anúncios em jornais do interior do Rio Grande do Sul, *folders* em língua alemã *standard*, e matérias jornalísticas que relatavam o andamento da colonização.

O núcleo inicialmente seria às margens do Rio Arinos, posteriormente iria para uma localidade mais interiorana, o que efetivamente não aconteceu. A tentativa de assentar católicos e luteranos em núcleos separados também não obteve sucesso. A crise da colonização foi devida à qualidade da terra, à distância do centro econômico mais próximo, Cuiabá - MT, e ao isolamento. Tudo isso provocou a volta de muitos (i)migrantes às suas origens (os retornados) ou a estabilização em localidades abertas posteriormente, como Juara - MT.

A partir da década de 1970 muitos projetos de colonização foram implantados no norte de Mato Grosso, o que despertou uma segunda fase da colonização da MT01. Nesse momento, começam a chegar mais (i)migrantes, constituídos, majoritariamente, de paranaenses de origem topodinâmica não sul-rio-grandense. Uma das razões para isso é o fato de que a maioria dos projetos colonizadores vizinhos a MT01 foram administrados por empresas com experiências de colonização na região do Paraná moderno (CARDOSO ; WESTPHALEN, 1986). Cito, por exemplo, a colonização de Juara - MT e Novo Horizonte do Norte - MT pelo empresário “Zé Paraná”. Outro exemplo é a colonização das cidades de Vera, Santa Carmen, Cláudia e Sinop, no Mato Grosso, pela Colonizadora Sinop, de propriedade do ítalo-paulista Sr. Enio Pipino, que já havia fundado 18 municípios, no noroeste e sudoeste do Paraná (SCHAEFER, 1985, p.60). Essa percepção será aclarada mais à frente, quando for discutida a territorialização dos grupos linguísticos no espaço de MT.

Historiografias sobre o norte e noroeste mato-grossense afirmam a presença de uma maioria de sulistas nessas regiões e dados do IBGE, de 2010, realmente confirmam os apontamentos historiográficos. No entanto, para entender o multilinguismo nessa região e, em específico, o caso do MT01 e seu entorno, não se pode observar apenas a noção geográfica estrita, a qual se prendem o IBGE e a historiografia, mas também a procedência primária dos (i)migrantes, que nem sempre está relacionada à partida da Região Sul ou Sudeste do país.

2.2 MARCAS SULISTAS NA TOPONÍMIA REGIONAL

Estudos onomásticos em Mato Grosso se resumem, fundamentalmente, naqueles feito pelo historiador João Carlos Ferreira *Cidades de Mato Grosso: origem e significado* (2008) e *Mato Grosso e seus municípios* (1997), desconheço trabalhos mais detalhados produzidos por linguistas e toponimistas.

Como elucida Frosi ; Mioranza (1983), não há povo que (e)migra que não leve ao novo território o seu sistema linguístico materno. Este bem linguístico sobrevive, em último caso, nas denominações dadas ao espaço e ao universo cultural. Os imigrantes alemães, por exemplo, se radicaram no Rio Grande do Sul e nomearam algumas de suas localidades com nomes que evocam as localidades de origem: Nova Hartz, Novo Hamburgo, Westfália, entre outras. O *Heimat* (terra natal), que antes era a Alemanha, em contexto de áreas novas, é o Rio Grande do Sul. De toda forma, é da natureza do homem lembrar de suas origens e querer ou não recordá-las.

Assim, com o objetivo de observar a espacialização dos então “sulistas”,⁴⁰ busquei encontrar evidências na toponímia local que indicassem algo sobre a origem topodinâmica dos (i)migrantes, considerando todas as microrregiões do Mato Grosso. Auxiliado pelos dados dos historiadores e das referências existentes na base de dados do IBGE, selecionando apenas nomes de municípios e vilarejos - considerados distritos -, consegui encontrar topônimos relacionados ao universo cultural e linguístico da Região Sul. Tais topônimos são, em sua maioria, *corotopônimos*⁴¹, *cronotopônimos*⁴² e *etnotopônimos*⁴³, sendo que a reunião destes constitui o que chamo de ‘**toponímia da saudade**’⁴⁴. Eles foram divididos em três grupos distintos: a) topônimos relacionados à [+] topodinâmica rio-grandense, b) topônimos relacionados à [+] topodinâmica paranaense e c) topônimos de classificação imprecisa, uma

⁴⁰ Maneira mais subjetiva na historiografia para se referir aos colonos pioneiros da região.

⁴¹ “Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.” (DICK, 1990, p.32).

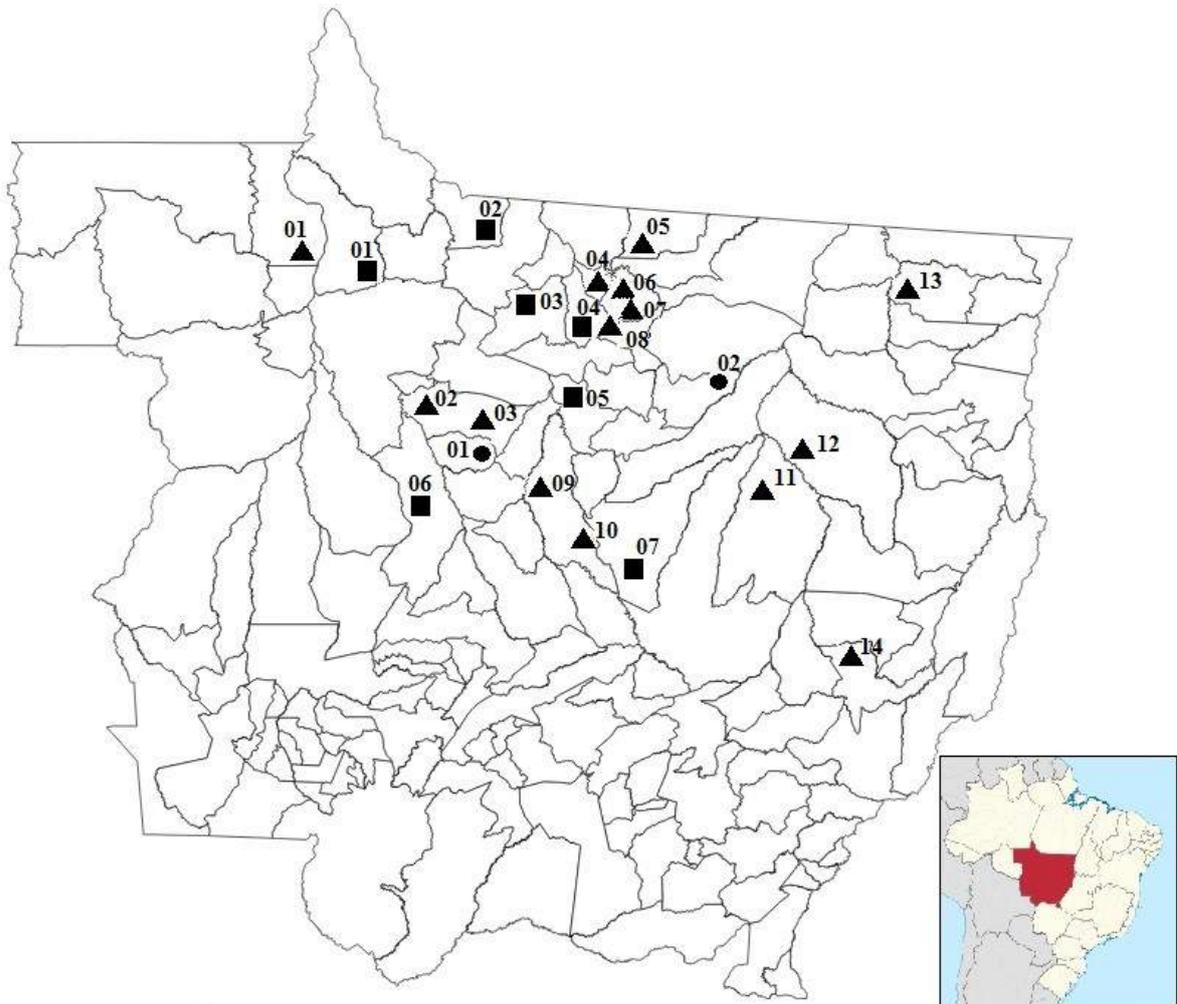
⁴² “Topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.” (DICK, 1990, p.32).

⁴³ “Topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). (DICK, 1990, p.33).

⁴⁴ Um exemplo é a constelação toponímica da Região do Carmo – MG, descrita por Seabra (2004), que remete ao ponto de partida das famílias portuguesas vindas do Minho e Douro. “[...] *Barreto, Cunha, Fragoso, Gama, Gesteira, Frazão, Correia, Godinho, Magalhães, Melo, Pimenta, Salazar e Vasconcelos* são topônimos encontrados na Região do Carmo e citados por LEITE DE VASCONCELLOS (op. cit) referentes a localidades pertencentes ao norte de Portugal.” (SEABRA, 2004, p.320)

vez que estão relacionados à região sul, mas sem marcador diatópico. É possível vê-los representados no quadro abaixo:

Figura 04 - Topônimos Sulistas no Norte de Mato Grosso



▲ **Topônimos rio-grandenses:** 1. Cotriguaçu; 2. Porto dos Gaúchos; 3. Novo Paraná; 4. Nova Guarita. 5. Cotrel; 6. Vila Nonoai do Norte; 7. Vila Planalto 8.; Vila Xanxerê 9. Sorriso; 10. Caravaggio; 11. Gaúcha do Norte; 12. Querência; 13. Veranópolis do Araguaia; 14. Nova Xavantina

■ **Topônimos paranaenses:** 1. Nova Bandeirantes; 2. Paranaíba; 3. Colorado do Norte; 4. (Gleba Cafezal) Colider; 05. Sinop; 6. Nova Maringá.; 7. Nova Ubitatã; 8. Santa Rita do Trivelato.

● **Topônimos sem classificação precisa:**
1. Simione; 2. União do Sul

Fonte: Elaborado pelo autor - Carta base: Wikipédia.

A concentração dos topônimos de tal universo cultural na região, a partir da região centro-norte para cima, apenas confirma tanto os dados da historiografia, quanto os do IBGE, 2010, no que concerne à origem topodinâmica dos (i)migrantes. Cabe lembrar, também, o

representativo número de topônimos relacionados a denominações de origem indígena, como por exemplo: Juína, Juara, Tabaporã, Tapurah, Apiacás, Juruena, que não estão presentes nessa relação.

Quadro 01 – Topônimos do norte de Mato Grosso e breve descrição historiográfica

TOPÔNIMO	Descrição historiográfica
Novo Paraná	Distrito de Porto dos Gaúchos - MT, topônimo posterior ao “25” ⁴⁵ de “25 de Julho” que era <i>in vitro</i> , mas hoje é utilizado apenas de modo <i>in vivo</i> .
Porto dos Gaúchos	Denominação dada pelos garimpeiros e seringueiros que passavam pelo rio. O nome faz alusão ao porto dos moradores pioneiros da Gleba Arinos.
Paranaíta	"Segundo a prefeitura municipal, o topônimo homenageia o Estado do Paraná, de onde veio grande parte dos habitantes do lugar, acrescido do sufixo ‘ita’ que significa pedra." (FERREIRA, 2008, p.154).
União do Sul	"[...] União do Sul, em homenagem ao espírito agregador da comunidade e em referência à região sul do Brasil, de onde veio a maioria do povo união sulista." (FERREIRA, 1997, p.635)
Sinop	Denominação originada da colonizadora Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (SINOP). (IBGE, 2010) ⁴⁶
Sorriso	Uma das explicações do nome é ‘sò riso’ (só arroz) na <i>koiné</i> vêneta, segundo o colonizador Claudino Francio em entrevista ao Projeto Memória (FERREIRA, 2008, p.217).

⁴⁵ “Novo Paraná, mais conhecido como ‘25’, é uma comunidade pacata no município de Porto dos Gaúchos, e que praticamente nem aparece no mapa, [...]” **Fonte:** <http://www.portonoticias.com.br/porto/7804/Em-entrevista-escriptor-de-%E2%80%9D-Diva-do-Borracheiro%E2%80%9D-uma-historia-que-se-passa-em-Novo-Parana-em-Porto-dos-Gauchos-fala-sobre-o-livro>. (Data de acesso: 04.11.2014)

⁴⁶ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510790;search=|sinop>.

Gaúcha do Norte	“A denominação Gaúcha do Norte, [...], é referência à Colonizadora Gaúcha, que povoou a região. Esta empresa tem suas origens na cidade paranaense de Cascavel, onde seus diretores possuíam uma rede de lojas de departamentos chamada Casa Gaúcha,[...]” (IBGE 2010) ⁴⁷ .
48Querência	“A denominação de Querência foi escolhida para marcar o cunho gaúcho da migração, pois é nome típico das plagas sulinas, ligado à tradição cultural dos primeiros moradores do lugar, os gaúchos.” (IBGE, 2010)
Colorado do Norte	Distrito de Nova Canaã do Norte - MT, denominação alusiva ao município de Colorado, no norte do Paraná. Fonte: Descrição de populares (Caderno de Campo, 22/07/14)
Nova Bandeirantes	Alusivo ao município de Bandeirantes - PR, "A denominação Nova Bandeirantes é uma homenagem à cidade de Bandeirantes. Especialmente pela origem de seu fundador, Daniel Meneguel, que, apesar de paulista, tem suas raízes fincadas na cidade paranaense de Bandeirantes." (FERREIRA, 1997, p.456).
Nova Guarita	Alusivo ao município de Guarita - Rio Grande do Sul. (SCHAEFER, 1985 p.84)
Vila Xanxerê	Alusivo ao município de Xanxerê – SC. A vila é uma localidade de Terra Nova do Norte –MT (SCHAEFER, 1985 p.84).
Caravaggio	Distrito no interior de Sorriso - MT, alusivo à N. Senhora do Caravaggio, santa italiana. Fonte: Descrição de populares (Caderno de Campo, 19/06/14)
COTREL	Distrito de Guarantã do Norte – MT, alusivo à Cooperativa Tríticola de Erechim – RS / COTREL (SCHAEFER, 1985 p.59).
Nova Maringá	“Sr. Antonio José da Silva que deu origem ao município de Nova Maringá, português de nascimento, que deixou a cidade de Maringá no norte do Estado do Paraná, para estabelecer raízes

⁴⁷Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510385;search=mato-grosso|gaucha-do-norte|infograficos:-historico> (Data de acesso: 04.11.14)

⁴⁸ <http://www.querencia.mt.gov.br/Historia/>

	<p>nesta porção territorial mato-grossense.</p> <p>Em 26 de agosto de 1969, Antonio José da Silva lançou as bases de fundação da localidade, à qual deu o nome de Nova Maringá. O nome escolhido pelo colonizador faz homenagem à cidade de Maringá.” (IBGE 2010)⁴⁹</p>
Nova Ubiratã	<p>Uma das explicações do topônimo "afirma que a origem do nome é homenagem à cidade de Ubiratã, localizada na região centro-oeste do Estado do Paraná. Vieram de lá, [...], os primeiros colonos que habitaram essa região." (FERREIRA, 2008, p.146)</p>
Vila Nonoai do Norte	<p>Alusivo ao município de Nonoai - Rio Grande do Sul. Antiga agrovila de Terra Nova do Norte – MT, hoje é distrito de Nova Guarita – MT (SCHAEFER, 1985 p.84).</p>
Vila Planalto	<p>Alusivo ao município de Planalto - Rio Grande do Sul. Antiga agrovila de Terra Nova do Norte – MT, hoje é distrito de Nova Guarita – MT (SCHAEFER, 1985 p.84).</p>
Vila Simione	<p>Segundo populares, a denominação vem da fazenda da família ítalo-brasileira Simione. Distrito de Itanhangá.</p>
Santa Rita do Trivelato ⁵⁰	<p>Homenagem à Colonizadora Trivelato do Estado do Paraná. (FERREIRA, 2008, p.194) .</p>
Gleba Cafezal	<p>Antiga denominação do atual município de Colider - MT</p> <p>"Tal a procura de terras, que em 1974, quase toda a Gleba Cafezal fora ocupada. Programou-se, então, a cidade. Os colonos levantavam as casas do mesmo modo como no Paraná" (FERREIRA, 2008, p.66)</p>

Fonte: o próprio autor

Como ressalta Rego (2013, p.29), a nomeação de lugares pode ser motivada por distintos fatores, tanto religioso, como histórico, físicos, etc. No nosso caso, a maioria dos topônimos estão relacionados às antigas localidades deixadas pelos (i)migrantes no Sul do país, como Nonoai do Norte, Planalto, Cotrel, Vila Xanxerê, Colorado do Norte, Nova Bandeirantes, Nova Maringá, Nova Ubiratã, Nova Guarita.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510890;search=mato-grosso|nova-maringa|infograficos:-historico>>. (Acesso em: 04.11.14)

⁵⁰ Classificamos como topônimo paranaense, mas encontramos a informação sobre a origem topodinâmica da Colonizadora Trivelato.

De ordem religiosa (*hagiotopônimo*), há o *Caravaggio*, para o qual não encontrei uma descrição em Ferreira (2008; 1997), nem nos dados do IBGE (2010). Contudo, por base na descrições de populares, a localidade, que é distrito do município de Sorriso – MT, recebeu o topônimo como homenagem a Nossa Senhora do Caravaggio, santa de devoção dos ítalo-brasileiros⁵¹.

A toponímia também se mostra interessante quando observada numa perspectiva micro. A toponomástica urbana, por exemplo, é um estudo que possibilita ver a presença de minorias e suas línguas, como o caso dos italianismos nas ruas e avenidas de Belo Horizonte, no estudo de Figueiras (2011). Porto dos Gaúchos, Sorriso e Lucas do Rio Verde podem ser um exemplo de *corpus* importante para os estudos de territorialização, em especial, no que concerne à correlação da diminuição das denominações de ruas relacionadas aos municípios sulistas no contínuo da região [+] velha para as áreas [+] novas da cidade com a territorialização dos sulistas, sudestinos e nordestinos. A copresença de italianismos, lusismos, africanismos, entre outros, na toponímia urbana dessa região se constitui objeto revelador para estudos futuros de territorialidade linguística.

2.3 O NORTE MATO-GROSSENSE: em busca da caracterização de um “território [de português supostamente] incharacterístico”

O norte mato-grossense, como mencionado na introdução, situa-se em uma área que linguisticamente, ou dialetologicamente, é designada por Antenor Nascentes (1953) como ‘território incharacterístico’, uma vez que não possuía à época de sua exposição sobre o ‘linguajar carioca’ uma configuração característica do português, ou melhor uma variedade dialetal do português segundo os pressupostos da dialetologia tradicional.

Outra é a perspectiva de caracterização desse “território”, se for utilizada a concepção de língua da dialetologia pluridimensional, como um fato social dinâmico, que varia sua configuração conforme uma série de fatores (RADTKE; THUN, 1996). Especificamente nessa área do norte mato-grossense, esses fatores incluem: a) as migrações das variedades e grupos linguísticos; b) os contatos linguísticos decorrentes dessas migrações; c) o plurilinguismo subjacente a esse contexto, que inclui a presença de populações indígenas e de (i)migrantes.

⁵¹ São necessários estudos toponímicos aprofundados para se verificar a veracidade desse dado.

Com o propósito de descrever alguns grupos linguísticos que estavam ou chegaram nessa região, apresento a seguir dados bibliográficos e de pesquisa de campo (paisagem linguística) que auxiliam na caracterização. Os dados permitem visualizar a presença desses grupos migratórios na área de contato linguístico na qual se insere Porto dos Gaúchos – MT.

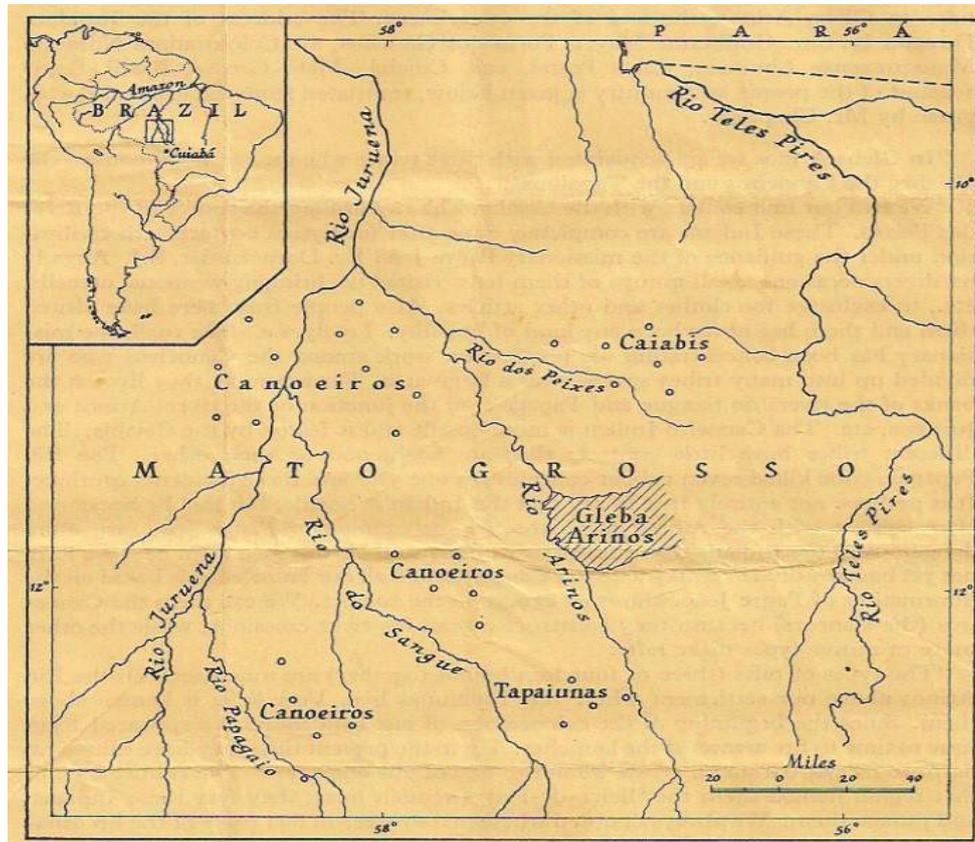
2.3.1 Os indígenas

"Índio pacificado, território liberado" (SILVA, 2005)

Até período entre 1940 e 1950 não havia notícia de colonização pública ou particular na porção norte do Estado de Mato Grosso, a não ser a presença de garimpeiros e seringueiros na região. As primeiras informações sobre a flora, a fauna e a presença indígena, na Amazônia mato-grossense, foram dadas por meio das expedições feitas por estrangeiros em busca de revelar e registrar novas informações para a ciência.

No Vale dos rios Arinos, Juruena e Teles Pires, a historiografia relata a presença de cinco povos indígenas, são eles: Kaiabí, Apiaká, Akerore (Panará), Rikbatsa (canoeiros) e Tapaiunas (beijo de pau). Especificamente na área onde hoje está localizado o município de Porto dos Gaúchos e em seu entorno encontrava-se a fronteira de três povos: Rikbatsa (canoeiros), Kaiabí e Tapaiunas (Beijo de pau) (SCHMIDT, 2013). O mapa a seguir foi desenhado pelo pesquisador americano Hasenack (1960), que esteve na Gleba Arinos em 1959

Figura 05 - População autóctone no entorno da Gleba Arinos



Fonte: HASENACK, 1960

Para Silva (2005), a região norte mato-grossense era um verdadeiro “país indígena”. Alguns registros escritos e cinematográficos de expedições pelo interior podem comprovar essa afirmação. É importante salientar que as obras de historiografia dessa região são extremamente pobres no que tange à descrição da presença autóctone. Em parte, se deve à razão de que a maioria das colonizadoras que ali chegaram não encontraram tanta presença desses povos, justamente por terem iniciado seus projetos após as ações de distintos setores que culminaram no afastamento, desaparecimento ou transferência dos ameríndios para determinados espaços.

Cito, por exemplo, as entidades religiosas que trabalharam com a catequização dos índios e sua forçada assimilação ao modo de vida do colonizador. Parece estranho escutar sobre missões jesuíticas oficiais, nos meados do século XX, mas de fato isso aconteceu em regiões do centro-oeste central aproximadamente entre as décadas de 1930 e 1960. Elas marcaram o início da assimilação e marginalização dos povos indígenas regionais (SILVA, 2005).

Atualmente, os indígenas, que outrora estavam por toda região, estão num acelerado processo de encapsulação, limitados às áreas reconhecidas oficialmente como terras indígenas ou entregues à ex/inclusão na vida urbana. Sobre as línguas indígenas dessa região do vale do Arinos, conheço o estudo de Pioli (2010) que trata da análise dos sintagmas fonológicos da língua Rikbaktsa.

2.3.2 Os (i)migrantes

Com o objetivo de compreender a territorialização linguística no ponto de pesquisa, Porto dos Gaúchos - MT, me propus a fazer um levantamento do passado etnolinguístico e topodinâmico dos (i)migrantes que estão presentes na região. Para isso, entendi que a coleta de imagens no espaço público, *corpus* utilizado nos estudos de paisagem linguística (*linguistic landscape*), se constituiriam um excelente subsídio para localizar e caracterizar os pioneiros e os (i)migrantes tardios, além de propor isoglossas no espaço micro e macroanalítico da MT01 (ALMA-H).

Em relação às designações étnicas, optei por seguir as que o ALERS fornece no *Mapa Auxiliar IV do Plurilinguismo*. Concluí que seria subjetivo utilizar apenas as denominações *in vitro* (nordestino, catarinense, gaúcho) como tradicionalmente faz a geolinguística e sociolinguística. Acredito que são válidas, mas que, de certa maneira, são termos que excluem o caráter multilíngue existente em todos os estados brasileiros, além de desconsiderar o caráter topodinâmico das identidades.

Na pesquisa de campo, concluí que o caráter plurilíngue de certos grupos proporcionava, nas denominações *in vivo*, pluralidade no nomear. Por exemplo, em Porto dos Gaúchos, o uso do alemão dialetal na história do cotidiano urbano daquela localidade produzia, na percepção dos “outros”, a manutenção da denominação “alemão” e, de certo modo, uma sobreposição desta à denominação “gaúcho”, uma vez que a maioria dos então “gaúchos”, eram “alemães”. Portanto, nem sempre as denominações *in vitro* (regionais) são as mesmas *in vivo*.

2.4 O ESTADO DO PARANÁ: UMA ÁREA DE PARTIDA

O Paraná, que foi outrora zona de atração de milhares de gaúchos, paulistas, mineiros, nordestinos, a partir de 1960 passou a exportar contingente humano em larga escala. Não há dúvida, ao que me parece, entre os historiadores, de que o território paranaense talvez seja o

mais representativo dentre todos os estados brasileiros de maior mobilidade direcionada ao norte mato-grossense. Não obstante, a realidade linguística dessa área deve ser considerada como uma base de dados para qualquer estudo sobre contato linguístico na região norte mato-grossense, principalmente pelo fato de ser uma zona de passagem da maioria dos (i)migrantes e reunir contatos linguísticos vindos de outros estados.

Em busca de estudos sobre (i)migração para o norte mato-grossense, encontrei a pesquisa da antropóloga Jatene (1983), que entrevistou 53 (i)migrantes em Alta Floresta -MT. Todos tinham passagem pelo Estado do Paraná e um percurso topodinâmico com muitas paradas. Entre eles estavam, além dos nascidos naquele estado, (filhos de) gaúchos, catarinenses, mineiros, paulistas e nordestinos. A pesquisadora sobrepôs os pontos de partida dos (i)migrantes a um mapa geopolítico do Estado do Paraná, que se encontra adiante:

Figura 06 - Área de partida dos (i)migrantes de Alta Floresta – MT

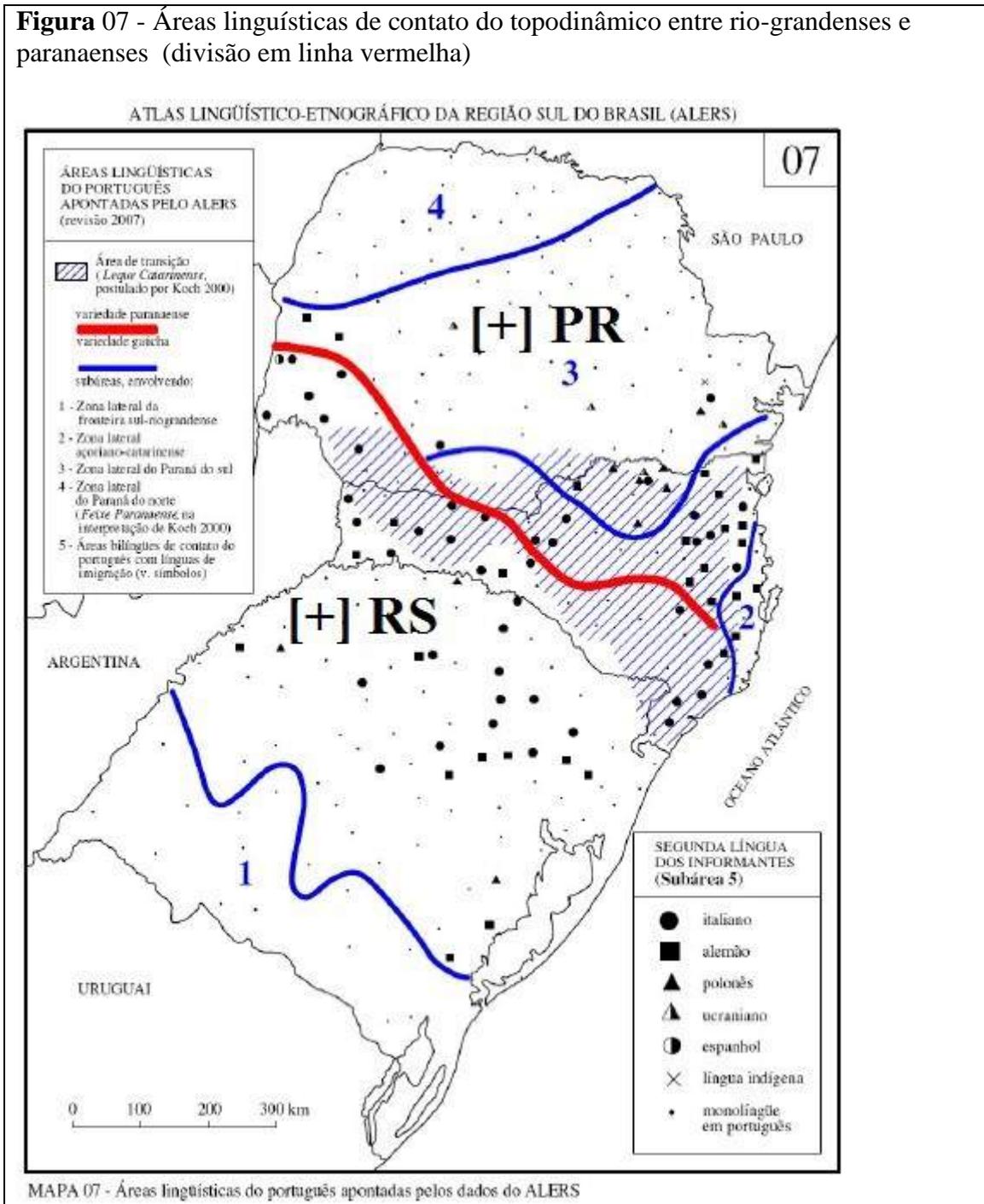


Fonte: JATENE, 1983

O que despertou interesse no mapa de Jatene (1983) foi a delimitação da área de partida, que é, com base na historiografia, um ponto de passagem comum para a maioria dos projetos de colonização da região norte do Estado de Mato Grosso. Trata-se do oeste, sudoeste e norte paranaenses.

Para os estudos geolinguísticos, essa região fica no entremeio de uma isoglossa que delimita a fronteira entre a variedade de português [+] rio-grandense da parte [+] paranaense, conforme a visão de Altenhofen (2008), expressa na carta linguística a seguir:

Figura 07 - Áreas linguísticas de contato do topodinâmico entre rio-grandenses e paranaenses (divisão em linha vermelha)



Essa carta é importante para compreender que as fronteiras políticas nem sempre são fronteiras linguísticas, como afirma Contini (2006). Por essa razão, para este estudo, os grupos étnicos e as variedades linguísticas envolvidas não estão relacionados a apenas um Estado da federação, pelo caráter topodinâmico dos contingentes migratórios. Portanto,

apenas as denominações gentílicas (gaúchos, paranaenses, nordestinos, etc.), como tradicionalmente utiliza a dialetologia, não são suficientes para expor o mosaico de territorialidades linguísticas, uma vez que entre os que transpuseram as fronteiras estão sujeitos bilíngues e trilíngues. (ALTENHOFEN, 2008).

Como expõe a historiografia regional norte mato-grossense (JATENE, 1983; SCHAEFER, 1985; RIBEIRO, 1987; SOUZA, 2006, 2008; ROCHA, 2006, 2010;), os (i)migrantes que vieram para essa região possuem como ponto de partida diversos estados da nação. São nordestinos de variados Estados, cariocas, mineiros, gaúchos. Mas o estado do Paraná se encontra com especial destaque, pois, no que se refere àqueles de migração não direta, a maioria relata passagem por esse território. Isso inclui os re-migrantes teuto-gaúchos e parte dos pioneiros⁵² de Porto dos Gaúchos – MT, que antes de chegar ao Mato Grosso, se estabeleceram no oeste do Paraná⁵³.

No rico e profundo *Atlas Histórico do Paraná*, feito por Cardoso e Westphalen (1986), essa região de passagem topodinâmica é, representativamente, a área conhecida como **Paraná Moderno** (CARDOSO ; WESTPHALEN, 1986), subdividida em Norte Velho⁵⁴, Norte Novo⁵⁵, Norte Novíssimo⁵⁶ e Oeste e Sudeste (1940-1960). Segundo Cardoso e Westphalen (1986), essa região foi aberta entre os anos de 1920 a 1960. A partir daí os que não se estabilizaram nesse espaço seguem em direção à Amazônia e ao cerrado, com certa minoria chegando até ao norte de Minas Gerais, Sul do Piauí e oeste da Bahia (HAESBAERT, 1996).

Com a propósito de possuir um instrumento que servisse de orientação para a coleta de paisagem linguística (*linguistic landscape*), na região, sobrepus a carta de Jatene (1983) ao Mapa Auxiliar IV do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) (em anexo), que mostra o plurilinguismo da região sul, aquele dos grupos étnicos indicados nos pontos de inquérito e também dos informantes que se declararam bilíngues.

⁵² Cabe ressaltar que os Irmãos Mayer (Conomali) tiveram empreendimentos no noroeste do Paraná, com o plantio do café, antes de adquirirem a área da Gleba Arinos.

⁵³ Em campo, recolhi muitos relatos de famílias teuto-gaúchas vindas de Marechal C. Rondon – PR.

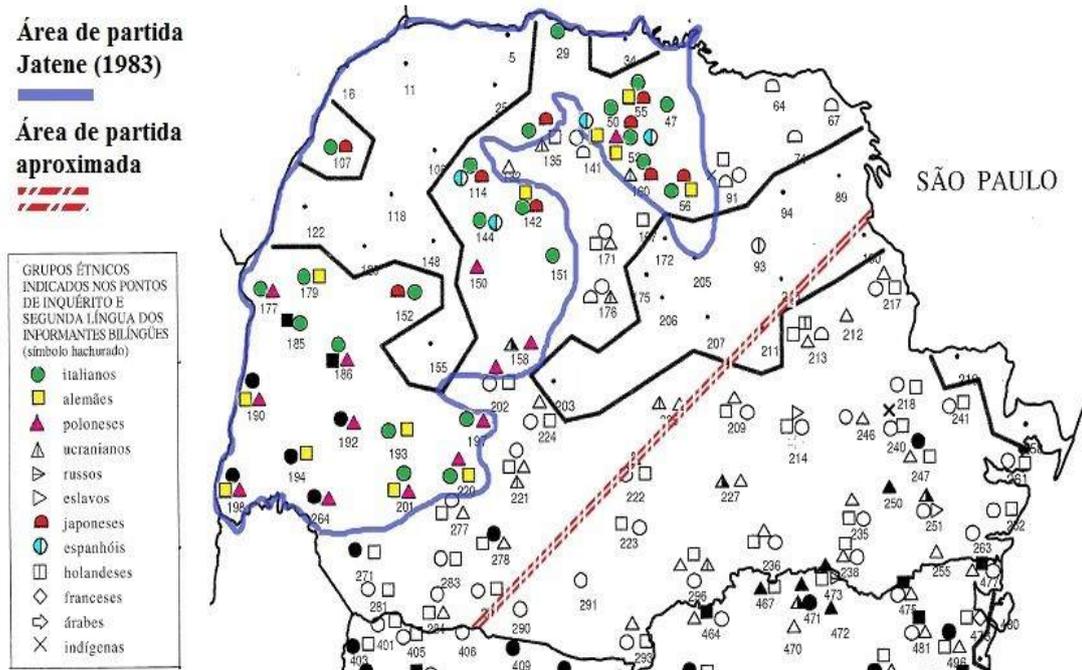
⁵⁴ “[...] desde a divisa Nordeste com São Paulo, até Cornélio Procópio, colonizada entre 1860 e 1925.” (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p.11)

⁵⁵ “[...] desde Cornélio Procópio abrange Londrina, prolongando-se até o rio Ivaí, colonizada entre 1920 e 1950.” (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p.11)

⁵⁶ “[...] entre os rios Ivaí e Piquiri, colonizada desde 1940.” (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p.11)

Figura 08 - Área de partida dos colonos 53 (i)migrantes de Alta Floresta - MT entrevistados por Jatene (1983) sobrepostas ao Mapa Auxiliar IV do ALERS

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Observações:

A área de partida aproximada - tracejada em vermelho - representa apenas uma ampliação relativa (de minha autoria), gradiente daquela apresentada por Jatene (1983), delimitada em azul.

Os pontos hachurados em preto sinalizam informantes bilíngues do ALERS.

Essa sobreposição foi importante para visualizar os grupos étnicos, pois permite relacionar a presença de sinais etnolinguísticos no espaço público com a origem topodinâmica dos falantes.

Com a sobreposição dos mapas, é possível listar a presença substancial de 6 grupos étnicos na região delimitada por Jatene (1983); a) italianos, b) alemães, c) poloneses, d) ucranianos, e) japoneses e f) espanhóis. Infelizmente, o ALERS não possibilita a visualização dos imigrantes portugueses⁵⁷, talvez por serem entendidos como “lusobrasileiros”, o que representa uma ausência para os estudos de imigração portuguesa. Numa análise mais atenta desse espaço, observei que os italianos formam o conjunto mais representativo dentro do

⁵⁷ Considerando o número substancial de imigrantes portugueses que desembarcaram no Estado de São Paulo no período da grande imigração.

grupo alóctone, seguido pelos alemães, poloneses, japoneses, espanhóis e ucranianos. Os indígenas também aparecem marcados na área, em um ponto.

Nessa carta também foi acrescentado um traço em gradiente (em vermelho tracejado), que serve para projetar um limite imaginário da área linguística de partida dos (i)migrantes. Ele delimita a área [+] topodinâmica do Paraná moderno e a área [+] topostática do Paraná Tradicional (CARDOSO ; WESTPHALEN, 1986). Como afirma Contini (2006), a noção de fronteira evoca a imagem de um traço bem estabilizado e estável, portanto um traço gradiente representa uma zona de transição entre o espaço [+] topodinâmico e o [+] topostático.

Com o objetivo de visualizar essa diversidade etnolinguística, registrada e atestada pelo ALERS, na área de partida dos (i)migrantes, me prontifiquei a observar e registrar a paisagem linguística em Porto dos Gaúchos e localidades no entorno como parte importante da reflexão de territorializações e do processo migratório comum. Para isso, utilizei fotografias de espaços públicos, de iconografias e de listas telefônicas como dados de campo. Tais dados me auxiliaram a descrever a presença dos grupos étnicos na região, bem como a localizar os grupos de migração direta (como o caso dos cuiabanos, alguns nortistas e nordestinos).

A base de dados reúne paisagens linguísticas de cemitérios/lápidas, placas de ruas e espaços públicos, como rodoviárias e fachadas de comércio, de sete localidades: Porto dos Gaúchos, Sinop, Alta Floresta, Paranaíta, Sorriso, Tabaporã e Novo Paraná. Utilizei também dados do acervo do ALMA-H, recolhidos em Porto dos Gaúchos e Sinop, em 2013.

a) O elemento nipo-brasileiro

Como será visto mais adiante, a territorialização dos nipo-brasileiros, na percepção dos falantes, é muito associada a contextos [+] urbanos e a funções específicas, como, por exemplo, a saúde. Muitos informantes teceram considerações sobre a presença “japonesa” na função de médicos . Algo que também evidenciava a presença destes eram os produtos alimentícios nas prateleiras dos supermercados, assim como alguns antropônimos nas fachadas de estabelecimentos e comércios direcionados à comunidade. Reuni, em em anexo, a paisagem linguística encontrada em pontos visitados na viagem de campo.

É importante salientar a expressiva presença dos japoneses no Estado de São Paulo. Segundo dados do IBGE (2007 *apud* TAKANO, 2013, p.45), este Estado possui 693.495 nipo-brasileiros, totalizando 80% da população total desses ascendentes no Brasil. O Paraná fica em segundo lugar com 143.588 nipo-brasileiros. Neste último Estado, pude observar, por

meio do Mapa Auxiliar IV do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* - ALERS (em anexo), a espacialização desse grupo alóctone com evidente concentração dos nipo-brasileiros na região norte paranaense (entre o norte pioneiro e norte novíssimo), migrados do Estado de São Paulo.

Por participarem desse percurso migratório rural-rurbano-urbano brasileiro e por estarem inseridos no contexto topodinâmico paranaense e paulista, os nipo-brasileiros também chegaram ao Mato Grosso. Silva (2004), em sua dissertação, analisa o insucesso da primeira colônia japonesa (1950-1960), no Estado de MT, localizada às margens do Rio Ferro. Eram colonos japoneses, migrados do município de Marília - SP, que, após o fracasso na Gleba Rio Ferro, retornaram para São Paulo ou se estabilizaram na capital do MT, Cuiabá. Segundo a antropóloga (SILVA, 2004), a mobilidade dos nipônicos para o Mato Grosso em muito se deve às atividades das sociedades secretas japonesas encaradas e divulgadas pela mídia como "terroristas"⁵⁸ (SILVA, 2004, p.157).

b) O elemento hispano-brasileiro

Por meio dos dados do *Mapa Auxiliar IV* do ALERS, observei que a presença de espanhóis está muito ligada à região histórica do cultivo do café (Norte PR), o que evidencia, historicamente, sua inserção na corrente migratória para o Mato Grosso. Em anexo, estão algumas iconografias que permitem visualizar, por meio dos antropônimos, os ascendentes e descendentes dos imigrantes espanhóis. A visualização desse grupo foi encontrada com mais representatividade nos cemitérios, pelo seu caráter [+] minoritário.

Como bem acentua Matos (2003), a imigração ibérica para o Brasil tem instigado os pesquisadores de variadas áreas só mais recentemente. Os espanhóis compõem um dos grupos de imigrantes de maior entrada no Brasil, principalmente no período do auge do café no sudeste brasileiro. Cánovas (2001), em seu estudo sobre a imigração espanhola, no estado de São Paulo, apresenta alguns números do Departamento Nacional de Imigração, em que a entrada de imigrantes espanhóis no Brasil - do período 1885-1934 - alcança a cifra de 575.793

⁵⁸ "O imigrante japonês, alvo das notícias negativas, passou a ser aliado do governo na (re)ocupação dos espaços considerados vazios. De terroristas passaram a ser representados no jornal da cidade de Marília (SP) como heróis bandeirantes." (SILVA, 2004, p.157)

⁵⁹ "O imigrante japonês, alvo das notícias negativas, passou a ser aliado do governo na (re)ocupação dos espaços considerados vazios. De terroristas passaram a ser representados no jornal da cidade de Marília (SP) como heróis bandeirantes." (SILVA, 2004, p.157).

imigrados, sendo o Estado de São Paulo o maior receptor, com a entrada⁶⁰ aproximada de 379.492 espanhóis, entre o período de 1885 a 1929 (idem, 2001).

Encontrei dissertações e teses relacionadas à imigração espanhola apenas no contexto da região sudeste, em diferentes pontos geográficos. Entre elas estão: a dissertação de Cánovas (2001) sobre os espanhóis em Villa Novaes⁶¹ - SP; a Tese da mesma pesquisadora sobre o mesmo grupo imigrante em São Paulo – SP (CÁNOVAS, 2007); a dissertação de Alencar (2009) sobre os espanhóis que foram para Bueno Brandão - MG e a de Dezan (2012) sobre o mesmo contingente em Piracicaba - SP. É uma pena que não haja um mapeamento preciso desse grupo no Estado de São Paulo e de Minas Gerais, zonas de partida das gerações de hispano-brasileiros nascidos no Brasil.

c) O elemento afro-brasileiro

Esse grupo possui uma paisagem linguística muito restrita na região norte mato-grossense, pela razão de seus sobrenomes estarem amplamente lusitanizados não encontrei nenhum antropônimo que revele uma origem afro. No entanto, no que concerne a espaços religiosos, essa identidade se manifesta na paisagem linguística. A única iconografia relacionada ao universo cultural desse grupo é uma loja de artigos religiosos (Cantinho de Iemanjá) no centro comercial de Alta Floresta – MT.

⁶⁰ Relatório da Secretaria da Agricultura (CÁNOVAS, 2001, p.120)

⁶¹ Localidade do centro norte paulista, hoje pertencente ao atual município de Paraíso – SP.

Figura 09 - Territorialidades afro-brasileiras na paisagem linguística de Alta Floresta – MT



Fonte: o próprio autor

Na área de partida dos (i)migrantes de Jatene (1983), por exemplo, não há uma historicidade de assentamentos quilombolas, uma vez que, no estado paranaense, os remanescentes quilombolas ficaram mais restritos ao extremo leste do Paraná Tradicional (CARDOSO ; WESTPHALEN, 1986) e em parte na região do Norte Pioneiro. O mapa de Silva (2013, p.77) permite visualizar essa minoria naquele estado (em anexo). É bem válido dizer que os afro-brasileiros migrados para o norte mato-grossense tenham como área de partida os diversos estados brasileiros, alguns com passagem pelo Paraná ou outro Estado, outros com migração direta.

d) O elemento ítalo-brasileiro

Não mais representativo que o elemento luso-brasileiro, encontramos na paisagem urbana de todos os pontos, territorialidades do elemento ítalo-brasileiro. Não só por meio de antropônimos, mas também em palavras e expressões da *koiné* veneta, que revelam uma memória da língua de origem. Dados iconográficos, como os da fig. 10 a seguir, ilustram essa presença ítalo-brasileira.

Figura 10 – Territorialidades ítalo-brasileiras na paisagem linguística



Fonte: o próprio autor

Far polito (comportar-se) e *La piova* (a chuva) são dois componentes da variedade vêneta no espaço público de Sinop – MT que revelam a presença da língua minoritária (ativo/passivo) num estágio anterior à redução ao sobrenome simplesmente. O frutífero *corpus* da presença italiana que coletamos se deve, em parte, à hipótese de um número maior de ítalo-brasileiros migrados para o Mato Grosso, em comparação com a quantidade de outros imigrantes também não luso-brasileiros. Isso se embasa na presença substancial desse elemento na região do Paraná Moderno (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986). Reuni, no em anexo, algumas iconografias relacionadas à territorialidade desse grupo.

e) O elemento eslavo-brasileiro

Também de caráter minoritário, esse elemento, nos meus dados, foi encontrado com maior representatividade em Sinop – MT. No Mapa Auxiliar IV do ALERS, a presença eslava é muito concentrada na região do Paraná Tradicional, mas com focos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o que não exclui a hipótese da migração dos que se estabeleceram no sudeste brasileiro e dos que se trasladaram ao Paraná cafeeiro.

Com a impossibilidade de delimitar e descrever a origem exata dos antropônimos, resolvi reunir a paisagem linguística polonesa, ucráina, russa, entre outras, em um mesmo grupo, exemplificado em anexo deste trabalho.

f) O elemento luso-brasileiro

Nos dados que recolhi, encontramos uma densa paisagem linguística do elemento luso constituída por antropônimos presentes tanto no comércio, como em placas de ruas e lápides de cemitérios. As iconografias, reunidas em anexo, tentam expor a presença dessa identidade.

Na carta IV do ALERS, o elemento luso-brasileiro não aparece justamente por ser considerado majoritário. Cabe lembrar que junto a eles se encontravam os portugueses imigrantes “recém chegados”, no período da grande imigração, para os quais o Estado de São Paulo com seus cafezais era o destino central. Na pesquisa de Botassini (2013), por exemplo, a autora expõe dados sobre a nacionalidade dos pioneiros proprietários dos lotes rurais em Maringá⁶² – PR, onde 56 compradores eram imigrantes portugueses. A visualização desse elemento na paisagem linguística, às vezes, se torna difícil pelo fato de que os antropônimos nem sempre indicam uma origem lusa, por serem comum em outras línguas latinas, como no caso de Silva, Costa, Rodrigue(s/z), Corre(i)a, Gome(s/z), entre outros. Por ser um elemento majoritário, achamos o seu registro necessário.

g) O elemento teuto-brasileiro

A paisagem linguística desse grupo também é representativa. As iconografias registradas se resumem apenas em antropônimos presentes em lápides de cemitérios, em placas de rua ou denominações em fachadas de comércio (em anexo).

Se observa, na carta IV do ALERS, que o elemento teuto-brasileiro se faz [+] presente na parte da Região Sul de territorialização rio-grandense, em área de bilinguismo ativo. Não obstante, cabe lembrar que a presença alemã, em outras áreas dessa região, como o norte do Paraná, também foi significativa. A migração desse grupo não tem como ponto de origem apenas as colônias estabelecidas no sul do país. Áreas do Espírito Santo, de São Paulo, de Minas Gerais também se constituíram pontos de origem topodinâmica dos descendentes de alemães que chegaram, em casos isolados, até áreas de Santa Catarina e Paraná, como o caso dos falantes de *Kaffeflickersch* (língua de catador de café) em São Pedro de Alcântara – SC (ALTENHOFEN, 2014, p.87), ao Mato Grosso e a outros Estados por meio da rota do oeste.

⁶² Fonte: Livros de Registro de vendas de lotes rurais da Companhia Melhoramento Norte do Paraná. (BOTASSINI, 2013, p.115).

Sobre a situação dos pomeranos capixabas, estabelecidos em Rondônia, Pessoa (1996) cita a passagem desses (i)migrantes pelo norte paranaense desde a década de 1960 (em anexo). Os que não criaram raízes seguiram adiante, como no caso de um dos informantes complementares do grupo PR (natural de Juranda – PR), filho de descendentes de teuto-capixabas. De toda forma, no que tange às minorias alemãs, ainda falta um mapeamento mais preciso nas novas áreas de colonização.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender os fenômenos de contato, como as percepções na relação língua e espaço, o modelo pluridimensional exige procedimentos de delimitação de dimensões e parâmetros que permitam a execução da pesquisa. É o que farei neste capítulo a partir da retomada do objetivo central deste estudo cuja proposta é:

- a) Identificar os grupos migratórios (mosaico) por meio da percepção dos falantes e material recolhido em campo (em parte, já concluído no capítulo anterior)
- b) Descrever as territorialidades e a articulação territorial dos grupos;
- c) Descrever a dinâmica dos contatos linguísticos com o alemão.

Tendo por base os objetivos propostos, **in**ício com a apresentação das dimensões de análise que orientam a descrição das migrações e territorializações dos grupos e variedades em contato na área em estudo

3.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE

O presente estudo se propõe a contribuir com os estudos pluridimensionais de contatos linguísticos envolvendo línguas de imigração. Devido ao caráter pluridimensional, algumas dimensões importantes foram selecionadas para o desenvolver dessa pesquisa (de maneira hachurada àquelas enfatizadas nesse estudo):

Quadro 02 – Dimensões de análise

DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIO
Diatópica	Topostático	Uma localidade central: Porto dos Gaúchos - MT
	Topodinâmico	NÃO será analisado sistematicamente, será considerado apenas o papel da origem topodinâmica na constelação de contatos.
Diastrática	Ca: classe (socioculturalmente) alta	Ca: Ensino Superior
	Cb: classe (socioculturalmente) baixa	Cb: Ensino Médio (in)completo Devido à dificuldade de encontrar informantes, escolheu-se apenas a Cb. Nessa categoria houve um número expressivo de informantes disponíveis.
Diageracional	GII (geração velha) GI (geração jovem)	GII: idade acima de 55 anos GI: idade entre 17 e 36 anos
Diagenérica	H: homens M: mulheres	Essa dimensão NÃO foi utilizada nesse estudo.
Diafásica	Resp: respostas ao questionário Tx: conversa livre (etnotextos)	Questionário Conversas gravadas
Diarreferencial	Lg: fala “objetiva” MLg: fala metalinguística	Análise qualitativa dos dados obtidos através do procedimento técnico em três tempos: perguntar – insistir - sugerir
Diarreligiosa	Lut: evangélico-luterano Cat: católico Pent: pentecostal	NÃO foi critério de seleção dos informantes. Será dada atenção à religião de forma qualitativa.
Dialingual	RS - Gaúchos PR - Paranaenses	No grupo dos gaúchos, dei preferência aos teuto-gaúchos, pela historicidade dessa identidade na colonização pioneira. Quanto aos paranaenses, preferi escolher sujeitos nascidos no Paraná (velhos) e filhos de paranaenses. Em ambos os casos, sujeitos de topodinâmica não rio-grandense.

Fonte: o próprio autor

Segui com uma breve descrição da geografia do ponto de pesquisa, localizando lugares com períodos de ocupação historicamente distintos.

3.1.1 Ponto de pesquisa: Porto dos Gaúchos - MT

A ida a campo se deu em julho de 2014. Foi possível fazer as entrevistas e andar pela localidade, conhecer os principais lugares, conversar com os habitantes e colher material de paisagem linguística. Algumas fotos da viagem de campo estão em anexo nesta dissertação.

Uma das crenças que desconstruí, ao chegar a Porto dos Gaúchos, foi a da separação política, feita *in vitro*, das áreas que compõem a cidade como forma de me localizar e encontrar pessoas e lugares conforme meus objetivos. Logo percebi que as denominações políticas (de bairros, ruas) não eram utilizadas pelos moradores como forma de georreferenciamento, de maneira que sobrepunham as denominações *in vivo*.

O mapa a seguir representa alguns “bairros” ou “zonas” em que o período de ocupação se distingue no contexto histórico da urbanização de Porto dos Gaúchos - MT.

Figura 11 - Espaços geográficos na configuração urbana de Porto dos Gaúchos – MT



Fonte: o próprio autor

Quadro 03 – Quadro descritivo das áreas de delimitação do espaço urbano de Porto dos Gaúchos - MT

A	ZONA PIONEIRA DE COLONIZAÇÃO Descrição: corresponde à área aberta, aproximadamente, entre 1955 a 1960
B	ZONA SECUNDÁRIA CENTRAL Descrição: corresponde à área ocupada entre 1960 a 1990. Hoje corresponde, junto à área pioneira, à parte central da cidade.
C	A COHAB (JARDIM AMAZONAS) Descrição: corresponde à área ocupada a partir de 1990, à qual foi financiada a construção das casas para os moradores, por intermédio do Banco Caixa Econômica Federal.
D	BAIRRO DA CRECHE Descrição: corresponde à área ocupada a partir de 2000, a qual se constitui de casas populares fornecida pela prefeitura aos moradores que não possuíam casa própria. A denominação “bairro da creche” é a única, segundo dados orais, e se deve ao fato de uma creche municipal próxima à área ser a referência geográfica mais saliente.

Fonte: o próprio autor

Essa separação facilitou encontrar informantes e guiar as conversas em que os sujeitos geravam suas percepções de ocupação dos grupos e da localização, por exemplo, da concentração de grupos e suas línguas.

Todos os informantes RS (GI e GII) centrais foram entrevistados na área pioneira e secundária. Do grupo PR, 01 informante central GII e 01 informante GI foram entrevistados no bairro Jardim Amazonas (COHAB), os outros dois foram entrevistados no local de trabalho, no centro (GI) e no bairro da Creche (GII). Os outros 10 informantes foram contatados em diversos locais da cidade, em trânsito ou em suas residências.

3.1.2 Seleção dos informantes e definição das entrevistas

Os critérios de seleção de informantes se assemelham aos já utilizados no ALMA-H e demais *Atlas Pluridimensionais da Bacia do Prata*, compostos pela trilogia de Harald Thun, em que se somam o *Atlas Guaraní-Románico* (ALGR) e o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU).

Foram totalizadas 08 entrevistas ampliadas, que incluíam dois questionários – um [+] quantitativo e o outro [+] qualitativo. Em cada grupo questionado, busquei a pluralidade de

informantes, sendo dois sujeitos de cada grupo com a mesma faixa etária (GI ou GII – dimensão diageracional), de perfil sociocultural baixo (Cb – dimensão diastrática), de diferentes origens topodinâmicas (PR ou RS – dimensão dialingual). Vejamos de forma simplificada o quadro 04 a seguir:

Quadro 04: Critérios de seleção dos informantes

GII_PR	GI_PR
<ul style="list-style-type: none"> a) 02 informantes (homem ou mulher) acima de 55 anos b) Migrante paranaense de topodinâmica não-rio-grandense c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio (in)completo) d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos. 	<ul style="list-style-type: none"> a) 02 informantes (homem ou mulher) (de 17 até 36 anos) nascidos na localidade (ou proximidades) b) Filh(@) de paranaenses de topodinâmica não-rio-grandense c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio (in)completo), d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos.
GII_RS	GI_RS
<ul style="list-style-type: none"> a) 02 informantes (homem ou mulher) acima de 55 anos b) Migrante gaúcho (preferencialmente teuto-gaúcho) c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio incompleto), d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos. 	<ul style="list-style-type: none"> a) 02 informantes (homem ou mulher) (de 17 até 36 anos) nascidos na localidade (ou proximidades) b) Filh(@) de gaúcho (preferencialmente teuto-gaúcho) c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio (in)completo), d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos.

Fonte: o próprio autor

Por causa da distância dos pontos de inquérito, do tempo disponível para a realização das entrevistas e da dificuldade de deslocamento, o critério de pluralidade simultânea de informantes ocorreu apenas em alguns casos do grupo GII, que, naturalmente, tinham mais tempo para entrevistas e mais opções de informantes. Não obstante, esse critério foi de suma importância no que concerne ao aumento da representatividade de dados e a maior frequência de comentários metalinguísticos (THUN, 1998).

O fator diastrático foi um dos problemas encontrados na seleção de informantes, uma vez que encontrar jovens RS - GI com ensino superior (in)completo ou com o Ensino Médio completo era mais fácil do que o contrário. Todavia, velhos RS – GII e PR – GII e jovens PR - GI com pouca escolaridade (de analfabeto até Ensino Médio incompleto) não tive dificuldade de encontrar. Por essa razão, escolhi entrevistar apenas jovens (RS e PR) e velhos (RS e PR) de classe sociocultural mais baixa para poder viabilizar a realização das entrevistas com o pouco tempo e condições financeiras de que dispunha.

Um segundo questionário, complementar, que tinha como objetivo a produção de mapas mentais, foi aplicado aos 08 informantes do questionário ampliado e em mais 10 sujeitos de pesquisa, que possuíam as seguintes características:

Quadro 05 - Critérios de seleção dos informantes para a coleta de mapas mentais

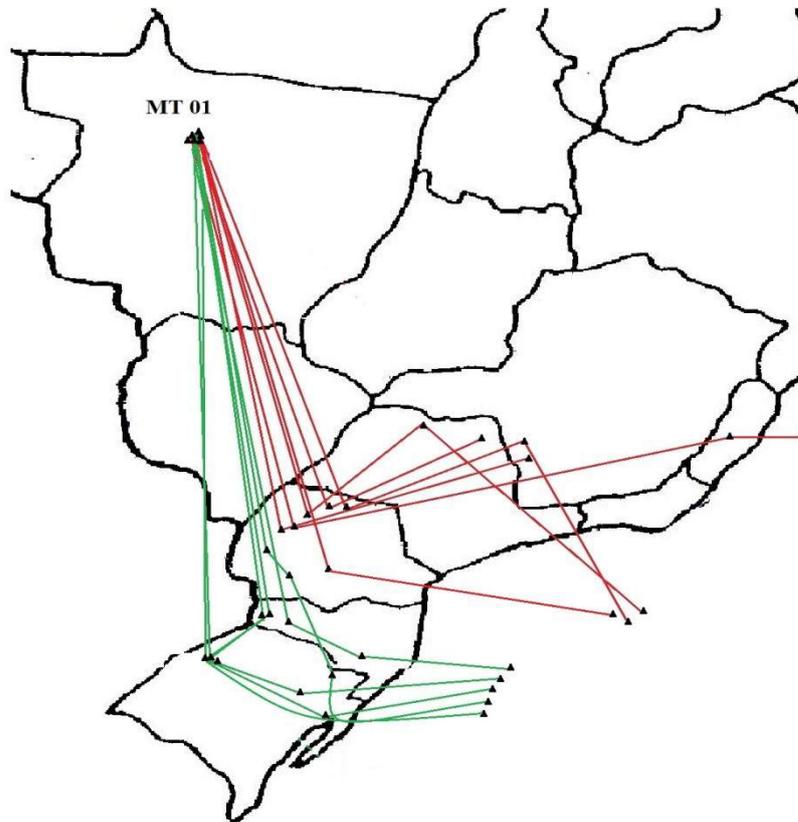
G_PR	G_RS
a) 05 informantes (homem ou mulher) de idade superior a 17 anos b) Migrante paranaense de topodinâmica não-rio-grandense c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio (in)completo), d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos.	a) 05 informantes (homem ou mulher) de idade superior a 17 anos b) Migrante gaúcho (preferencialmente teuto-gaúcho) c) Com escolaridade básica (analfabeto até Ensino Médio (in)completo), d) Vive na localidade obrigatoriamente nos últimos 5 anos.

Fonte: o próprio autor

Esses 10 outros sujeitos de pesquisa serviram para aumentar a pluralidade de informantes no que concerne à percepção dos grupos e variedades linguísticas da localidade. Foram encontrados no comércio, na rua ou em suas próprias residências, onde fiz rápidas visitas, conseguidas por intermédio de pessoas-chave da comunidade. Cabe considerar que 05 deles se autodeclararam nascidos ou de passagem no Paraná cafeeiro e tradicional (de topodinâmica não rio-grandense) e outros 05 se declararam de topodinâmica rio-grandense, nascidos no RS, SC e PR.

Os dados dos informantes foram compilados e se encontram anexados neste trabalho. Conforme as características topodinâmicas obtidas por meio dos questionários e explicadas a seguir, produzimos um mapa em que apresentamos a mobilidade biográfica dos 18 informantes desta pesquisa. Os pequenos triângulos representam as localidades de nascimento de seus pais, avós, bisavós e antecedentes desses.

Figura 12: Biografia móvel dos 18 informantes dessa pesquisa



Fonte: o próprio autor

Cabe salientar que tanto entre os gaúchos, quanto entre os paranaenses os nomes de localidades de algumas gerações nem sempre eram lembrados. No caso dos teuto-gaúchos, por exemplo, certos informantes me responderam “*Altkolonie*” (antiga colônia) como lugar de nascimento dos pais ou avós. Alguns informantes paranaenses se lembravam apenas do Estado ou país de origem dos antecedentes (como Itália, Portugal ou Minas Gerais).

Os paranaenses declararam ter origem étnica italiana, portuguesa, ucraniana, espanhola, pomerana e brasileira. Os teuto-gaúchos declararam ter origens alemã, austríaca e portuguesa. Um informante complementar, que classifiquei como gaúcho, declarou ter origem italiana por ambas as partes da família. Apesar disso, ele permaneceu no grupo no qual havia sido classificado primeiramente, porque não julguei que apenas aquele informante rio-grandense, de origem ítalo, alteraria a representatividade dos mapas mentais.

3.1.3 Instrumentos de coleta de dados

Com o objetivo de compreender e delimitar as territorialidades e variedades linguísticas no ponto de pesquisa, MT01, além da percepção das variedades linguísticas no espaço, elaboramos dois questionários (em anexo). Um com questões [+] quantitativas e o outro [+] qualitativas.

O primeiro se subdivide da seguinte maneira:

1. Identificação dos informantes: a) parte das características dos informantes, entre elas a religião, o sexo, escolaridade, profissão e idade; b) a localidade em que mora o informante, aquela na qual ele nasceu e aquelas onde nasceram seus antepassados, no sentido de servir como subsídio para visualizar a topodinâmica dos falantes.
2. Aspectos metalinguísticos: a) dados sobre as línguas que o informante fala(va) e aquelas de seus antecessores; b) percepção dos grupos de outra cultura presente na região; c) exclusivamente aos teuto-gaúchos, a percepção do alemão falado na localidade; d) percepção do grau da vitalidade do alemão no decorrer das fronteiras (RS-MT); e) percepção do grau da presença dos grupos de diferentes culturas na localidade.
3. Aspectos históricos da localidade

O segundo questionário corresponde à produção de mapas mentais. Ele está subdividido da seguinte forma;

1. Identificação dos informantes: a) parte das características dos sujeitos, entre elas a religião, o sexo, escolaridade, profissão e idade; b) a localidade em que mora o informante, aquela na qual nasceu e aquelas onde nasceram seus antepassados, no sentido de servir como subsídio para visualizar a topodinâmica dos falantes.
2. Percepção linguística regional: cartograma apresentando localidades vizinhas a Porto dos Gaúchos – MT.
3. Percepção linguística local: mapa apresentando áreas do perímetro urbano de Porto dos Gaúchos – MT.

3.1.4 Cartografia

A cartografia da espacialização dos grupos foi feita por meio da transposição dos dados gerados nos mapas mentais para uma carta base em estilo cartograma. A transposição

dos dados tem por pretensão sobrepor as percepções diageracionais e dialinguais com o objetivo de visualizar as diferentes configurações dos grupos lingüísticos no espaço. Foram produzidos mapas de ordem micro e macro-areal. Os símbolos utilizados no cartograma de perspectiva macro-areal são os mesmos do *Mapa Auxiliar IV* do ALERS sobre o plurilinguismo na Região Sul, salvo, apenas, os símbolos criados para representar grupos que não estão presentes no mapeamento do ALERS.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo pretendemos discutir os dados recolhidos por meio dos questionários e dos mapas mentais que refletem as percepções dos rio-grandenses e paranaenses em situação de contato. Cabe ressaltar que as percepções apenas sinalizam significados sociais. É preciso separar o que é mito e o que é fato real. Não estamos colocando como uma verdade. Antes de abordar as percepções, enfatizamos que estas não podem ser tomadas como verdades absolutas, e sim como marcas de indexação social, que apontam para um significado, um valor na constelação de línguas, de variedades e de grupos em contato.

Com o propósito de responder as questões elaboradas nos objetivos, resolvi, portanto, dividir este capítulo em 05 partes;

1ª parte: pretendi aqui analisar as denominações de grupos e os comentários metalinguísticos de ordem linguística e extralinguística produzidos pelos dois grupos entrevistados.

2ª parte: esta parte é dedicada à análise específica da presença do alemão como uma espécie de “língua estranha” (não propriamente estrangeira), composta, na verdade, de um mosaico de variedades coexistindo na comunidade de fala alemã. Esta 2ª parte envolve os seguintes aspectos:

- a) o alemão *standard* (*Hochdeutsch*) e sua importância no processo migratório;
- b) as variedades do alemão encontradas na localidade;
- c) a percepção da vitalidade do alemão como língua de imigração na topodinâmica RS-MT;
- d) a presença do alemão na percepção dos rio-grandenses (RSGI e GII) e paranaenses (PRGI e GII).

3ª parte: dedicamos esta parte à apresentação dos mapas mentais, referentes às territorializações dos grupos linguísticos, produzidos pelos informantes RS (GI e GII) e PR (GI e GII) e mais 10 informantes complementares. Subdividimos essa parte em:

- a) a presença da minoria alemã na MT01 (perspectiva micro);
- b) a presença dos (i)migrantes tardios na MT01 (perspectiva micro);
- c) a percepção das territorializações dos grupos no entorno da MT01 (perspectiva macro).

4.1 DENOMINAÇÕES DOS GRUPOS EM PORTO DOS GAÚCHOS – MT

A 1ª parte da análise: as denominações dos grupos em Porto dos Gaúchos – MT, coloca antes de tudo a pergunta sobre o que essas denominações, em parte também autodenominações, revelam sobre a presença e percepção desses grupos distintos no contexto multilíngue. Isto é, essas denominações funcionam como “indícios de algo” e evidenciam uma conexão estreita entre o indivíduo e sua coletividade. O sentido de pertencimento ou não a uma comunidade é o grande propulsor do que Edwards (2009, p. 36) vai chamar de existência de “rótulos de grupo” (*group labels*). Portanto, essa oposição entre “nós” e “eles” é sempre um norteador no processo denominativo.

O toponimista americano Stewart (1975 apud EDWARDS, 2009) observou que várias denominações tribais, designadores do próprio grupo, são – em seus primeiros estágios culturais - designações informais, que se resumiam meramente ao pronome “nós”, e que, posteriormente, se desenvolveram no sentido de “povo”. Edwards (2009, p.37) cita exemplos, como os Navajo, que se referiam a si mesmos como *Diné* (o “povo”) ou como os Dakota/Lakota, cuja autodenominação significa “os amigos”. Em muitas comunidades autóctones, por exemplo, as denominações coletivas tinham a implicação de não serem aqueles outros povos humanos o bastante. Assim, se denominavam “o verdadeiro povo” (the real people) os Ni”itsitapi, os Iroquois, os Kaluli da Nova Guiné, os Chiapas das terras altas, os Kannakas do Hawaii, e tantos outros (EDWARDS, 2009, p.37).

As denominações também podem sinalizar estratificação social. Na Moscóvia⁶³ do século XVII, por exemplo, os estrangeiros eram chamados de *nemtsy* (calados/ mudos), hoje essa denominação russa está especificamente restrita aos alemães. “Mute” (calado) é *nemoi*, alemão é *nemets* e a língua dos alemães é *nemetskii* (EDWARDS, 2009, p.37).

No Brasil, focando na situação de contato hunsriqueano com outros (novos/velhos) grupos, existe o registro de algumas denominações, encontradas pelo ALMA-H (ALTENHOFEN, 2014, p.84), como o *Bresilioner* (brasileiros de as/descendência lusa), cuja forma mais arcaica era *Blohe* var. *Blaue* (brasileiros de pele morena); *Gringe* (versão de gringo, denominação dada para descendentes de italianos), além do *Deutschländer* (“alemães nascidos na Alemanha”, em contraste com o *Deitsche* “teuto-brasileiros”). Como elucidada Altenhofen (2014), essa constelação de formas denominativas se altera conforme o contexto

⁶³ Principado de Moscovo, antecessor do Império Russo.

de contato, que varia de uma localidade para outra, e que se estrutura conforme a história de territorializações de cada região.⁶⁴

Na minha concepção, no caso de Porto dos Gaúchos, as denominações obedecem à relação assimétrica entre “minoría” e “maioría”, envolvendo fatores como tempo de chegada, aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Como a presença de paranaenses é representativa na região, constatei ser esse o contingente [+] numeroso em Porto dos Gaúchos. Portanto, como ponto de partida, procurei por pessoas apelidadas de “Paraná”. Contudo, nos comentários metalinguísticos, pessoas chamadas de “Paraná” se resumiam, geralmente, na referência ao colonizador de Juara - MT, Sr. “Zé Paraná”. A denominação “Paraná” para sujeitos, portanto, não foi recorrente nas percepções dos informantes. Excertos, como o que se segue, talvez expliquem a questão.

Aqui 70% é paranaense, então fica difícil apelidar alguém de Paraná, porque tem muito gente aqui para chamar assim.

Vendedor de Gás, centro de Porto dos Gaúchos (caderno de campo, 16/07/2014).

O critério de representatividade numérica do grupo paranaense foi, portanto, a justificativa de vários informantes do porquê chamar alguém de “Paraná” não ser algo comum naquele contexto.

Apesar dessa denominação não ser corrente na identificação de pessoas, pelo grupo ser majoritário, usá-la significa homenagear a terra natal, nomeando estabelecimentos ou localidades (Novo Paraná; Paranaíta). Dessa prática ainda participam os topônimos paranaenses.

Figura 13 - Denominações *paranaenses* na paisagem linguística



Paraná, Centro de Alta Floresta – MT



Paraná, Centro de Sorriso – MT

⁶⁴ Esse parágrafo tem como base Altenhofen (2014, p.84).



Maringá, Centro de Alta Floresta – MT



Cascavel, Centro de Porto dos Gaúchos - MT

Fonte: acervo particular do autor

Todavia, observamos que, para outros grupos, as denominações advindas de gentílicos territoriais são dominantes. Entendemos que esse processo denominativo sinaliza a constituição de “novas minorias”, então temos “baiano”, “pernambucano”, “gaúcho”, “cuiabano”, “alemão”, “nordestino”, “japonês”, “sergipano”, “catarinense”, “polaco” e “italiano” como as mais citadas.

Como será visto mais adiante, no mapeamento perceptual, os nordestinos em Porto dos Gaúchos representam uma minoria. No perímetro urbano, são os [+] recém chegados. As denominações mais frequentes foram “pernambucano” e “baiano”, e, em menor escala, “maranhense” e “sergipano”. O que não exclui a possibilidade de existirem outras denominações para esse grupo.

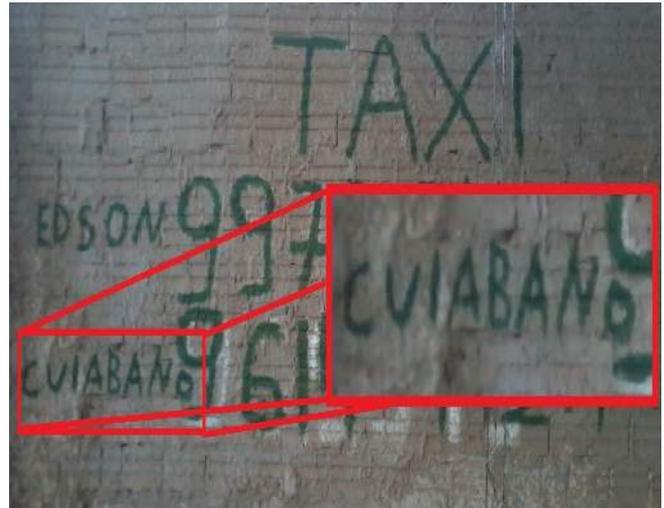
*Eh, eles fala assim **Pernambuco**, né, tem até um que mora lá em cima lá, e o filho dele trabalha lá na prefeitura, eles fala “o pernambquinho” pra ele, cabecinha chata, ele é pequenininho, eles fala Pernambuco pra ele (Informante PRGII).*

***baiano** começou a chegar de uns tempo pra cá que começou a chegar uns baiano aqui, de uns dez anos pra cá começou a chegar, né (Informante PRGII).*

As nomeações de populações que têm origem de partida regiões de colonização do contato [+] luso/afro/indígena, como o nordeste, o norte e parte do sudeste, ao meu ver, são fortemente delimitadas pelas denominações políticas dos estados brasileiros. Não foram encontrados estudos específicos sobre essa temática.

Lanchonete do **Maranhão**, Alta Floresta - MT

Fonte: Acervo particular

Táxi do **Cuiabano**, Rodoviária de Tabaporã - MT

Fonte: Acervo particular

Fig. 14 – Denominações “maranhão” e “cuiabano” na paisagem linguística

Fonte: acervo particular do autor

Na tentativa de sistematizar o *corpus* recolhido, resolvi reunir num quadro as denominações [+] frequentes, acompanhadas de seus comentários metalingüísticos.

Quadro 06 – Denominações dos grupos de (i)migrantes em etnotextos e comentários metalingüísticos

DENOMINAÇÃO	Comentários metalingüísticos
Gaúcho “Bombacheiro” Gaúcho preto Gaúcho bugre Gaúcho cansado Pelo duro	<p><i>Ah, ficou porto dos gaúchos, porque os seringueiros desciam o rio e falava: ah, vamos parar um pouco ali no porto dos gaúchos (Informante RSGII).</i></p> <p><i>Tem! Tem uns bombacheiro aí que vou falar procê. [...] Eles sabe que é gaúcho porque, assim na comparação, gaúcho gosta de usar aqueles bombachão e aquelas botas sanfonadas, né, aí esse aí é o gaúcho, né, mas se ele é um gaúcho, não é porque ele é branco, ele pode ser moreno uai, moreno gaúcho, como é que diz o outro, é o povo que conhece ele, né. Tem muito branco, branco que a turma fala que é gaúcho, pode ser misturado, mas gaúcho mesmo é aquele mais moreno, esse é gaúcho! (Informante PRGII).</i></p> <p><i>Eu acho que aqui a maioria é paranaense, né Maria, tirando os gaúcho, essa alemãozada aí, a maioria é paranaense, né? (Aposentada, natural de Pérola – PR, sentada no banco da Cohab – Caderno de campo, 16/07/14).</i></p> <p><i>Alemão tem sim, ainda tem, né. Porque quando eu cheguei aqui tinha muito mais, nossa, era bastante aqui, era cidade, assim, que era só alemão aqui, mas daí já foram embora uns par deles. O povo fala gaúcho né, mas é tudo turma de alemão esses aí. Gaúcho preto aqui mesmo tem pouco que eu sei, lá no Paraná tinha uma turma de gaúcho lá no Rancho Alegre que eles trabalhava na plantação de fumo né, mas era muito mesmo, era aqueles gaúcho bugre mesmo sabe. (Informante PR complementar, natural de Alto Piquiri - PR).</i></p> <p><i>O pessoal chama ele de gaúcho, mas ele é do Paraná também, veio do Paraná, né, mas daí nascido em Santa Catarina.</i></p>

	<p>(Informante RS complementar).</p> <p><i>Informante – Ah, o gaúcho cansado ele fala alemão também.</i> <i>Inquiridor – O que é gaúcho cansado?</i> <i>Informante – É apelido pro cara que saiu de Santa Catarina, é, o gaúcho chegou, parou em Santa Catarina e cansou, aí no outro (dia) seguiu.</i> (Informante RS complementar).</p> <p><i>Inquiridor – Vieram também gaúchos que não eram alemães?</i> <i>Informante – Ah sim! Tinha [...], eu acho que dos gaúchos, os [nome], essa turma toda era da região da fronteira da Argentina ali, era, chamávamos de ‘pelo duro’, gente que realmente só falava português.</i> (Informante RS complementar).</p>
<p>Nordestino</p> <p>Baiano</p> <p>Pernambuco</p> <p>Sergipano</p>	<p><i>Baiano começou a chegar de uns tempo pra cá que começou a chegar uns baiano aqui, de uns dez anos pra cá começou a chegar, né.</i> (Informante PRGII).</p> <p><i>Novo Paraná é mais desses Pernambuco, Sergipano, essa raça assim, sabe? Tem muita gente, mas só que tem também paranaense, só que muita gente já saiu dali.</i> (Informante PRGII).</p> <p>Ah tem os Pernambuco, né, uns quantos têm apelido de Pernambuco (Informante RSGI)</p> <p><i>Nordestino? Tem sim, pintam e bordam.</i> (Informante RSGII)</p> <p><i>Aqui, eu acho que tem uma ali, minha vizinha aqui, e aqui pro lado de cima tem outra, que tenho certeza que é nordestino, mas tem mais por aí, assim, mas não é muito não</i> (Informante PRGII)</p>
<p>Alemão</p> <p>Alemãozada</p>	<p>os alemão é mais na avenida ali, né (Informante PRGII).</p> <p><i>Oh, alemão aqui também tem bastante, que a turma já sabe que o lugar aqui é mais de alemão, né</i> (Informante PRGII).</p> <p><i>Então, essa avenida ali oh, até lá embaixo é praticamente só os alemães mesmo. Dá pra contar no dedo as casas que não é de alemão aqui.</i> (Informante PRGI).</p> <p><i>Ah, a família (...) mesmo, eles são tudo raça de alemão, né. A família é tão grande aqui no Porto, cara, que tinha um tempo que só a turma deles elegia um vereador, você acredita?</i> (Informante PR complementar, natural de Quarto Centenário - PR).</p> <p><i>Ah, o pai ele veio pequeno do Rio Grande pra cá, né, eles ainda chamam ele de alemão, mas agora eu e meu irmão que nascemos aqui não. Chamam a gente com nosso nome mesmo.</i> (Informante RSGI).</p> <p><i>Alemão tem sim, ainda tem, né. Porque quando eu cheguei aqui tinha muito mais, nossa, era bastante aqui, era cidade, assim, que era só alemão aqui, mas daí já foram embora uns par deles. O povo fala gaúcho, né, mas é tudo turma de alemão esses aí. Gaúcho preto aqui mesmo tem pouco que eu sei. Lá no Paraná tinha uma turma de gaúcho, lá no Rancho Alegre, que eles trabalhava na plantação de fumo, né, mas era muito mesmo, era aqueles</i></p>

	<p><i>gaúcho bugre mesmo, sabe. A veia tomava aqueles chimarrão deles, o dia inteiro atracado naquilo ali. (riso) (Informante PR complementar, natural de Alto Piquiri - PR).</i></p> <p><i>Eu acho que aqui a maioria é paranaense, né Maria, tirando os gaúcho, essa alemãozada aí, a maioria é paranaense, né? Aposentada (natural de Pérola – PR) sentada no banco da Cohab (Caderno de campo, 16/07/14).</i></p> <p><i>Bom, de família de alemães que falam ainda aqui tem pouco, acho que o pessoal do Meyer né, aqueles ali do cartório. Nossa, antigamente aqui tinha muita gente, mas aos poucos vão indo, né. O pai mesmo sabe só umas palavras que eu sei, era mais o meu vô que sabia e falava, né. Difícil você encontrar gente que fala aqui heim (Informante RSGI).</i></p>
<p>Polaco Polonês</p>	<p><i>Ah, os Ledowinsky são polaco não?</i> <i>Mas lá perto de Cerro Largo, em Guarani das Missões, lá tem muito polaco, quando eu servi no quartel conheci muita gente de lá, [...].</i> (Informante RSGII).</p> <p>- <i>O que é polaco para a senhora?</i> - <i>Polaco é quem nasceu bem branco, não é?</i> - <i>Ah é? Mas a senhora conhece a denominação “polonês”?</i> - <i>Ah já ouvi falar, mas daonde que vem essa turma?</i> (Informante PRGII).</p> <p><i>Os polaco? São tudo branco e pintadinho, rajadinho na cara” (Informante PRGII).</i></p>
<p>Italiano Gringo</p>	<p><i>Meus avós maternos eram italianos, sobrenome da minha mãe é Prodossimo, e a mãe e o pai do meu pai era portugueses, eles tinham mercearia lá em São Paulo. Aposentada (natural de Pérola – PR) sentada no banco da Cohab (Caderno de campo, 16/07/14).</i></p>
<p>Cuiabano</p>	<p><i>Cuiabano é mais em Cuiabá, né (risos) (Informante - PRGII).</i></p> <p><i>Os cuiabanos tem pouco, né, conheço só duas famílias ali no bairro da creche (Informante –RSGI).</i></p> <p><i>Na outra rua ali pra cima (bairro da creche), tem bastante cuiabano. A mãe do Hender, não tem? Eles são cuiabano.[...] Eles fala bem engraçadão, né, assim, aqueles bem legítimo, né, como se fala, né? Aqueles que não anda muito, fica só no Cuiabá, né, eles fala meio estranho, né? Eles fala meio arrastado, assim, esquisito (Informante – PRGII).</i></p>
<p>Catarinense Catarino</p>	<p><i>Sabe que eu não sei quem é catarinense aqui! Deixa eu ver quem pode ser de Santa Catarina, talvez a comadre da dona Josi, mas tinha que perguntar. Mas eu não sei bem porque esse catarinense, esses alemão, gaúcho, né, eles é gente tudo igual, sabe, não dá pra fazer uma ideia de quem é, quem não!</i> (Informante – PRGII).</p> <p><i>Meu primo, lá em Juína, chamam ele de catarino. Ele é filho de alemão também, mas é porque ele nasceu em Santa Catarina. (Informante RSGI).</i></p>
	<p>- <i>Ah, aqui no Porto tem pouquinho japonês, não sei porque, né (...).</i> - <i>E no Paraná tinha muito japonês lá?</i></p>

<p>Japonês Japa</p>	<p>- Ah, eu.. pra falar verdade, eu nem vi japonês lá na minha região. Mas verdade (...), lá a gente não vê japonês assim como tem pra cá! - Ah, sempre fala que eles são bastante inteligentes, né, sobre horta essas coisas, né (Informante PRGII).</p> <p>Ah, em Juara tem mercado de Japonês, tem rua com nome de japonês, médico, um monte de médico japonês. Em Juara tem bastante japonês (Informante PRGI)</p> <p>Então, na região tem pouco japonês. Acho que em Juara vai ter mais, mas não é muito também não. (Informante RSGI).</p> <p>Japa!, também se diz (Informante RSGI).</p>
<p>Índio Bugre</p>	<p>Juara tem mais índio que aqui, [...] que aqui tem a Madalena [...], a índia veia lá, a fia dela e os fio dela esparramado por aqui, e só. (Informante PRGII).</p> <p>Os bugre que vocês fala, né, o índio não é o mesmo bugre? (Informante PRGII)</p> <p>Índio, índio, acho que tem aquele que trabalha na (empresa), e mais uma família só. É bem pouco (Informante RS complementar).</p>

Fonte: o próprio autor

No que se refere ao modo “como as denominações se mantêm ou se re-significam”, concluí que, nesse contexto, os modos de chamar um grupo e seus respectivos sentidos estão, em maior parte, atrelados ao ponto de partida dos (i)migrantes e à formação de territorialidades no novo contexto.

O fato de o contato linguístico e a formação de territorialidades serem recentes e os sujeitos irem se assentando próximos aos seus semelhantes são fatores para a manutenção das denominações e seus significados. As distintas percepções dos grupos (RSGI e GII/ PRGI e GII) passam a entrar em contato, mas com certa resistência da carga semântica herdada no ponto de partida.

Entre as duas denominações divergentes nos comentários metalinguísticos dos grupos PRGI e GII e RSGI e GII, a primeira foi “polaco”.

Figura 15 - Denominação *polaco* na paisagem linguística



Bairro Cidade Alta – Alta Floresta – MT

Fonte: acervo particular do autor.

Para os GRS, “polaco” está [+] relacionado às características linguísticas. Assim, “polaco” designa o falante de polonês. Uma das razões dessa percepção do RSGI/GII é a história de contato linguístico que os teuto-rio-grandenses tiveram com o elemento polaco nas diferentes configurações de territorializações linguísticas da região sul brasileira.

*Ah os Lendowinski são **polaco**, não? Mas lá em Guarani das Missões, lá tem muito **polaco**, quando eu servi no quartel conheci muita gente que vinha de lá [...]* (Informante RSGII).

*Polonês! acho que sim, acho que tem uma família aqui que são descendente de **polaco**, mas já morreu muita gente aqui, sabe, dos antigos, e também foram muitos embora, então para eu saber ... mas o pai vai saber, porque ele veio criança pra cá, né, eu não, eu já nasci aqui* (Informante RSGI).

Ao contrário dos rio-grandenses, na definição de polaco, o grupo PRGI e GII se apóia em fatores [+] extralinguísticos. São características que tanto os (des/as)cendentes de alemães, como os de poloneses compartilham: cabelos e olhos claros, pele clara, sardas, entre outros componentes de uma fisionomia imaginada.

- O que é polaco para a senhora?
 - **Polaco** é quem nasceu bem branco, não é?
 - Ah é? Mas a senhora conhece a denominação “polonês”?
 - Ah, já ouvi falar, mas daonde que vem essa turma que já me falaram uma vez..
- (Informante PRGII).

Ah, tem um bem polacão, aquele pessoal ali dos (nome) conhece? Eles são bem polacão. (Informante PRGI).

Cabe considerar que os elementos polono e eslavo, de maneira geral, são [+] representativos que o alemão no Estado do Paraná. Isso evidencia uma percepção generalizada, com origem numa história de contato, na qual a denominação serve para todos os grupos que possuam características físicas semelhantes.

Não houve diferença entre as percepções dos grupos geracionais (GI e GII) de RS e PR. A meu ver, os sentidos da denominação “polaco” ainda resistem nos grupos pelo fato de suas redes de comunicação serem muito relacionadas às territorialidades [+] homogêneas que se formaram na localidade por meio da ordem de chegada dos (i)migrantes. Contudo, a fraca territorialidade dos polono-brasileiros na localidade, praticamente resumida a sobrenomes de algumas famílias, talvez esteja causando certa perda da percepção que vê os “polacos” como pessoas de origem eslava e falantes do polonês (GRS).

Partindo para “como denominam os/as descendentes de italianos”, encontrei a palavra “gringo”. Em contexto sul-rio-grandense (GRS), essa designação serve para nomear os (des/as)cententes de italiano. Parece-me uma denominação muito popular e presente na auto-denominação dos ítalo-gaúchos também em contexto norte mato-grossense. Assim como se comprova na paisagem linguística local.

Figura 16 - Denominação *gringo* na paisagem linguística



Gringo, centro de Sinop - MT



Gringo, agenda de telefones, Juara – MT, 2012.

Fonte: o próprio autor

Inf.02 – *É, ali é uns gringo, é, eles são uns gringo, né.*

Entrevistador – *Eles são italianos será?*

Inf.02 – *Não, não, eles são catarinense, é, eles são de Santa Catarina, só que o povo diz que “ah, são os gringo ali”, mas não tem nada a ver, eles são de **Santa Catarina**.* (Informantes PRGII).

*Inf. – Ah, é turma de **italiano** que o pessoal fala, né mesmo mãe?(mãe na cozinha). Então, eu sei porque a minha cunhada de Juara, a família dela é do Paraná também, né, mas acho que os avós dela são de São Paulo, de Ipeziinho (SP), parece que eu vi a velhinha falar. E eles são turma de italiano mesmo, a vózinha, ela fala muita coisa em italiano ainda, a mãe da minha cunhada que cuida dela, né. Lá na casa deles, eles come polenta quase todo dia, que a vózinha faz, né, tadinha aquela, vozinha deve gostar de polenta, dia de domingo lá é sagrado. Mas tu tinha que ir lá entrevistar ela, né mãe! (Informante PRGI).*

Nas entrevistas que empreendi, o termo foi empregado no sentido rio-grandense (ascendentes de italiano) pelos informantes RSGII e apenas 01 dos informantes RSGI. O outro jovem do grupo RSGI e todos do grupo paranaense compreenderam como “uma pessoa estrangeira residente ou turista, independente da origem”. Nos comentários metalinguísticos dos dois grupos, concluí que a maioria das famílias ítalo-brasileiras da localidade são de topodinâmica paulista e mineira, as/descendentes dos milhares de italianos chegados no séc. XX para se ocuparem de atividades de trabalho braçal nos cafezais de São Paulo e de Minas Gerais. Os ítalo-gaúchos, segundo os comentários, são a minoria entre os ítalo-brasileiros.

Os teuto-gaúchos foram referenciados pelos paranaenses por meio de duas definições, a) “gaúcho” e b) “alemão”. A primeira (“gaúcho”) [+] baseada no contexto de oficialidade, uma vez que, para o governo e para a imprensa⁶⁵ mato-grossense, os rio-grandenses são “gaúchos”, basta ver as publicações midiáticas. A segunda (“alemão”) denominação é [+] centrada na percepção, concebida no convívio local, de que esses gaúchos possuem, em sua maioria, a origem alemã e falam o “alemão”. No caso de três comentários metalinguísticos, a seguir, o elemento “alemão” foi referenciado com base em aspectos lingüísticos:

*Agora ali, tem um rapaz ali que ele fala em muita língua, né, porque ele é **alemão**, né. Esses alemão, eles são estudado demais, né? Onde tá esse carro preto ali, [...]* (Informante PRGII).

*Olha aqueles ali mesmo (apontando a casa) são turma de alemão, eu passo ali todo mês quase, e a vó ali chama até os cachorro em alemão [...] Sim! Os cachorro ali só obedece em **alemão**. Eu até falei esses dias para a (nome), que o ladrão que entrou ali e não falou em alemão complicou a vida dele (risos).*

Agente de saúde (natural de Sertãozinho – PR), Caderno de campo 16/07/14.

⁶⁵ Ver Schaefer (1985, p.87).

Sim, os alemães aqui, como vou falar para você, era mais, mas agora têm bem menos, meu pai mesmo é alemão, mas ele não fala, só entende (Rapaz da mercearia, natural de Porto dos Gaúchos - MT, caderno de campo, 17/07/14).

Figura 17 - Alemão, Av. das Embaúbas, Centro de Sinop - MT



Fonte: o próprio autor

Há, portanto, a hipótese de que um dos fatores que mantém a denominação “alemão”, é a presença cotidiana da língua de imigração alemã em sua respectiva territorialidade, ao lado da representatividade e coesão do grupo como minoria linguística.

Ao observar como os grupos se percebem na localidade, dois critérios me pareceram ser os norteadores desse processo: a) fatores linguísticos e b) fatores extralinguísticos. Este último o divido ainda em: b1) tempo de chegada, b2) estratificação social e b3) territorialidades.

a) Fatores linguísticos

A prosódia e a diferenciação lexical parecem ser elementos importantes nos comentários metalinguísticos quando a tarefa é descrever a percepção da língua do “outro”. “Esquisito”, “engraçado”, “arrastado” são alguns adjetivos utilizados na descrição de “cuiabanos” e “nordestinos”, por exemplo. Não obstante, fatores de ordem não linguística são somados a essa percepção da presença do “outro”.

b) Fatores extralinguísticos

Nessa ordem eu elenco o tempo de chegada na localidade, que me pareceu decisivo no momento em que o informante se pôs a pensar onde estão concentrados os “outros”, associando o lugar com o grupo. Ainda assim, a estratificação social, medida pelos espaços de trabalho, que também constituem territorialidades, e a estigmatização linguística causada por fatores extralinguísticos, foram os pontos de enfoque para tecer comentários.

*É, eles (bairanos) falam meio arrastado assim, né.
É? Tem alguma palavra, assim, que a senhora já escutou assim?*

É, bom, ah, eu sei lá, eu não gosto nem de se envolver que se não eu começo a falar igual assi,m né. (informante PRGII)

O caso desse último comentário é um exemplo da estigmatização linguística de um grupo recém-chegado, que se encontra à margem da distribuição espacial e estratificação social.

2ª parte: a presença do alemão na localidade

A seguir, levanto certos pontos observados que tentam retratar o contexto do alemão em Porto dos Gaúchos – MT.

4.2 O ALEMÃO COMO LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO NO PERCURSO TOPODINÂMICO RS-MT

Quando menciono o principal ponto de partida dos pioneiros de Porto dos Gaúchos, me refiro à região das Missões, no Rio Grande do Sul, Santa Rosa – RS e seus arredores, assim como ao contexto histórico e social em que se inseriram as línguas nessa região.

A realidade linguística das Missões, como comprovam os dados do ALMA-H, é uma região de passagem dos alemães e seus descendentes, que transpuseram suas variedades linguísticas para a fronteira transnacional, em regiões da Argentina e Paraguai, e uma região de fronteiras políticas do território nacional, que se estendem desde Santa Catarina, em direção ao oeste, como foi elucidado anteriormente.

Roche (1969) afirma que os imigrantes alemães, camponeses fixados no Rio Grande do Sul, tinham como ponto de partida diferentes regiões da Alemanha. Os pioneiros partiram de Holstein, Hanover e Mecklembourg, a seguir, em maior número⁶⁶, vieram os da região do Hunsruck. Na região de Estrela, se concentraram os vestfalianos (HORST, 2014), os pomeranos, em parte de Santa Cruz do Sul e São Lourenço, e os Suábios, em Panambi (ROCHE, 1969, p.158).

A preponderância de hunsriqueanos fez com que essa variedade se difundisse e desempenhasse um papel de *koiné* dialetal, semelhante ao caso do vêneto nas colônias italianas. Não obstante, observa-se que a configuração das territorializações na região das

⁶⁶ “Estes últimos ‘assimilaram’ os que procediam de Saxe, de Württemberg ou de outras regiões” (ROCHE, 1969 p.158).

Missões, dada principalmente pela soma de (i)migrantes vindos das antigas áreas de colonização com imigrantes de topodinâmica direta do exterior, exerceu papel fundamental na paisagem multilíngue dessa região. Todavia, apesar dessa área noroeste ser de maioria teuto-brasileira, há uma “[...] diversidade de etnias em sua população.” (ROCHE, 1969, p.1888).

A configuração linguística do elemento alemão trasladado para Porto dos Gaúchos tem uma história de contato que precisa ser registrada por seu caráter multilíngue. Apesar de acentuada perda linguística, ainda é falado e resiste na memória dos sujeitos as seguintes variedades: o Hochdeutsch, o Hunsriqueano, o Caxubo, o Pomerano, o Suábio e o Tirolês.

4.3 VARIEDADES DO ALEMÃO EM PORTO DOS GAÚCHOS

4.3.1 O *Hochdeutsch*: papel no processo migratório e na propaganda (da) colonizadora

Uma das questões que mais me chamou a atenção na história de colonização de Porto dos Gaúchos foi o uso do alemão como língua de “chamamento”. Uso esse termo não só como referência às cartas dos (i)migrantes remetidas aos parentes, mas também ao papel da língua alemã *standard* nas formalidades da empresa colonizadora. Isso inclui os vários folhetins, anúncios e materiais publicados em jornais e revistas que foram produzidos pela Conomali, a colonizadora responsável pelo empreendimento da Gleba Arinos.

A habilidade dos (i)migrantes na leitura e na escrita da variedade *standard* se deve a um período de escolarização em língua alemã, vivenciado pelos mais velhos antes da interdição linguística. Segundo os informantes, na Gleba Arinos, havia/há vários livros em língua alemã, nas dependências da colonizadora, disponíveis para leitura e entretenimento dos (i)migrantes. Contudo, o ensino do alemão se restringiu aos anos iniciais da colonização e não era vinculado à escola, como se poderia pensar, mas sim à igreja.

É, bem no começo nós tínhamos um professor de alemão sim, era o pastor (...) ele ensinou no começo, é, mas houve reação, então foi melhor parar. (Depoimento anônimo)

O peso da estigmatização e o medo deixado pelo período da interdição linguística, ao meu ver, foram decisivos na substituição linguística diageracional em Porto dos Gaúchos – MT, uma vez que os poucos espaços de uso da língua não foram suficientes para a transmissão. Não há mais o uso do alemão, por exemplo, na igreja. Segundo os relatos

recolhidos, há muito tempo que não há pastores nas igrejas luteranas que falem a língua alemã e/ou realizem o culto nesse idioma. Atualmente, o uso do Hochdeutsch se restringe a certas famílias que o têm como língua materna e o utilizam apenas no âmbito familiar.

4.3.2 Variedade do Hunsriqueano (Hunsrückisch)

Todos os meus informantes RSGII afirmaram entender e falar o hunsriqueano em variados graus. Apenas um admitiu que, por falta de uso, sente dificuldade em manter conversa sobre determinados assuntos. Em anotação de campo, observei que muitos sujeitos, apontados como falantes do alemão hunsriqueano, eram (i)migrantes tardios (re-migrantes), chegados após a década de 1980. Em parte, essa percepção se acentua pelo fato de que as gerações de hunsriqueanos chegados na fase pioneira já estão em forte perda linguística (erosão linguística).

Há um entendimento entre os informantes de que os falantes de hunsriqueano são maioria perante os de hochdeutsch na localidade. Este último está resumido a, aproximadamente, três famílias de falantes.

Ah, a não ser os filhos do colonizador, o pessoal ali do cartório, o restante fala tudo esse nosso, né.

(Informante RSGII)

Sim, sim, que fala esse nosso mais quebrado tem o pessoal ali que são de Santa Catarina, o Sr. (nome), tem o rapaz ali da construtora, ele e a mulher dele fala. Ah, tem bem mais, só que tenho que pensar, na hora não vem. Agora, o pessoal ali do cartório não, eles fala mais esse gramatical

(Informante complementar GRS).

As entrevistas do ALMA-H, realizadas em julho de 2013, representam um *corpus* que possibilita uma fotografia da variedade hunsriqueana local. Em minha pesquisa de doutorado, tenho como pretensão estudar as mudanças ocorridas nessa variedade de Porto dos Gaúchos – MT em relação àquela falada no ponto de partida, a região das Missões.

4.3.3 O pomerano, o suábio e o alemão austríaco (Tirolês)

Também encontrei na localidade uma informante que declarou falar o português e o hunsriqueano, bem como compreender o tirolês falado em sua localidade de origem: Treze Tílias - SC. Seu pai era austríaco e sua mãe de origem alemã, com naturalidade de Jaguará do Sul – SC. No caso dessa informante, a migração para a MT01 foi em 1983, era, portanto, uma re-migrante.

Outra informante, nascida em Tucunduva – RS, declarou, além do português, falar e compreender o hunsriqueano e o pomerano. Porém, pela razão do pouco uso das variedades no cotidiano, admitiu ter dificuldade em manter diálogo em suas línguas maternas (minoritárias).

Em entrevista feita em 2013 (ALMA-H), no relato de um informante aparece a memória de um morador alemão (*Deutschländer*) falante(s) da variedade *Schwäbisch* (Suábio).

Entrevistador - Und hon die Deitsch alles anderste gesprochen?

Informante – Mea hon, ich musste mit ihm herumfahren und sprechen. Keiner, aber.. der Benjamin hon die nicht verstanden [...]

Entrevistador - Was hat den Benjamin geworden? ,?

Informante - Benjamin era o encarregado aqui. Er war Deitschländer.

Entrevistador - Ah, war er aus Deutschland? [...]

Informante - Ja, aber der hat *Schwäbisch* gesprochen. Den Deitsch hat er nicht.

Entrevistador - Er hot Schwäbisch gesprochen und du host net verstanden?

Informante - Sim, und denn, e eu que [...] ⁶⁷

Apesar dessas três variedades sobrevive na memória desses falantes, o registro de sua existência se faz necessário, principalmente para servir como fonte para investigações futuras.

4.3.4 O Caxubo (*Kaschubisch*)

Na localidade um informante declarou falar alemão hunsriqueano e entender caxubo (*Kaschubisch*), já sua irmã relatou conhecer a variedade, mas que lamentavelmente não a entende. A mãe desses dois informantes era falante da variedade caxubo.

⁶⁷ Entrevistador – E se falava outro tipo de alemão aqui?

Informante – Nós, eu precisava ir com eles (alemães), levá-los, e falar. Nenhum, mas, o Benjamin eu não entendia.

Entrevistador - Was hat den Benjamin beworgen?

Informante – Benjamin era o encarregado aqui. Ele era da Alemanha.

Entrevistador - Ah, ele era da Alemanha? [...]

Informante – Sim, mas ele falava Schwäbisch (Suábio). O alemão ele não falava.

Entrevistador – Ele falava Schwäbisch e você não entendia?

Informante - Sim, und denn, e eu que [...]

O caxubo (ou cassúbio) é uma variedade de língua eslava, de *status* minoritário na Polônia, país onde ainda há falantes na região norte, denominada Pomerânia. As migrações decorrentes das perseguições religiosas fizeram com que muitos alemães prussios migrassem para a Rússia. Em uma nova (e)migração, os falantes saíram da Rússia com destino à América, Oceania e interior europeu. A colônia Guarani, na região das Missões, recebeu representativo número de imigrantes russos. Segundo os informantes, a Linha República, que atualmente pertence ao município de Salgado Filho – RS, era um dos lugares de maior concentração de falantes do caxubo.

Não obstante, as novas migrações fizeram com que a configuração linguística desse ponto tenha sido alterada. Novas fronteiras de ocupação, como a região de Nova Santa Rosa – PR, citada pelos informantes, podem ser contextos onde o caxubo ainda resista na memória, assim como no caso norte mato-grossense. Desconheço, entretanto, pesquisas sobre essa variedade no contexto brasileiro. Seria importante um diagnóstico nessas localidades com o objetivo de registrar os espaços em que essa língua ainda se faz presente.

4.4 VITALIDADE DO ALEMÃO NA PERCEPÇÃO DOS FALANTES

As percepções de línguas, no efeito de contato linguístico, se revelam como um outro viés de estudo do plurilinguismo. Os comentários metalinguísticos apresentados a seguir são respostas às perguntas 06, 07, 08, 09 e 10 do *Questionário de dados sociológicos e metalinguísticos*.

Na análise das entrevistas de todos os grupos, apenas os integrantes do RSGII, por serem os únicos sujeitos bilíngues, souberam distinguir as variedades de alemão faladas em Porto dos Gaúchos, sendo as mais evidentes: o Hochdeutsch e o Hunsrückisch. Os jovens RSGI e os paranaenses GI e GII não souberam dizer se há diferentes variedades de alemão nessa diatopia.

4.4.1 Percepção dos teuto-gaúchos (RS GI e GII): visão de dentro da comunidade

Entre todas as percepções dos gaúchos, destaco as seguintes:

- a) A diminuição dos falantes de alemão na localidade. Ela é motivada, principalmente, pelos poucos casos de transmissão da língua, ocasionando a sobrevivência da(s) variedade(s) apenas na boca da geração [+] velha.

Inq.-Há algum jovem que nasceu na localidade e fala alemão?

Info.-Não, a não ser os filhos do Sr. (nome) que ele ensinou, mas nenhum outro.
(Informante RS, Caderno de campo, 15/07/14).

b) A diversidade linguística de variedades teuto, principalmente no que concerne à existência de falantes do Hochdeutsch e o Hunsrückisch, mas também casos isolados de falantes de outras variedades, como já ressaltai.

c) A diminuição dos falantes, motivada pela migração para outros pontos, e, ao mesmo tempo, a percepção da chegada de [+] sujeitos bilíngues, com a abertura da monocultura da soja e do milho na região, tradicionalmente dominada pelos rio-grandenses.

Ah, agora talvez vem mais alemão pra cá, porque tem bastante gente de Sorriso, Lucas comprando terra pra cá, né. (Informante RSGII).

No que tange à diminuição da territorialidade da língua de imigração em contexto de topodinâmica RS-MT, elaborei questões sobre a vitalidade do alemão. O questionário perceptual ampliado (parte II - metalinguística) foi feito com o objetivo de apreender o que pensam os falantes sobre o grau da territorialidade da língua desde o ponto de origem, a *Heimat* (Rio Grande do Sul), até Mato Grosso.

Pedi aos informantes que atribuíssem uma porcentagem “do quanto é forte a língua [alemã] em cada estado brasileiro do percurso RS-MT”. Como forma de ajuda para elaborarem a resposta/ percepção, pedi que pensassem sobre a vitalidade da língua num contínuo diageracional, crianças, jovens e adultos, em cada contexto diatópico. Os resultados estão compilados na tabela abaixo:

Tabela 01 Percepção da vitalidade do alemão RS – MT

	RS	SC	PR	MT
RSGI (1)	70%	70%	70%	10%
RSGI (2)	80%	70%	40%	20%
RSGII (1)	50%	50%	30%	10%
RSGII (2)	50%	70%	60%	30%

Fonte: o próprio autor

De fato, os jovens, por não nascerem no contexto de bilinguismo da Região Sul, atribuíram uma porcentagem superior ao RS e a SC do que a geração velha. Apenas um RSGI supôs que, no Paraná, a vitalidade da língua alemã seja menor que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Os RSGII atribuem menor porcentagem de vitalidade da língua alemã aos

Estados de SC e RS que as RSGI e, como os jovens, pensam que no Paraná se fale menos alemão que nos territórios rio-grandense e catarinense.

O Mato Grosso foi percebido, por ambas as gerações, como um espaço de menor vitalidade do alemão: de 10% a 30% de uso na percepção dos informantes. Talvez essa percepção seja resultado, preponderantemente, da hipótese de haver uma maior homogeneidade étnica no contexto sulista e por isso, conseqüentemente, maior territorialidade de uso da língua.

4.4.2 A percepção dos paranaenses (PR GI e GII): visão de fora da comunidade

Os PRGI e GII se mostraram perceptivos à realidade bilíngue alemão-português do grupo vizinho. Os sujeitos entrevistados no grupo PRGII, em especial, mostraram-se mais conhecedores desse tema que o PRGI, tecendo situações diversas do contato, como momentos em que presenciaram os gaúchos conversando entre si, na variedade alóctone, ou palavras específicas, identificadas e correlacionadas ao grupo “alemão”. O fato de o grupo PRGII perceber melhor o alemão na localidade corrobora com os diversos relatos dos RSGI e GII sobre a perda linguística local, no que se refere a não escutar/falar tanto o alemão como outrora.

Apesar disso, de modo geral, uma das percepções mais correntes entre os PRGI e GII é a não compreensão da língua de imigração e as impressões que isso causa. As expressões mais frequentes são “falar enrolado”, “não entender nada”, “difícil”, como podemos ver nos excertos abaixo:

Inf.- Agora ali, tem um rapaz ali que ele fala em muita língua, né, porque ele é alemão, né.. Esse alemão eles são estudado demais, né? Onde tá esse carro preto ali, [...] Esses cara ali eles fala muita língua, e tem hora que eles falando, brigando ali, ou que fala qualquer coisa, e a gente não entende! [...] É impossível!

Inq.- Aé?

Inf. - Deus o livre! Quando eles se pega ali e você vai falar “mas que língua eles estão falando?”, parece um papagaio, aí é brabo de você entender! Eu não entendo! Eu nem estou nem vendo o que eles estão falando, eles estão querendo se pegar. (risos). Eles já falam o que você não entende, o que você vai falar? Se eles estiver xingando a gente, a gente nem pode falar que eles está xingando a gente, porque.. coisa difícil, né?

Inq.- O senhor vê direto aqui as pessoas falando em alemão?

*Inf. - Nãoo, a maioria deles, né, quando eles se topa, ocê passa perto, ocê não consegue vê o que eles estão falando, porque é enrolado demais, né. Eles só **falam assim em alemão** e ... não, mas eles falam brasileiro também!, chega, fala comigo aí assim, como nós tá se entendendo, **mas entre eles só que fala o alemão.***

(Informante PRGII).

Inq.- A senhora já escutou eles falando em alemão?

Inf. - Ah, eles fala tudo enrolado, a gente não entende nada.

Inq. - É?

Inf. - Não, fala enrolado, você já viu?

Inq. - Eu já vi mesmo.

(Informante PRGII).

A (nome) fala cara!, ela com o marido dentro de casa eles só fala em alemão! E ela ensina os netinhos dela também! Dá o endereço da (nome) pra ele ir lá, tatá!” (Informante PRGII).

As atitudes demonstradas nesses excertos oscilam desde a incompreensão pelo que se passa na situação dioglósica, à desconfiança, até a admiração do que é diferente no “outro”. Um fator extralinguístico necessário de se considerar é a posição de prestígio social em que se encontram os teuto-gaúchos. Os paranaenses figuram [+] como um grupo pós-chegado, de classe trabalhadora, com maioria inserida em setores nos quais os pioneiros têm maior influência. Um exemplo de contato linguístico por relações de trabalho é o comentário a seguir de uma informante PRGI:

Eu trabalhei na casa de uma mulher aqui, e eles são alemães, né, e aí toda vez que ela ligava para mãe dela, ela me pedia desculpa porque a mãe dela mora lá no sul e não tem o costume de falar português, né, aí eu achei bonito vê elas falando (Informante PRGI).

O contato também se dá pelos casamentos entre filhos de rio-grandenses e paranaenses, como no caso de meus informantes PRGII, cuja filha é casada com um “alemão”. No excerto abaixo, eles me explicam o que é “chimia” (Schmier).

Inq. – Eles têm alguns costumes de comida, alguma coisa, assim, diferente, assim, que eles comem?

Info01 – Ave Maria! Na casa de alemão lá, eles são meio danado, né.

Info02 – Eles gosta muito de pão, né, de doce, de chimarrão...

Inq. – Doce?

*Info02 – É!, **chimia**, né, que eles fala, né?*

Inq. – A senhora já tinha escutado isso, dona Rosa?

*Info02 – Já! Esse é o **chimia**, eles diz isso aí, né? Eles faz aquele doce, eles mesmo faz em casa, né, pra poder passar no pão, né?*

Inq. – Ah!

Info02 – Éééé, os alemão! Tudo que eles abre lá é chimia (risos).

Inq. – É, a senhora foi escutar essa palavra quando?

Info02 – Óia, há muito.. (risos) assim que cheguei por aqui, né.

Inq. – No Paraná a senhora nunca escutou?

Info02 – Não, eu não me lembro disso aí no Paraná, aqui no Mato Grosso!

Inq. – A senhora já comeu chimia?

Info02 – Eu já, já tive lá (casa dos sogros da filha) com ele (marido), já comi, né. Porque é uma coisa, assim, um doce mais ralo procê passar no pão, né?

Inq. – É?

*Info02 – É, daí é o **chimia** que eles fala né, eles mesmos faz em casa (riso).* (Informantes PRGII)

Em todos os casos em que observei a percepção dos paranaenses sobre os rio-grandenses, os informantes tinham a consciência do bilinguismo presente na comunidade linguística do “outro”. Penso que a língua, tão importante na história da minoria alemã local,

reflete substancialmente o modo como os paranaenses, e provavelmente outros grupos de (i)migrantes tardios, percebem os pioneiros gaúchos.

4.5 TERRITORIALIZAÇÕES LINGUÍSTICAS EM PORTO DOS GAÚCHOS – MT

No que concerne à **3ª parte** da análise, relativa à **territorialização linguística em Porto dos Gaúchos – MT**, parti basicamente dos dados coletados com o segundo questionário para a obtenção de mapas mentais (em anexo).

A aplicação dos mapas se deu de maneira relativamente inoportuna, na rua, em bares, conforme o perfil do sujeito e a confiança que o mesmo atribuía a mim. Perdi muitos informantes por não acreditarem nos meus propósitos e desconfiarem do meu trabalho. Na maior parte dos casos, os entrevistados eram inquiridos em minutos concedidos no meio de suas atividades ligadas ao comércio ou atividade autônoma. Em todas as situações, os informantes preferiram me mostrar as ruas e espaços a serem marcados do que desenhar. A aplicação do questionário ampliado foi bastante diferente, pois as entrevistas eram pré-agendadas por um conhecido, ocorrendo em ambiente e situação mais controladas.

4.5.1 Presença da minoria alemã (percepções na perspectiva micro)

Segue abaixo o mapa com as sobreposições das percepções de gaúchos (RSGI e GII) e paranaenses (PRGI e GII) sobre a territorialização da minoria alemã com base na pergunta: onde residem [+] famílias de origem alemã aqui na localidade?:

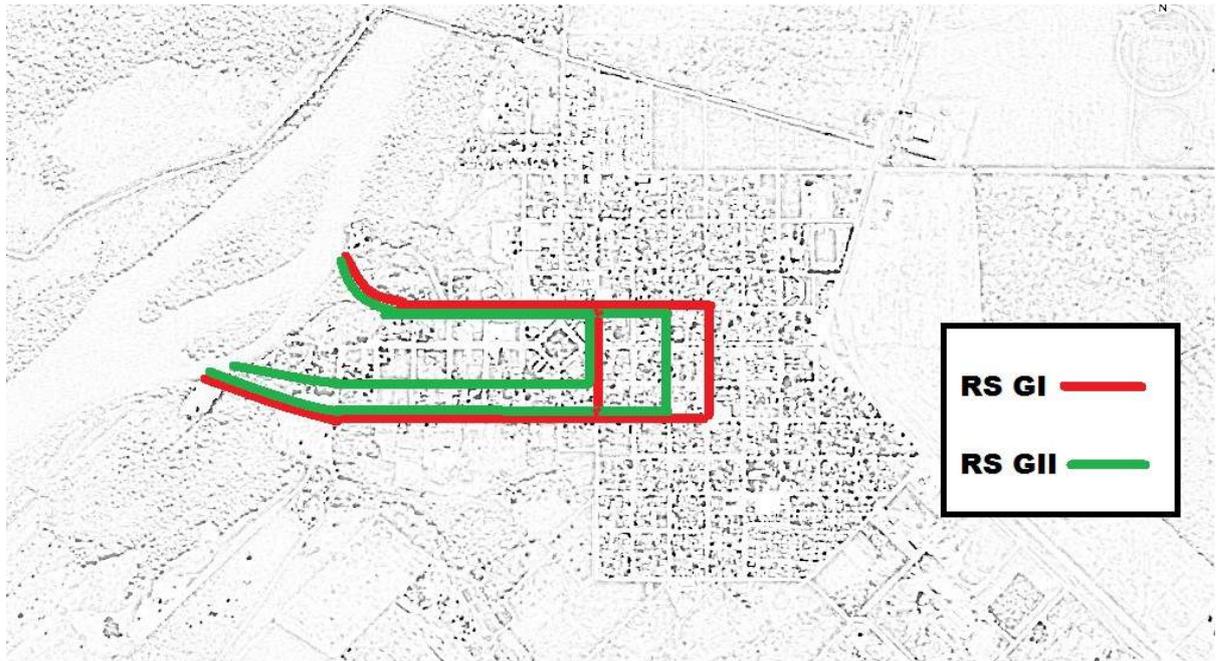


Fig.18 - Presença dos “alemães” – RS GI - GII

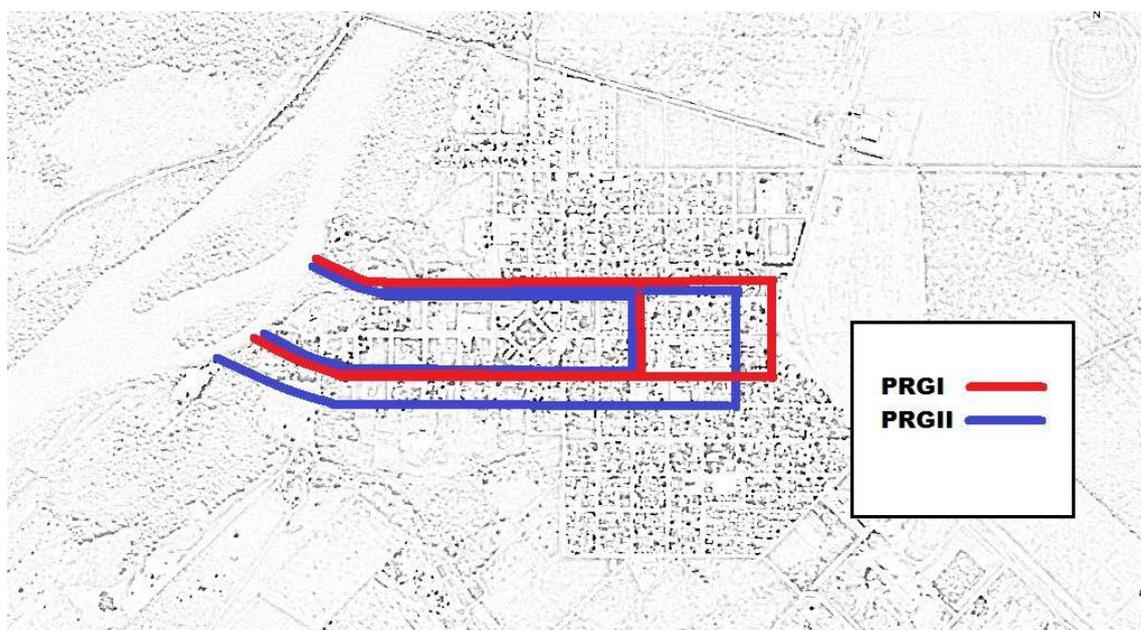


Fig. 19 - Presença dos “alemães” – PR GI - GII

Entre as gerações dos dois grupos (RS e PRGI e GII) não se observa uma diferença substancial na percepção da minoria alemã. Diferentemente da dimensão diageracional, a dialingual (RS e PR) permite ver que a percepção dos paranaenses é [+] ampliada que a dos rio-grandenses. É possível que os PRGI e GII, por serem (i)migrantes tardios, vejam a parte central da cidade [+] ocupada pelo “outro”, do que os rio-grandenses, que possuem um mapa mental mais detalhado de sua própria territorialização.

Parece evidente que o grupo RS se concentrou no centro da cidade, com uma territorialização muito forte, desde a parte próxima à praça principal da cidade, que divide o espaço entre a igreja católica e a luterana, até as propriedades localizadas na beira do Rio Arinos. Essa área está historicamente relacionada ao antigo porto, que remonta ao início da colonização. Foi por meio dele que aportaram as primeiras famílias na localidade e onde está a casa da Família Mayer, em estilo enxaimel, um dos monumentos à presença alemã em Porto dos Gaúchos. A avenida Theodoro Rezer também foi citada como uma “rua de alemão”. Isso deve-se ao fato de que, perceptualmente, residências ali localizadas são, em sua maioria, de propriedade de membros da família Rezer. Fato que pode não condiz com a realidade.

Observei que as territorialidades [+] relacionadas à identidade alemã nessa localidade são, principalmente, as duas igrejas de confissões luterana. Estas foram identificadas por meus informantes paranaenses como “igreja de **alemão**” ou “igreja de **gaúcho**”. Algo similar acontece na percepção dos “baianos” em relação aos (i)migrantes “gaúchos” em Barreiras⁶⁸ – BA (HAESBAERT,1994). Estão nessas duas territorialidades os espaços de maior probabilidade de se encontrar sujeitos que possuem, como prática social, o hábito de falar o alemão com os seus.

Figura 20 – Igrejas evangélicas luteranas na localidade



Igreja Luterana no Brasil – (IECLB) de Porto dos Gaúchos – MT. Fonte: Acervo particular do Autor



Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) de Porto dos Gaúchos - MT. Fonte: Acervo particular do Autor

⁶⁸ “Embora bem menos expressivas do que a Igreja Católica em número de fiéis as Igrejas Evangélicas Luteranas (IELB e IECLB) também são um claro indicador do legado cultural difundido pelos migrantes. Em Barreiras elas são genericamente conhecidas como ‘igreja dos gaúchos’, dado o número quase nulo de praticantes nordestinos.” (HAESBAERT, 1994, p.14).

Não há programas de rádio em língua alemã em Porto dos Gaúchos, mesmo porque não há emissoras com sede no município. O programa de rádio voltado à comunidade alemã mais próximo é o transmitido por uma rádio AM de Sinop⁶⁹. Contudo, o sinal vindo dessa emissora não alcança as residências locais. Outras territorialidades dessa minoria são as casas de arquitetura colonial alemã e associações familiares que também sinalizam espaços de ocupação, coesão etnolinguística e prática social.

Figura 21 – Territorialidade alemã na paisagem linguística



Casa com lambrequim e sótão.
Centro de Porto dos Gaúchos – MT
Fonte: acervo do autor



Associação dos Familiares Rezer
Centro de Porto dos Gaúchos - MT
Fonte: acervo do autor

4.5.2 Presença da maioria paranaense (percepções na perspectiva micro)

A seguir, apresento o mapa com a sobreposição das percepções dos grupos PRGI e GII e RSGI e GII sobre a territorialização dos “paranaenses”. A pergunta base foi: onde residem [+] pessoas do Paraná (que não são filhos ou netos de gaúchos e catarinenses) aqui na localidade?:

⁶⁹ Ver Barros; Philippsen (2013).

Figura 22 - Presença dos “paranaenses” – RS GI - GII

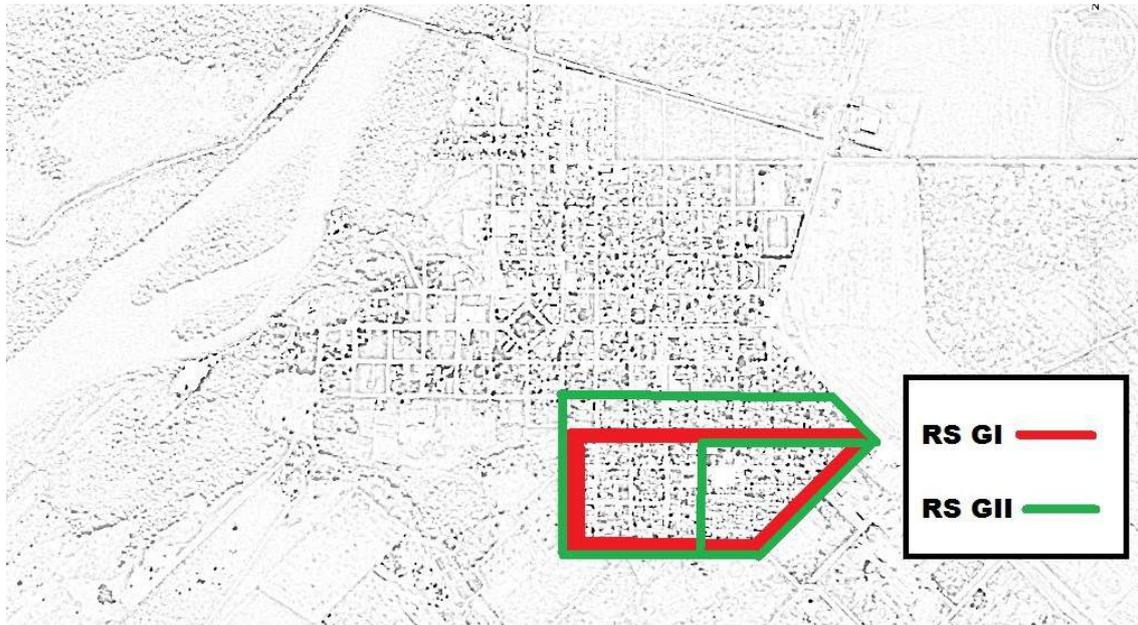
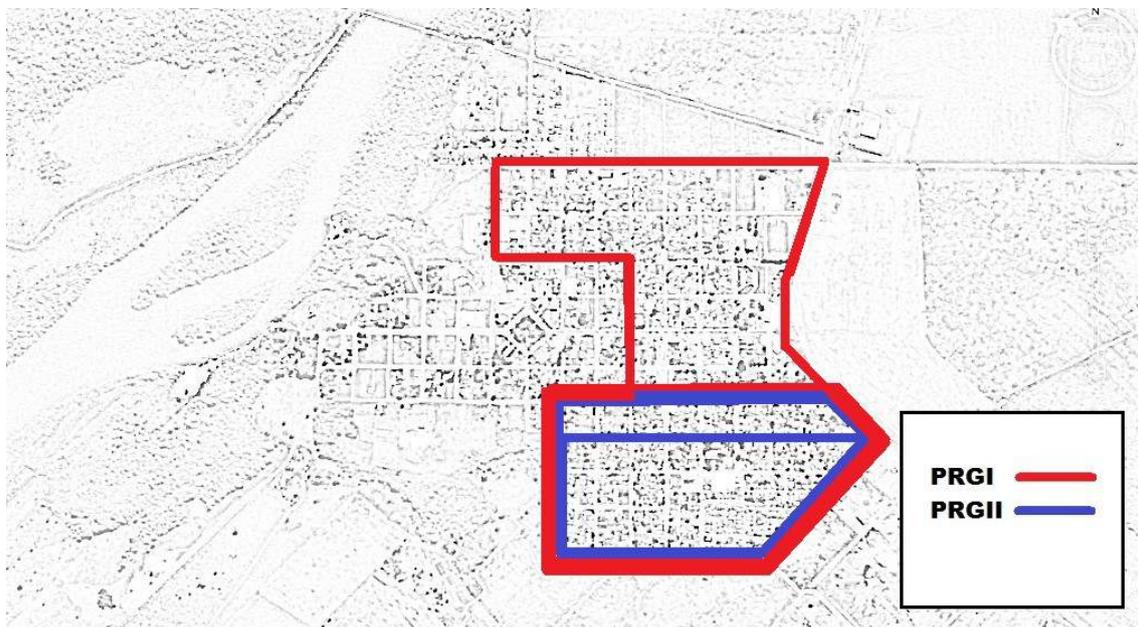


Figura 23 - Presença dos “paranaenses” – PR GI - GII



Fontes das figuras 22 e 23: o próprio autor

Como é possível observar, tanto os gaúchos quanto os paranaenses acreditam que a região da antiga “COHAB” (área C) é a que concentra [+] paranaenses na zona urbana de Porto dos Gaúchos. A diferença na percepção de jovens e velhos não foi substancial no grupo RSGI e GII, porém [+] representativa no grupo PRGI e GII.

É aqui na Cohab você vai encontrar mais gente do Paraná mesmo, agora, que nem eu te falei, ali do hospital pra lá, aí, é mais alemão, gaúcho pra lá, né.
(Informante complementar GPR).

Ali na COHAB tem muito, é, esse povo que trabalhou com café no Paraná, e que daí não deu mais certo lá por causa da geada, e vieram tudo para cá.
(Informante complementar GRS).

Apenas um PRGI afirmou que não só a área correspondente ao bairro Jardim Amazonas (Cohab), mas também a área B, que classifiquei como área secundária de colonização, possui [+] concentração de paranaenses.

Um fato importante a ressaltar é que 05 informantes paranaenses eram de igrejas pentecostais, isso corrobora o fato de haver [+] igrejas dessa confissão nas áreas [+] novas da cidade. Concluí que, junto à igreja católica, as pentecostais representam as territorialidades [+] paranaenses de Porto dos Gaúchos – MT. Esses são os locais de maior probabilidade de se escutar as variedades linguísticas de contexto paranaense.

Figura 24 - Territorialidades [+] paranaenses



Igreja Católica de P. dos Gaúchos – MT

Fonte: do próprio autor

Igreja Pentecostal Mundial de P. dos Gaúchos – MT

Fonte: Acervo do ALMA-H

As fazendas ao redor de Porto dos Gaúchos ainda estão [+] centradas na pecuária. Os relatos recolhidos em campo remontam à hipótese de haver [+] fazendeiros paranaenses que rio-grandenses. Contudo, a mudança da atividade pecuária para o cultivo das monoculturas da soja e do milho, que está acontecendo na região, leva à venda das propriedades para os

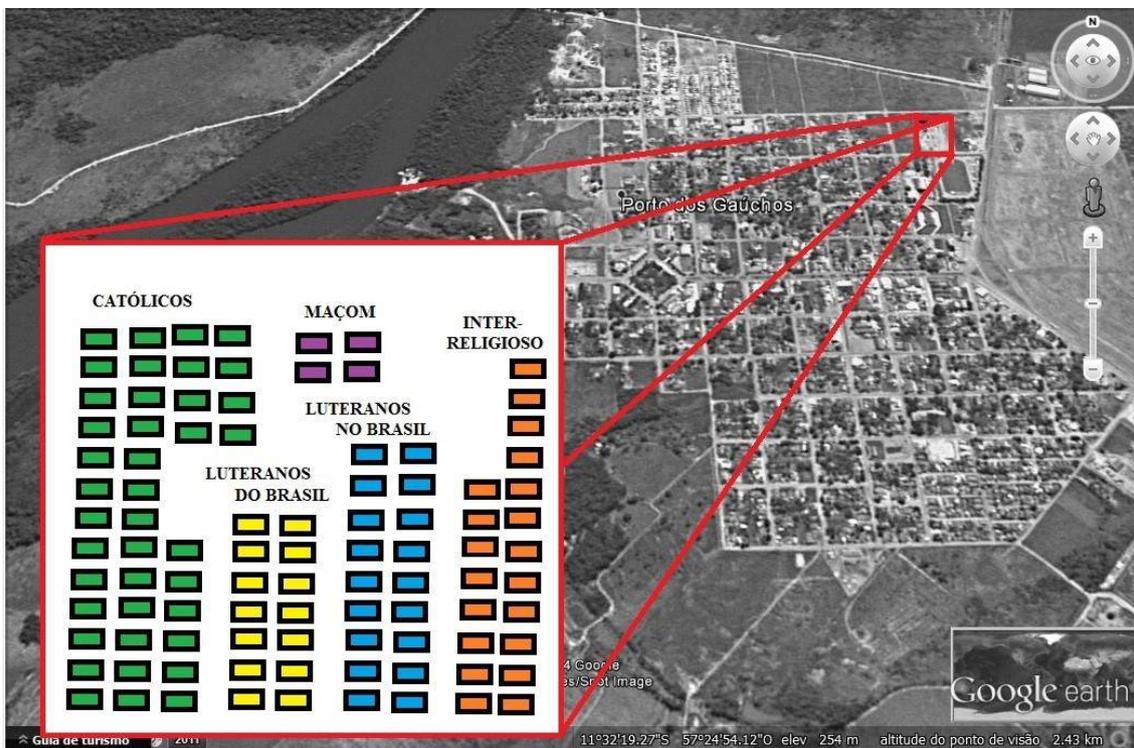
latifundiários das regiões de Sorriso e Lucas do Rio Verde, que são, em sua maioria, de topodinâmica [+] rio-grandense.

Um outro espaço importante para se visualizar as territorialidades linguísticas é o campo santo. O cemitério local apresenta, de antemão, uma estruturação muito semelhante às existentes nas velhas colônias alemãs. Uma vez que, ao mesmo tempo em que obedece um modelo contemporâneo de cemitério, à margem da cidade e de cuidado público, possui característica de modelo antigo como a separação dos túmulos conforme a crença religiosa. Todavia, a partir do ano 2000, surgiu um novo tipo de territorialidade, que eu classifico como inter-religiosa, no interior do cemitério: a não separação de túmulos de diferentes religiões (segundo os comentários metalinguísticos colhidos).

Observando os antropônimos nos túmulos de cada territorialidade, concluí que: a) há [+] concentração do elemento teuto-eslavo nas territorialidades das confissões luteranas; b) presença de antropônimos [+] ítalo, luso e hispano na territorialidade católica e interétnica e c) os maçons são, em sua territorialidade total, representados por antropônimos de origem lusa. Não encontrei antropônimos do elemento nipônico na paisagem linguística desse cemitério.

Na figura a seguir, é possível visualizar as territorialidades na configuração cemiterial local.

Figura 25 - Distribuição confessional das sepulturas no Cemitério Municipal de Porto dos Gaúchos – MT



Fonte: o próprio autor (Adaptada a partir de imagem do *Google Earth*)

4.5.3 Territorialidades linguísticas na perspectiva dos informantes complementares

Na análise das percepções dos informantes complementares, foi possível concluir que:

- A territorialidade da minoria alemã se concentra na região pioneira, confirmando a percepção dos entrevistados no questionário ampliado;
- uma parte da territorialização (área B) é gradiente, formando uma área de transição entre a [+] paranaense e a [+] rio-grandense;
- os paranaenses estão, perceptualmente, [+] concentrados na antiga COHAB, hoje Jardim Amazonas, o que se coaduna com a percepção dos entrevistados no questionário ampliado;
- os nordestinos e cuiabanos dividem espaço com os paranaenses no bairro da creche (área D) na percepção de todos os entrevistados.

A maioria afirmou ser a área D uma territorialização de origem topodinâmica muito diversificada. De toda forma, os grupos mais citados foram: paranaenses, cuiabanos e nordestinos/nortistas.

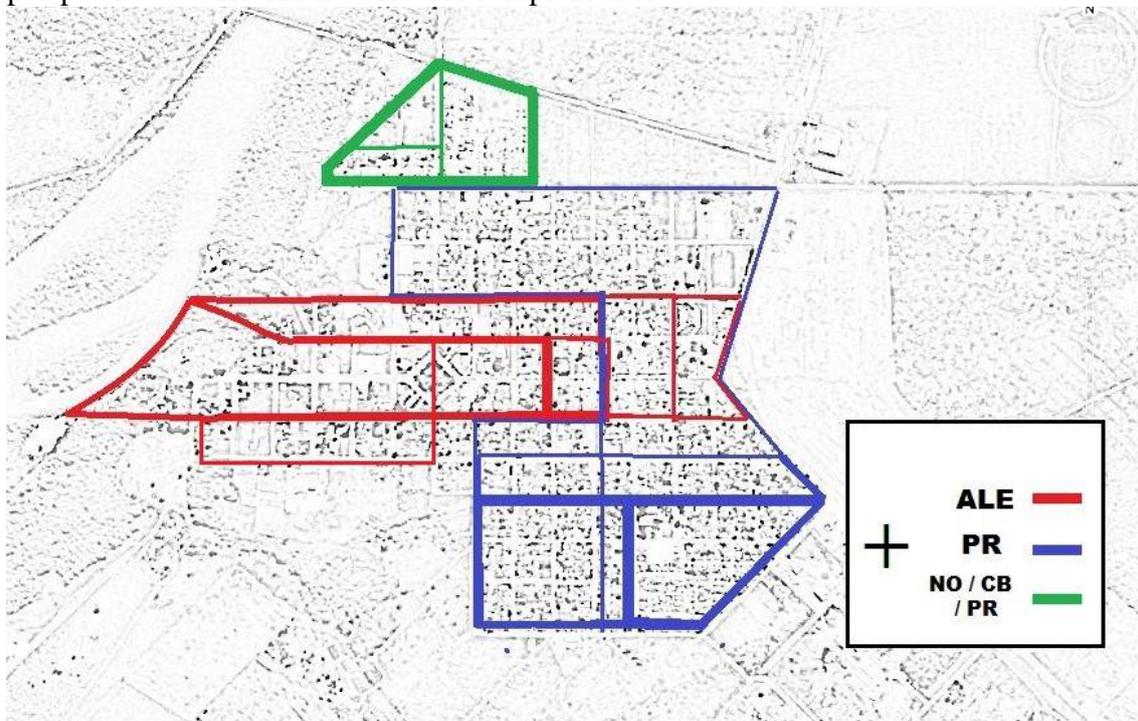
Os nordestinos foram caracterizados por informantes PR e RS como uma minoria que vem em busca de trabalho, numericamente [-] representativa e, no contexto urbano de Porto dos Gaúchos, percebida como a [+] recém-chegada. Isso, em parte, não é verdade, pois há

relatos de chegada de nordestinos já no período dos seringais. O que aconteceu é que os desse período se concentraram [+] nos distritos de Novo Paraná e São João.

Constatai que, na percepção dos grupos RS e PR, os percebidos como nordestinos/nortistas e cuiabanos são as identidades [+] minoritárias e que, no contexto urbano portogauchense, não constituem uma territorialização homogênea ao ponto de existir uma rua ou um bairro majoritariamente nordestino, cuiabano, ou nortista. A territorialização vertical desses grupos se insere nos espaços disponíveis de caráter [+] posterior aos ocupados pelos paranaenses e rio-grandenses. Isso se deve ao fato de que esses grupos se caracterizam como os (i)migrantes [+] tardios e por ordem de chegada ocuparam os espaços disponíveis do grupo anterior (paranaense). Por essa razão, sua concentração se dá no bairro da Creche, entre os paranaenses que não conseguiram se assentar na área de ocupação anterior.

Dois informantes complementares do grupo PR afirmaram que, apesar da diversidade existente nessa área [+] recente da cidade, ainda assim, o elemento paranaense é majoritário. três dos cinco informantes rio-grandenses complementares afirmaram não conhecer essa região da cidade e acreditar que são pessoas “que estavam aqui já” (RSGII) ou “que vêm de Juara” (RSGII).

Fig. 26 - Presença da minoria alemã e da maioria paranaense, bem como de outros grupos, na perspectiva dos informantes RS-PR complementares



Siglas: ALE (minoria alemã); PR (paranaenses); NO (nordestinos/nortistas); CB (cuiabanos)

Na parte II (metalinguística) do primeiro questionário, também se inquiriu sobre a presença de uma porcentagem demográfica de apenas nove grupos (paranaense, japonês, gaúcho, indígenas, alemães, italianos, polacos, nordestinos e cuiabanos). O objetivo dessa parte era ver a representatividade de cada grupo no mapa mental dos informantes e compreender as variações conforme as dimensões da pluridimensionalidade. Segue uma tabela com os dados compilados:

Tabela 02 – Percepção da representatividade dos grupos em Porto dos Gaúchos – MT

	PR	JP	RS	IN	ALE	ITA	NO	CB	PO
RSGIa	30%	05%	40%	01%	30%	10%	10%	05%	01%
RSGIb	20%	01%	70%	02%	70%	10%	10%	01%	02%
RSGIIa	50%	01%	40%	01%	40%	02%	01%	0%	01%
RSGIIb	30%	02%	30%	01%	30%	10%	10%	01%	01%
PRGIa	80%	01%	50%	01%	30%	20%	05%	10%	30%
PRGIb	75%	01%	40%	02%	20%	08%	03%	05%	40%
PRGIIa	70%	05%	30%	01%	40%	01%	05%	05%	40%
PRGIIb	60%	01%	30%	05%	30%	10%	10%	10%	30%

Fonte: o próprio autor

É possível observar, na disposição dos dados, que o grupo RSGI e GII enxergam em menor demografia os paranaenses e os cuiabanos. Contrariamente, o grupo PRGI e GII se veem [+] representativos como grupo e enxergam os gaúchos em menor quantidade. Os polacos, que mostram uma diferença na percepção dos dois grupos, foram vistos [+] numerosos pelo grupo PRGI e GII. O que observei é que a denominação “polaco” (pessoa de pele clara e cabelos loiros), para o grupo PRGI e GII, inclui os descendentes de alemães, poloneses, de maneira geral.

Com pouca variação, os japoneses, italianos, indígenas e nordestinos são vistos com percepções aproximadas em ambos os grupos (RS e PR). Os rio-grandenses creditam uma porcentagem maior para a demografia perceptual da “minoría alemã” (ALE) em comparação à percepção dos paranaenses.

4.6 TERRITORIALIZAÇÕES DOS GRUPOS NO ENTORNO DA MT01 (PERSPECTIVA MACRO)

As percepções desenhadas nos mapas mentais de perspectiva macro distribuem os grupos por meio da rede de comunicação existente entre os (i)migrantes desde o ponto de partida ao de chegada, além das experiências vivenciadas nos campos do trabalho e estudo,

como, por exemplo, a mobilidade pendular para realizar certas atividades, como exames de saúde, expedição de certos documentos, compra de aparelhos ou artefatos específicos. Na perspectiva inter-regional, as rotas de maior fluxo migratório podem ser visualizadas, de certo modo, através do quadro dos principais destinos da Rodoviária Municipal de Porto dos Gaúchos, conforme fig. 27 a seguir.

Figura 27 - Destinos das linhas de ônibus na Estação Rodoviária de Porto dos Gaúchos -MT-



Fonte: o próprio autor

São muito representativos os destinos localizados na região Sul e Sudeste do país. A meu ver, ainda é expressiva a rota tradicional dos (i)migrantes pioneiros e tardios, percebida principalmente nas datas festivas de finais de ano, que é quando se retorna ao ponto de origem para visitar os parentes que ficaram. O Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo são os principais Estados com maior venda de passagens, segundo a agente de viagens da estação rodoviária (Caderno de campo, 16/07/14).

Com foco na perspectiva macroareal, em todas as entrevistas, percebi a importância estratégica de alguns centros urbanos regionais no cotidiano dos portogauchenses. O município de Juara – MT, por exemplo, é o polo mais próximo de Porto dos Gaúchos (aprox. 52km). É nesse município que se encontra a universidade pública mais próxima (UNEMAT – Campus de Juara – MT), os serviços da área de saúde e de outros domínios mais específicos. Quando não há tais recursos em Juara – MT, os munícipes se deslocam à Sinop - MT (aprox. 250km) ou à capital do Estado, Cuiabá – MT (aprox. 750km). Não obstante, a mobilidade [+]

frequente naquela localidade me pareceu ser o trajeto Porto dos Gaúchos/Novo Horizonte do Norte/ Juara.

A compreensão dessas duas dinâmicas de mobilidade (intra- e inter-regional) foi necessária quando quis compreender a percepção dos falantes acerca da presença dos “seus” e dos “outros” no espaço geográfico. A língua é um dado muito importante na visualização dos grupos, pois a presença desta no espaço público ou na interação dos falantes é base para a construção de um mapa mental das territorialidades e territorializações dos grupos.

No mapa base proposto para a recolha das percepções dos grupos (RS e PR), indaguei os informantes sobre qual/quais a(s) localidade(s) há maior presença de (grupo). As respostas foram reunidas por número de percepções de cada grupo em cada localidade⁷⁰. A representatividade dos dados pode ser vista, considerando apenas a dimensão dialingual, em dois quadros: o primeiro do grupo RSGI e GII e o segundo do PRGI e GII.

Quadro 07 – Anotações de campo relativas às percepções macro sobre os grupos linguísticos RS GI e GII presentes em Porto dos Gaúchos – MT

Número de anotações de campo relativas às percepções macro dos grupos linguísticos RS GI e GII										
[+]		PG	NP	JU	NH	TB	SP	SO	SI	LC
	Alemão	05	-	-	-	-	01	02	-	01
	Italiano	-	-	01	-	-	-	06	-	05
	Japonês	-	-	04	-	-	-	-	-	
	Polonês	-	-	-	-	-	-	01	-	01
	Indígena	-	-	07	-	-	-	-	-	-
	Gaúcho	01	01	-	-	01	01	02	-	-
	Paranaense	01	-	04	05	03	-	-	01	-
	Nordestino	-	03	01	01	-	01	-	-	-
	Sulista	-	-	-	-	-	03	06	-	05
	Cuiabano	-	-	02	-	-	-	-	-	-
		PG	Porto dos Gaúchos							
		NP	Novo Paraná							
		JU	Juara							
		NH	Novo Horizonte do Norte							
		TB	Tabaporã							
		SP	Sinop							
		SO	Sorriso							
		SI	Simioni							
		LC	Lucas do Rio Verde							

Fonte: o próprio autor

⁷⁰ As localidades variam conforme as percepções dos grupos.

Quadro 08 – Anotações de campo relativas às percepções macro sobre os grupos linguísticos PR GI e GII presentes em Porto dos Gaúchos - MT

Número de anotações de campo relativas às percepções macro dos grupos linguísticos PR GI e GII										
[+]		PG	NP	JU	NH	TB	SP	SO	SI	
	Alemão	06	-	-	-	-	-	-	-	-
	Italiano	-	-	-	-	-	-	01	-	
	Japonês	-	-	05	-	-	-	-	-	
	Polonês	02	-	-	-	-	-	-	-	
	Indígena	-	-	06	-	-	-	-	-	
	Gaúcho	02	-	-	-	-	01	03	-	
	Paranaense	-	-	09	05	04	-	-	01	
	Nordestino	-	04	03	-	-	-	-	-	
	Sulista	04	-	-	-	-	-	-	-	
	Cuiabano	-	-	02	-	-	-	-	-	
					PG	Porto dos Gaúchos				
					NP	Novo Paraná				
					JU	Juara				
					NH	Novo Horizonte do Norte				
					TB	Tabaporã				
					SP	Sinop				
					SO	Sorriso				
					SI	Simioni				

Fonte: o próprio autor

Considerando a representatividade perceptiva de cada grupo, em cada ponto geográfico citado, abstraí os dados recolhidos e os lancei em um mapa mental em formato de cartograma com o objetivo de ver a espacialidade das subjeções. Considerei os grupos mais citados em cada ponto e os representei por meio de símbolos. Os símbolos para os grupos registrados no *Mapa Auxiliar IV* do ALERS (alemães, italianos, poloneses, japoneses, indígenas) são mantidos e para os outros (gaúchos, paranaenses, cuiabanos, sulistas e nordestinos) foram criados diferentes ícones.

Como ocorreu nos mapas mentais de perspectiva micro, na percepção macro, os gaúchos perceberam os “seus” com maior representatividade e igualmente fizeram os paranaenses.

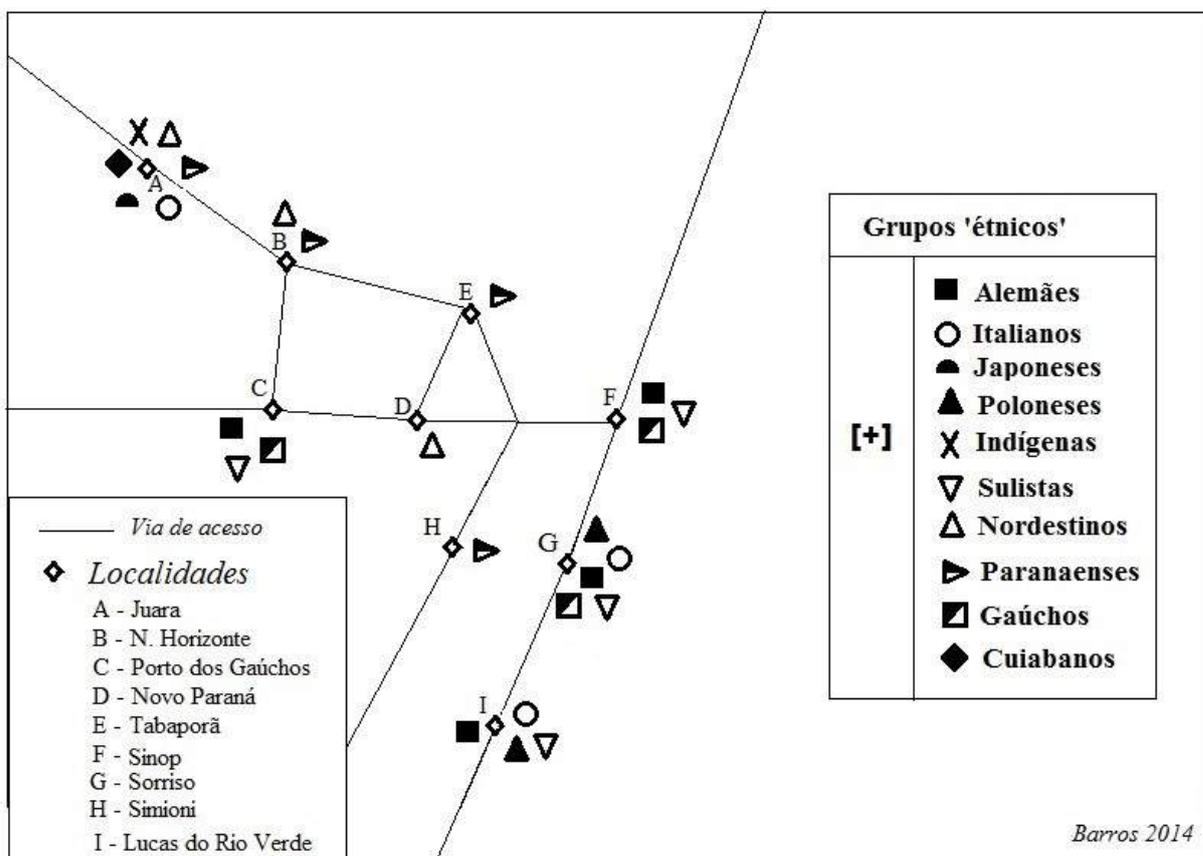
No cartograma que aparece a seguir, é possível concluir que os pontos vizinhos à MT01 (Juara, Novo Horizonte do Norte e Novo Paraná) são de perceptualmente [+] paranaense, autóctone e nordestino. Os japoneses se concentraram, na visão dos dois grupos,

(PR e RS) com maior territorialidade no município de Juara – MT (04 do GRS e 05 do GPR). Os “alemães” foram percebidos com [+] representatividade em Porto dos Gaúchos (05 apontamentos do GRS e 06 do GPR) e nos pontos mais afastados da MT01: Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde. O elemento italiano foi descrito com [+] concentração nos seguintes pontos: Sorriso (06 apontamentos RSGI e GII, e 01 PRGI e GII); Lucas do Rio Verde (01 apontamento RSGI e GII) e Juara (01 apontamento RSGI e GII). Ambos os grupos concordaram que há [+] nordestinos no distrito de Novo Paraná - MT.

Ao meu ver, esses migrantes [nordestinos] que vieram para trabalhar nos seringais, se estabeleceram na localidade e possuem uma territorialidade forte perante aos outros, como os rio-grandenses, que só perderam representatividade após as migrações de famílias para outros pontos. Os dois grupos (RS e PR) também concordaram que a territorialidade dos cuiabanos é [+] forte em Juara, apesar da pouca presença desse elemento na região.

Os pontos localizados na rodovia Cuiabá - Santarém BR163, que são relativamente [+] novos que Porto dos Gaúchos, possuem uma presença [+] alóctone (alemão, italiano e polonês), que é percebida principalmente pelos de topodinâmica [+] RS. Essa percepção, em parte, se deve ao fato de que os rio-grandenses possuem uma rede de comunicação [+] forte com esses pontos, por haver ali conhecidos e parentes que vieram da mesma área de partida.

Figura 28 - Cartograma da presença de grupos “étnicos” na percepção macroareal e denominação dada pelos informantes PR GI e GII e RS GI e GII



Fonte: o próprio autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito identificar a constelação de variedades e grupos linguísticos em contato na localidade de Porto dos Gaúchos – MT. O foco foi posto no mapeamento das territorialidades, na gama de plurilinguismo local, com ênfase no contato da minoria alemã com outros grupos linguísticos. Por essa razão, utilizou-se da percepção dos sujeitos de dois grupos (PR e RS), entrevistados para a composição de mapas mentais, com dados recolhidos na pluridimensionalidade.

Além dos mapas mentais, utilizamos, como material de análise, iconografias de paisagem linguística, recolhidas em ida à campo (julho de 2014) e anotações de diário de viagem.

Com a conclusão deste estudo, podemos visualizar, perceptualmente, a minoria alemã de Porto dos Gaúchos, rodeada de outros grupos linguísticos, entre os quais os paranaenses (de origem topodinâmica – não rio-grandenses) constituem a maioria. As diversas denominações [de quê?] encontradas nos comentários metalinguísticos, o contato com suas diferentes cargas semânticas e sua presença na paisagem linguística local e regional são um retrato do plurilinguismo dessa área.

As línguas alóctones, em particular, na paisagem linguística de contexto de oficialidade exclusiva do português, refugiam-se, em último estágio, nos antropônimos presentes no espaço público. Assim, podem-se visualizar os elementos ítalo, teuto, hispano, afro, nipo, eslavo, luso, entre outros.

Por meio dos comentários metalinguísticos e do material coletado, nos foi possível identificar, durante a ida a campo, 05 variedades linguísticas alóctones de contexto teuto-rio-grandense: o caxubo, o pomerano, o alemão *standard*, o suábico, o tirolês austríaco e o hunsriqueano. Baseando-nos em observação de campo e na percepção dos informantes, nesse contexto, o alemão *standard* e o hunsriqueano são as variedades [+] representativas em territorialidade.

Com a aplicação dos questionários perceptuais foi possível concluir que:

- a) Na percepção microareal dos rio-grandenses e paranaenses, a minoria alemã tem sua territorialidade concentrada na parte [+] velha e central de Porto dos Gaúchos. A diferença diageracional não foi tão substancial quanto a dialingual. Concluímos que as territorialidades [+] associadas a essa minoria são as duas igrejas de confissão luterana presentes na cidade desde o início da colonização. A língua alemã na localidade é percebida pelos RSGI e GII como muito restrita à geração

[+] velha, com poucos casos de transmissão linguística geracional. Os paranaenses a percebem como uma “língua estranha”, com atitudes que variam do estranhamento à admiração. A denominação “alemão” ainda resiste e está fortemente vinculada a como os grupos (RS e PR) percebem a realidade bilíngue português/alemão do contexto local.

- b) Na percepção microareal dos rio-grandenses e paranaenses o grupo [+] representativo (o paranaense) entre os (i)migrantes tardios se concentra [+] no bairro Jd. Amazonas (COHAB) ou área C (figura 11) .
- c) Na perspectiva micro, os outros grupos de migrantes tardios ([+] cuiabanos e nordestinos/nortistas) são percebidos como os [+] recém-chegados e estão, perceptualmente, territorializados no último lugar ocupado: o bairro da Creche. É nessa diatopia que eles dividem espaço com os paranaenses, constituindo um lugar de territorialização diversificada, sem a existência de uma “suposta” maioria.
- d) Na perspectiva macro dos mapas mentais, nos quais pedimos aos informantes que identificassem os pontos geográficos em que determinados grupos possuem [+] territorialidade, foram obtidas as seguintes conclusões: os paranaenses são [+] percebidos nos pontos [+] próximos a Porto dos Gaúchos (Juara, Novo Horizonte, Tabaporã e Simioni) e os gaúchos representativamente concentrados nos pontos da BR163 (Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde). Não obstante, essa realidade está em plena mudança, de acordo com os relatos obtidos. A tendência atual é que, no agronegócio, a substituição da pecuária pela monocultura da soja aconteça. Isso atrairá muitos rio-grandenses para Porto dos Gaúchos, re-ordenando a paisagem linguística local e possivelmente fortalecendo a resistência das variedades do alemão.

Por fim, há a esperança de que os resultados desta pesquisa tenham contribuído para a compreensão da realidade plurilíngue dessa região, constituindo um novo impulso para o estudo geolinguístico dessa área de recente ocupação e desfazendo a visão tradicional, que vê esse território como “incharacterístico”. Este estudo teve o intento de mostrar que o norte mato-grossense possui, sim, uma característica. Podemos caracterizá-la como plurilíngue, quando se toma por base os diferentes grupos que lá estavam (os autóctones) e os que chegaram, trazendo não só variedades do português brasileiro, mas também diferentes línguas de imigração.

A visualização das percepções do contato do alemão com o português é apenas uma maneira de tentar mapear essa realidade plurilíngue tão complexa. Assim como os dados

linguísticos produzidos pelo ALERS, pelo ALMA-H e por outros estudos já existentes (PHILIPPSEN, 2013; FIGUEIREDO, 2013), esta pesquisa, através da perspectiva da dialetologia perceptual de método pluridimensional, buscou lidar com as variabilidades linguísticas num espaço caracterizado como intensamente topodinâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Andréa da Silva Morais. *Memórias e experiências de imigrantes espanhóis em Bueno Brandão - MG 1960-1900*. 2009. Dissertação (mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009

ALTENHOFEN, Cléo V. *Migram os homens. E as línguas*. In: Zero Hora: Caderno de Cultura, Porto Alegre, p. 4-5, 24.07.2004a.

_____. *A constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004b.

_____. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 129-164.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, n. 12, v. 6, 2013a. p. 19- 43. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos>. Acesso em 05.01.2014

_____. “Territórios de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse; CORTAZZO, Uruguay (Org.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Ed. Da UFPel. 2014, p.69-104.

_____. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra ; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

ALERS = ALTENHOFEN, Cléo V. ; KLASSMANN, Mário S. (orgs). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela. *Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas*. In: Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6. : 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS) Nalú Farenzena (org.). Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 19-26.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Edições Loyola, 50ª ed., 2008.

BARROS, Fernando H. T.; PHILIPPSEN, Neusa I. O Hunsrückisch entre o Hochdeutsch e o Português brasileiro: o caso do rádio na comunidade teuto-gaúcha norte mato-grossense. In: *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, n. 12, v. 6, 2013. p. 110-133. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos>. Acesso em 05.01.2014.

BARROS, F. H. T. *Talian, do Sul para Amazônia: a comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense e seus processos de identificação com a língua de origem; o vêneto sul-riograndense*. TTC. Departamento de Letras - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, 2012.

BEILKE, Neubiana S. V. *Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais*. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

BOTASSINI, Jaqueline O. M. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2013.

CARBONI, Florence. “*Eppur si parlano*”: étude diachronique d’un cas de contact linguistique dans le Rio Grande do Sul (Brésil). Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

_____. *Voices do silêncio: considerações sobre a linguagem dos cativos no Brasil*. *Organon*, Porto Alegre, n.47, p.85-127, jul.-dez 2009.

CARVALHO, Ana P. M. de; SEABRA, Maria C. T. de C. de. Os nome sagrados na toponímia mineira: estudo linguístico e cultural. *Revista Antares*, vol. 4, n. 8, jul./dez. 2012.

CARDOSO, Jayme A.; WESTPHALEN, Cecília M. *Atlas histórico do Paraná*. 2 ed. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. 2007. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. Tese (doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2007.

_____. *A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. 2001. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo - SP, 2001.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2th. Ed. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2004.

CONTINI, Michel. . *Présent et passé: la notion de frontière dans une lecture interdisciplinaire de l’espace linguistique*, Simposio "Lingua e territorio", Santiago de Compostela (Actes, R. Álvarez, F. Dubert García, X. SousaFernández (editores), Lingua e territorio, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega/Cosello da Cultura Galega, p. 23-54, 2006.

COSERIU, Eugenio. *Introducción a la lingüística*. Madrid: Gredos, 1986.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la Dialectología. *Cuadernos de Lingüística*, Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (A.L.F.A.L). México: Instituto de Investigaciones filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. *Sorriso de tantas faces: a cidade (re) inventada Mato Grosso – pós 1970*. 2005. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT, 2005.

DAUZAT, Albert. *La géographie linguistique*. Paris, 1922.

DEZAN, Maria Dalva de Souza. *Impactos das imigrações espanhola e sírio-libanesa como fator para o desenvolvimento econômico e diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano – SP*. Tese (doutorado) – Unesp. Rio Claro, 2012.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo, 1990.

DORNSTAUDER, João Evangelista. "Como pacifiquei os Rikbáktsa". In: *Pesquisas*, n. 17, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. 1975.

DOURADO, Luciana. 2001. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.2001.

EDWARDS, John. *Language and Identity: an introduction*. Nova York: Cambridge University Press, 2009.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

FIGUEIRAS, Zuleide Ferreira. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FIGUEIREDO, C. R. Metodologia de estudos do contato linguístico intervareial em lugares de migração recente: alguns apontamentos. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 6, p. 192-214, 2013.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado e Cultura, 1997.

_____. *Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes*. Cuiabá: Memória Brasileira, 2008.

FROSI, Maria Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1983.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

GEHLEN, Ivaldo; KOKOUREK, Sheila. *Migrantes perâmbulos: vendedores de Praia no RS/Brasil*. In: Congresso ALAS Fronteiras Abertas da América Latina, XXVIII, Recife -PE, 2011. Anais...

GORTER, Durk; MARTEN, Heiko F.; VAN MENSEL, Luk; HOGAN-BRUN, Gabrielle (Ed.). *Minority Languages in the Linguistic Landscape*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

GORTER, Durk. *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*. Grã Betanha: Multilingual Matters, 2006.

GUMPERZ, John J. Types of Linguistic Communities. In: *Anthropological Linguistics* 35. Special Issue. A retrospective of the Journal Anthropological Linguistics: Selected Papers, 1959 – 1985. Bloomington, Indiana University, 1993. [published August 1994]. p. 130-142.

HAESBAERT, R. Gaúchos e Baianos no Novo Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. In: CASTRO, I. E. de et al. *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Ser “gaúcho” no Nordeste. *Travessia*, São Paulo, v. 7, n.19, p. 13-16, 1994.

HASENACK, Johannes Frederico. *Indian Tribes of the Rivers Arinos-Juruena Region*. Reprinted from the Geographical Journal, Vol CXXVI, Part 2, Junho de 1960 p.250-2.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Censo Demográfico 2010. Resultado da Amostra – Migração. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510680>>. Acesso em: 03.11.2014.

JACQUEMET, Marco. Language and Transnational spaces. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. *Language and space: theories and methods: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 50-69.

JATENE, Heliana da Silva. *Reabertura da Fronteira sob controle: A colonização Particular dirigida de Alta Floresta*. Dissertação (mestrado em Sociologia) - UNICAMP, Belém do Pará, 1983.

JOANONI NETO, Vitale. A terra do sonho. Igreja e ocupação no Mato Grosso após 1970. Memória da reconstrução da vida privada. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 1, p. 20, 2008.

KREFELD, Thomas. The consequences of migration and colonialism III: New minorities. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. *Language and Space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p.468-478.

LIMA, J. L.; TOMANIN, C. R.; CARDOSO, V. F. Procedimentos metodológicos do ALiMAT: o documentador, o informante e a entrevista. *Revista Ecos*, v. 009, p. 209–220, 2010.

LARA, Claudia Camila. *Variação Fonológica, redes de práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil Meridional*. 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2013.

MACIEL, Myrna Estella Mendes. *Línguas de imigrantes: a língua polonesa na região sul do Brasil*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Florianópolis, 2010.

MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (doutorado): Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MARACCINI, Jéssica Martins. *O talian no norte mato-grossense: os processos de transmissão e manutenção linguística da comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense*. 2014. TCC (graduação em Letras) – Campus Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2014. (no prelo)

MATOS, Maria Izilda Santos de. Emigração e imigração portuguesa em foco. *Revista Projeto História (PUCSP)*, São Paulo, v.27, p.325-329, dez. 2003.

_____. Portugueses e experiências políticas: A luta e o pão, São Paulo 1870-1945. *Revista História*, São Paulo, n. 28, v. 01, 2009.

_____. Na espera da mala postal: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo – Portugal 1890-1950). *Revista Convergência Lusíada*, n.29, 2013.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MONSMA, Karl; FERREIRA, Lania Stefanoni; SILVA, Virgínia Ferreira. Imigração e Violência Racial: italianos e negros no oeste paulista, 1888-1914. *Impulso*, Piracicaba, n. 37, v.15, p. 49-60, 2004.

MONSMA, Karl. Negros, imigrantes e brasileiros brancos no Oeste Paulista, início do século XX: indícios de um censo municipal e outras fontes nominais. In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais - As Desigualdades Sócio-Demográficas e os Direitos Humanos no Brasil, 2008, Caxambu - MG. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Brasília: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 16, .2008.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. [1923]

HASENACK, Johannes Frederico. Indianos tribos of rivers Arinos-Juruena region. *Experientes fronteiras the Geographical Journal*, Londres, v. CXXVI, n. 2, Jun. 1960, p. 250-2.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PESSOA, Maria do Socorro. *Ontem e hoje: o percurso linguístico dos pomeranos de Espigão d'Oeste - RO*. Dissertação (Mestrado) 1995. UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1995.

PETTER, M. M. T. A Tabatinga revisitada: a manutenção de um léxico de origem africana em Minas Gerais (MG- Brasil). *Moderna Sprak*, v. 107, p. 89, 2013.

PINHEIRO, Luciana Santos. *Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul*. 2014. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PIOLI, Alexandre Tunis. *Duas abordagens para a formação de sintagmas fonológicos em Rikbaktsa*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Campinas, Campinas – SP, 2010.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva da geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. 2013. Tese (doutorado em) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2013.

PRESTON, Dennis R. *Perceptual Dialectology: Nonlinguists' views of areal linguistics*. Dordrecht; Providence R.I.: Foris Publications, 1989.

_____. Language, space and the folk. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (Ed.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 179-201. (HSK 30.1)

PUSCH, Claus D. Old minorities within a language space. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. *Language and Space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 375-390

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos Caminos de la Geolinguística romanica: un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

REGO, Robson R. *Estudos toponímicos do norte central paranaense: em busca do café*. 2013. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RIBEIRO, Iselda Corrêa. *Pioneiros gaúchos: A colonização do Norte Mato-Grossense*. Porto Alegre: Ed. Tchê, 1987.

ROCHA, Betty Nogueira. “*Em qualquer chão: sempre gaúcho!*” – A multiterritorialidade do migrante “gaúcho” no Mato Grosso. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *A trama do trama: a Trama das fronteiras e o Drama dos migrantes nas configurações do desenvolvimento de Lucas do Rio Verde – MT*. 2010. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMAINE, Suzanne. The bilingual and multilingual community. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.) *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 385-406. (Chapter 15).

SAHR, C. L.L; SAHR, W.D. Territórios – faxinais – espaços: a problemática “espaço/território” na formação social brasileira. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.) *Territórios e territorialidades*. Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.143-173.

SCHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais: Um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte do Mato Grosso*. São Paulo: Loyola, 1985.

SCHMIDT, Valéria. Estratégias governamentais brasileiras de ocupação dos "espaços vazios" nos anos 1950 e 1960: o caso da Glebla Arinos (Mato Grosso). *Revista Eletrônica Documento 10 monumento*, Cuiabá, v.10, n.01, dez. 2013.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: A toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (doutorado em) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Aldina Cássia Fernandes da. Nas trilhas da memória: uma colônia japonesa no norte de Mato Grosso (Gleba Rio Ferro, 1950-1970). 2004. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SILVA, J. A. F. A Missão Jesuítica de Utiariti: missionários e índios na ocupação de Mato Grosso. In: MARIN, Jerri Roberto (Org.). *Religiões, Religiosidades e Diferenças Culturais*. Campo Grande, v. 01, p. 155-168, 2005.

SILVA, Carla Holanda da. *O encontro de territorialidades na diáspora: japoneses e nordestinos em Assaí-PR*. 2008. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

_____. *Quilombolas paranaenses contemporâneos: uma identidade territorial agenciada? Uma análise a partir do exemplo de Adrianópolis no Vale do Ribeira paranaense*. 2013. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SIQUEIRA, Luciana F. de. *Edição Semidiplomática de “Cartas de chamada” de imigrantes portugueses (1911 – 1920)*. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUZA, Edison Antônio de. *Sinop: História, Imagens e Relatos. Um estudo sobre a sua Colonização*. 2 ed. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

_____. A migração sulista para o Norte de Mato Grosso. In: TEDESCO, João Carlos.; CARINI, Joel João. *Conflitos agrários no norte gaúcho 1980-2008*. Porto Alegre: Edições Est, 2008.

TAKANO, Yuko. *Esboço do Atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: Aspecto semântico-lexical*. 2013. Tese (doutorado). USP, São Paulo, 2013.

TEIXEIRA, José A. *Estudos de dialetologia portuguesa*. São Paulo: Anchieta, 1944. (v. 2, Linguagem de Goiás)

THUN, Harald. *Atlanti linguistici dell’america latina*. In: RUFFINO, Giovanni (Hrsg.) *Atlanti linguistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto. Atti del Congresso Internazionale*. Palermo, 3-7 ottobre 1990. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, 1992.

_____. *La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v.5, p.701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789, 1998.

_____. *Pluridimensional Cartography*. In: LAMELI et al. *Language and space: language mapping : an international handbook of linguistic variation*. Ed. Walter de Gmyter, 2010. P. 506-524.

_____. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidEOS en Rivera*. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald [Org.]. *Neue Wege der romanischen*

Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

THUN, Harald; AQUINO, Almidio. *O Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR)*. Um trabalho necessário para atualizar informações linguísticas sobre o guarani e o espanhol do Paraguai. Trad. Cléo Altenhofen. In: *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 5, p. 53-66, jan. 1999.

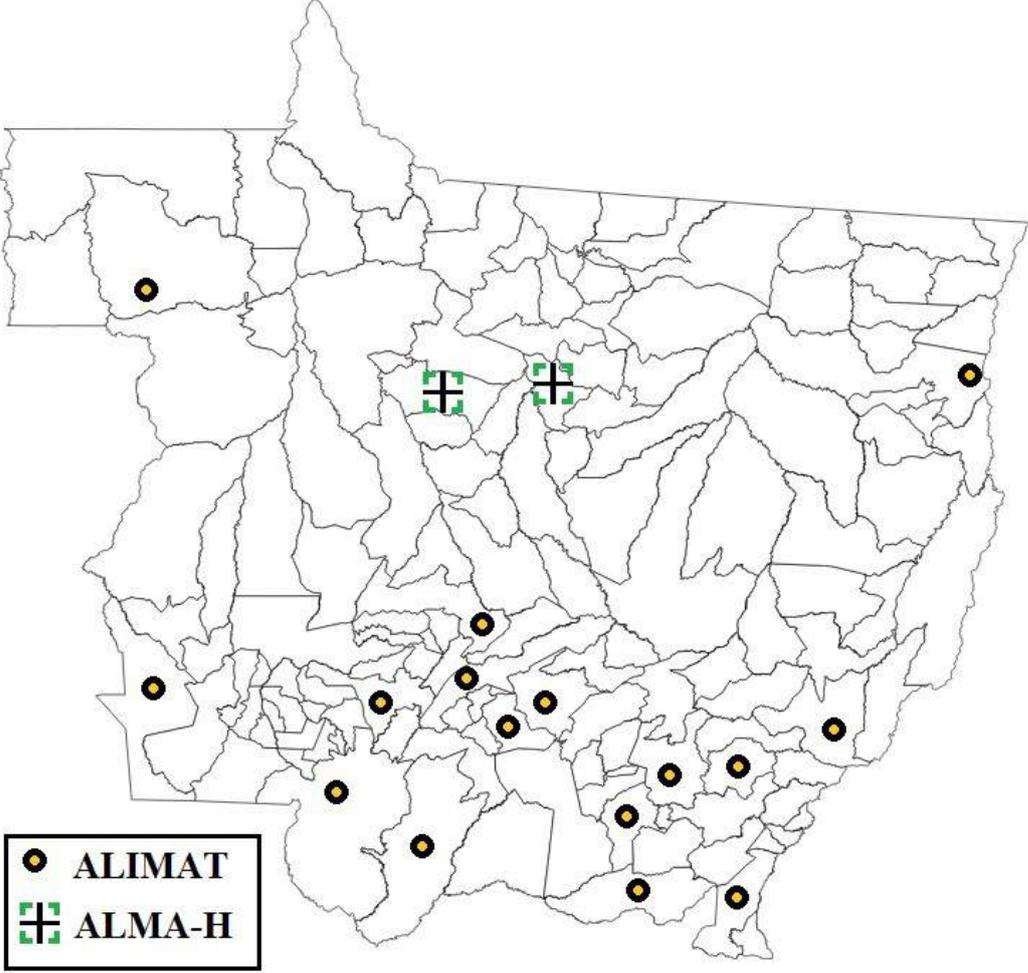
THUN, Harald; JACQUET, María da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología. Mapas*. Kiel : Westensee-Verl., 2002.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, M. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UnB, 2000, p. 267-277. v.1.

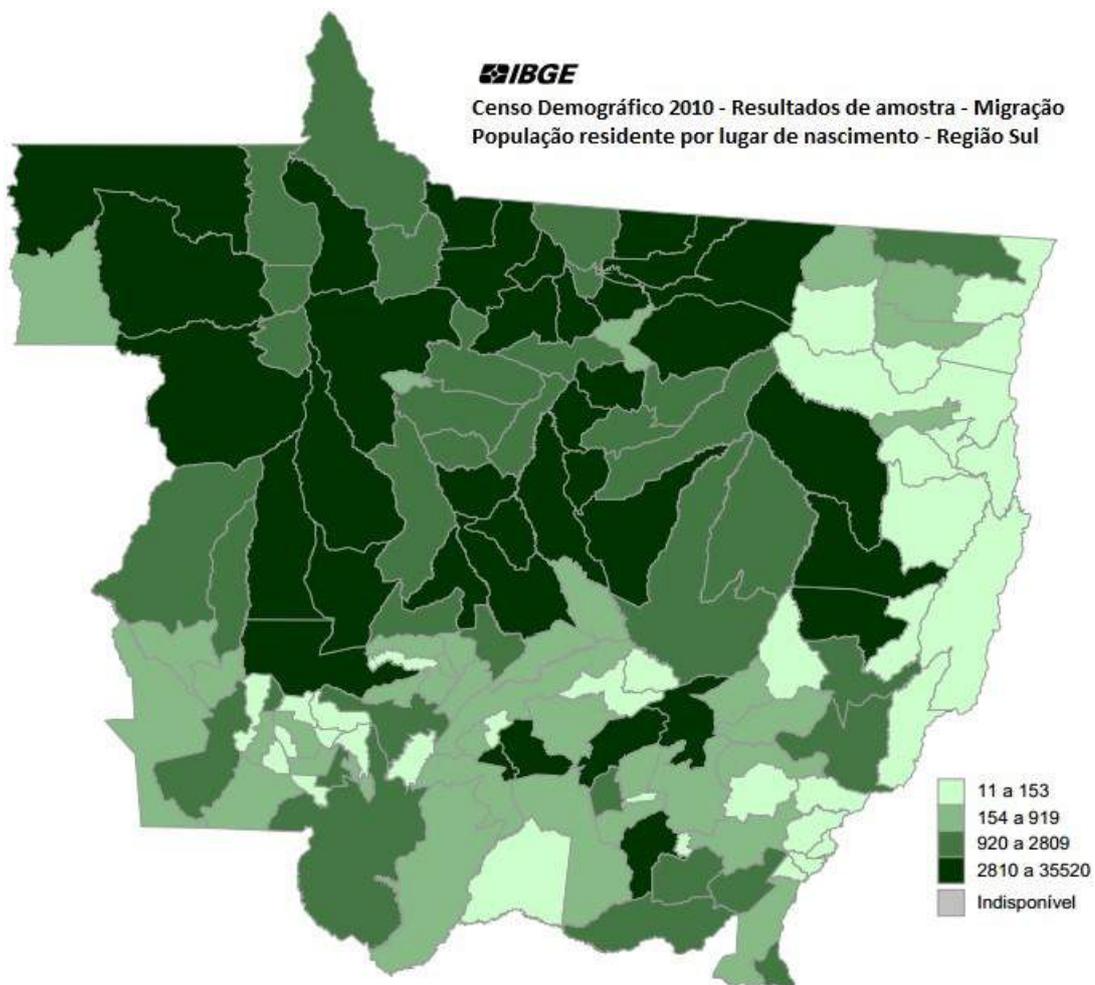
WEIDUSCHADT, Patrícia; SOUZA, Marcos T.; BEIERSDORF, Cássia Raquel. *Afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida*. Revista Identidade!, São Leopoldo, v.18, n.2, p.249-263.

ANEXOS

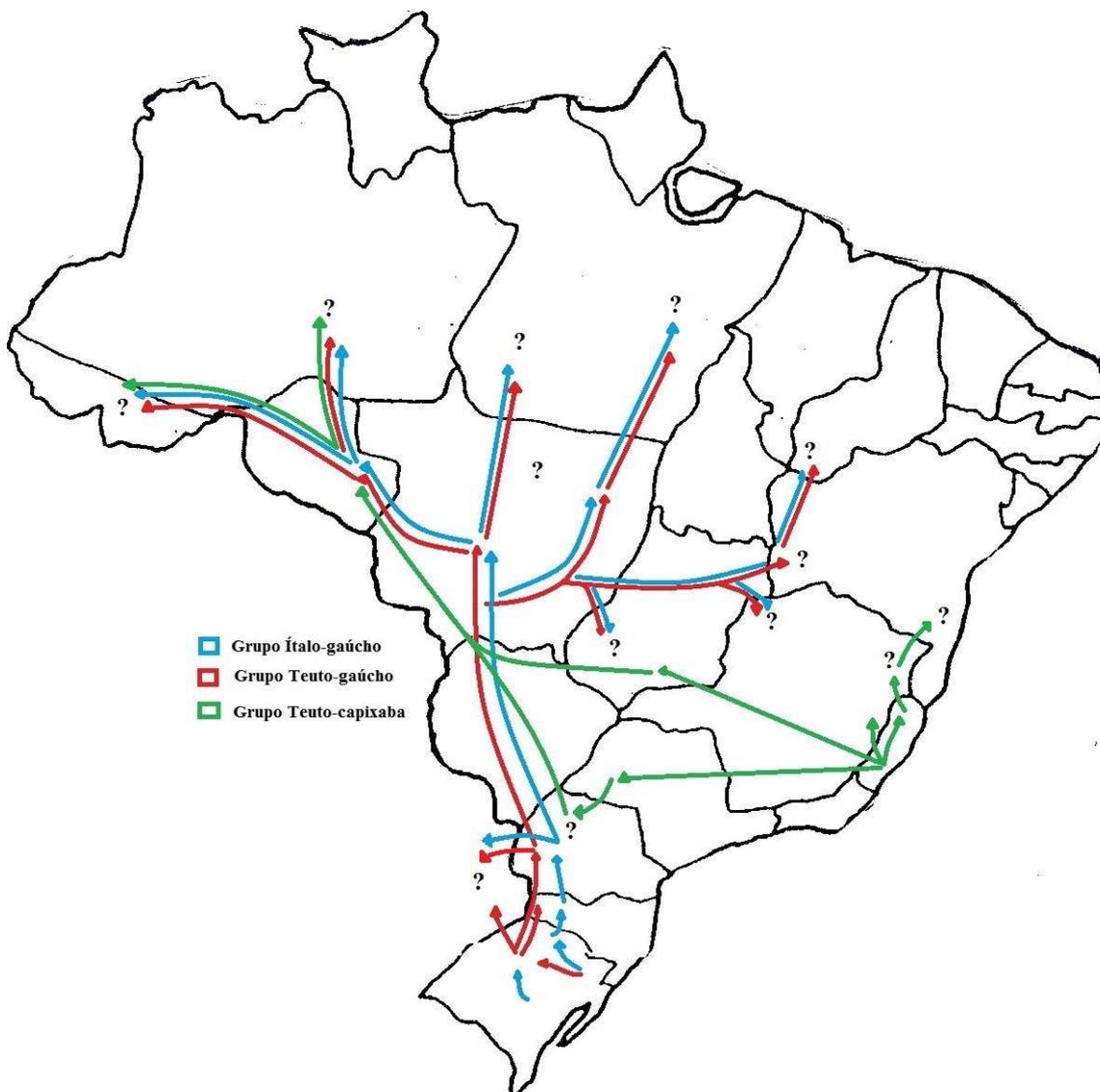
ANEXO A – Mapa do Estado do Mato Grosso demonstrativo da rede de pontos do ALiMAT e do ALMA-H

ALiMAT - Atlas Linguístico do Mato Grosso (LIMA et al., 2010)	16 pontos
ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata – Hunsrückisch (ALTENHOFEN, 2013)	02 pontos (MT 01, MT 02)
	
<p>Fonte: mapa elaborado pelo autor</p>	

ANEXO B – Presença de sulistas no Mato Grosso - (Dados do IBGE 2010, item Migração: população residente no Mato Grosso declarada nascida na Região Sul do Brasil)



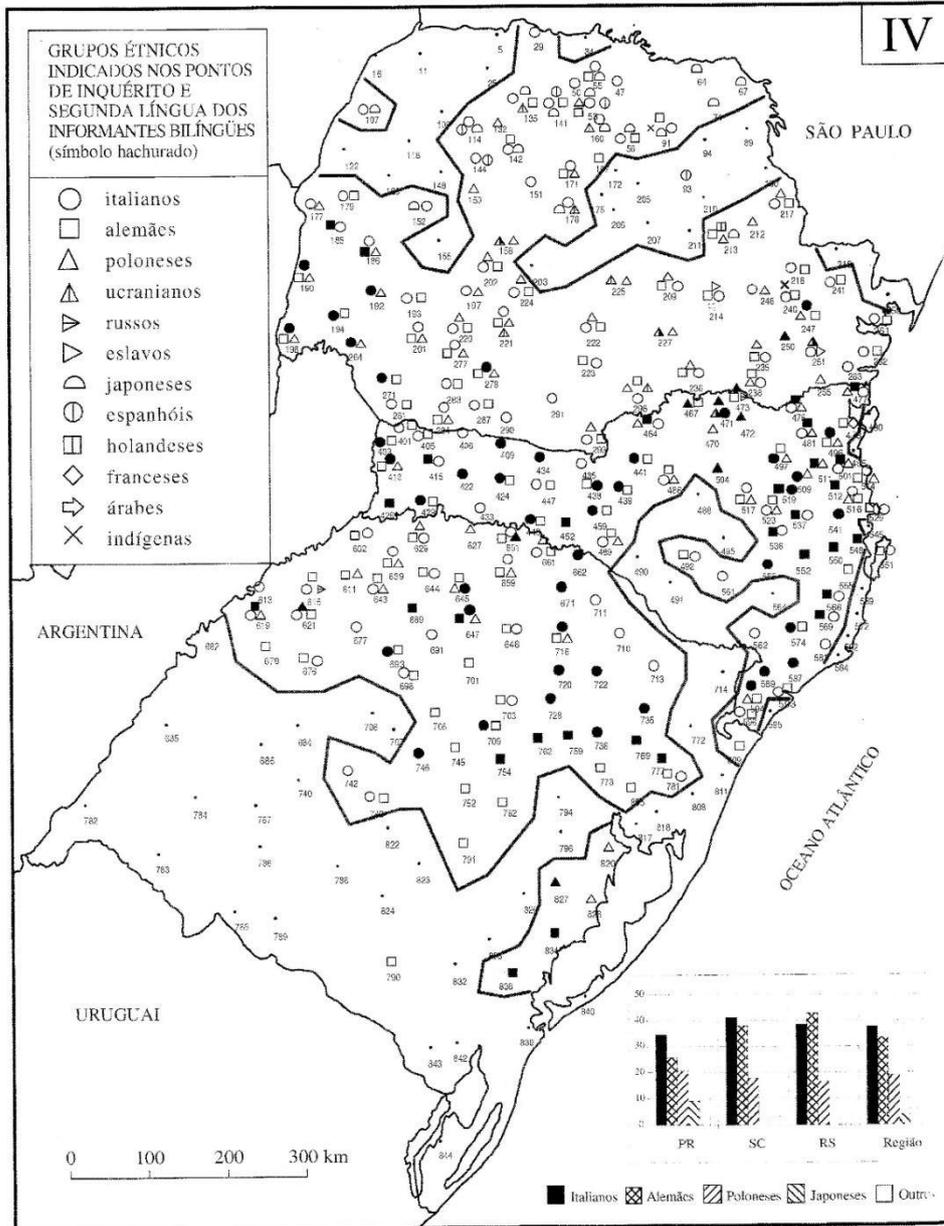
ANEXO C – Topodinâmica das línguas alóctones estudadas nesta dissertação



Fonte: mapa elaborado pelo autor (2014) apoiado nos dados do IBGE (2010), ALMA-H, ALERS, IPHAN (2010) e na bibliografia (ALTENHOFEN, 2013; PESSOA, 1995; BEILKE, 2013; TAVARES-BARROS, 2012; SANTOS, 1994; HAESBAERT, 1994).

ANEXO D - Plurilinguismo e grupos étnicos da Região Sul - Mapa Auxiliar IV do ALERS

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)
 Mapa Auxiliar IV - Plurilinguismo da área em estudo¹



ANEXO E - Territorialidade nipo-brasileira no Norte Mato-grossense



“Japonesa”, centro de Alta Floresta – MT



Auada / Yocida, Centro – Alta Floresta - MT



Kinfuku, centro – Paranaíta–MT



Nishikawa, Cemitério M. de Alta Floresta MT



Nippon, Centro comercial – Sinop – MT



Kobayasi, Cemitério M. de Alta Floresta – MT. Segundo o inscrito no túmulo, esse imigrante nascido no Japão se estabeleceu em Assis Chateaubriand – PR, antes de migrar para o Mato Grosso.



Miyazima, Cemitério M. de Paranaíta - MT



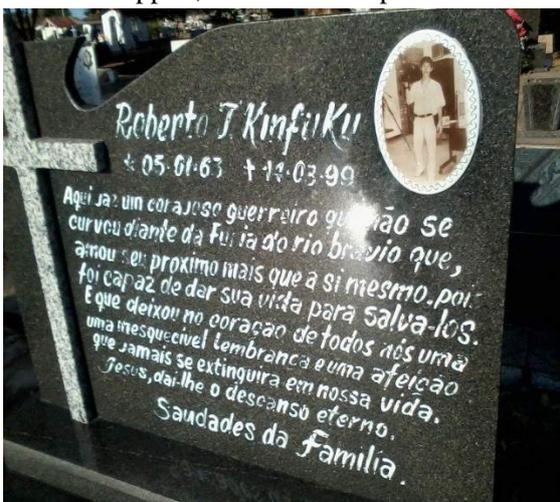
Tsuneo Miyazima, Centro – Paranaíta- MT



Nippon, centro de Sinop –MT



Ito, Cemitério M. de Alta Floresta - MT



Kinfuku, Cemitério M. de Alta Floresta - MT



Kinfuku, Centro de Alta Floresta - MT

Fonte: todas as fotos foram produzidas pelo autor da dissertação.

ANEXO F - Territorialidade Hispano-brasileira no norte mato-grossense



Garcia, Centro – Paranaíta – MT



Moreno, Cemitério M. de Sinop - MT



Ceballos, Cemitério Municipal Alta Floresta - MT



Sierra, Cemitério M. de Alta Floresta - MT



Alarcon, Cemitério Municipal de Alta Floresta - MT



Ortega, Cemitério Municipal de Porto dos Gaúchos - MT



Sornas, Cemitério M. de Sinop - MT



Cuevas, Cemitério M. de Sinop - MT



Sornas, Cemitério Municipal de Sinop - MT



Cuevas, Cemitério Municipal de Sinop - MT



Bueno, Cemitério Municipal de Paranaíta - MT



De Aguirra, Cemitério Municipal de Alta Floresta - MT



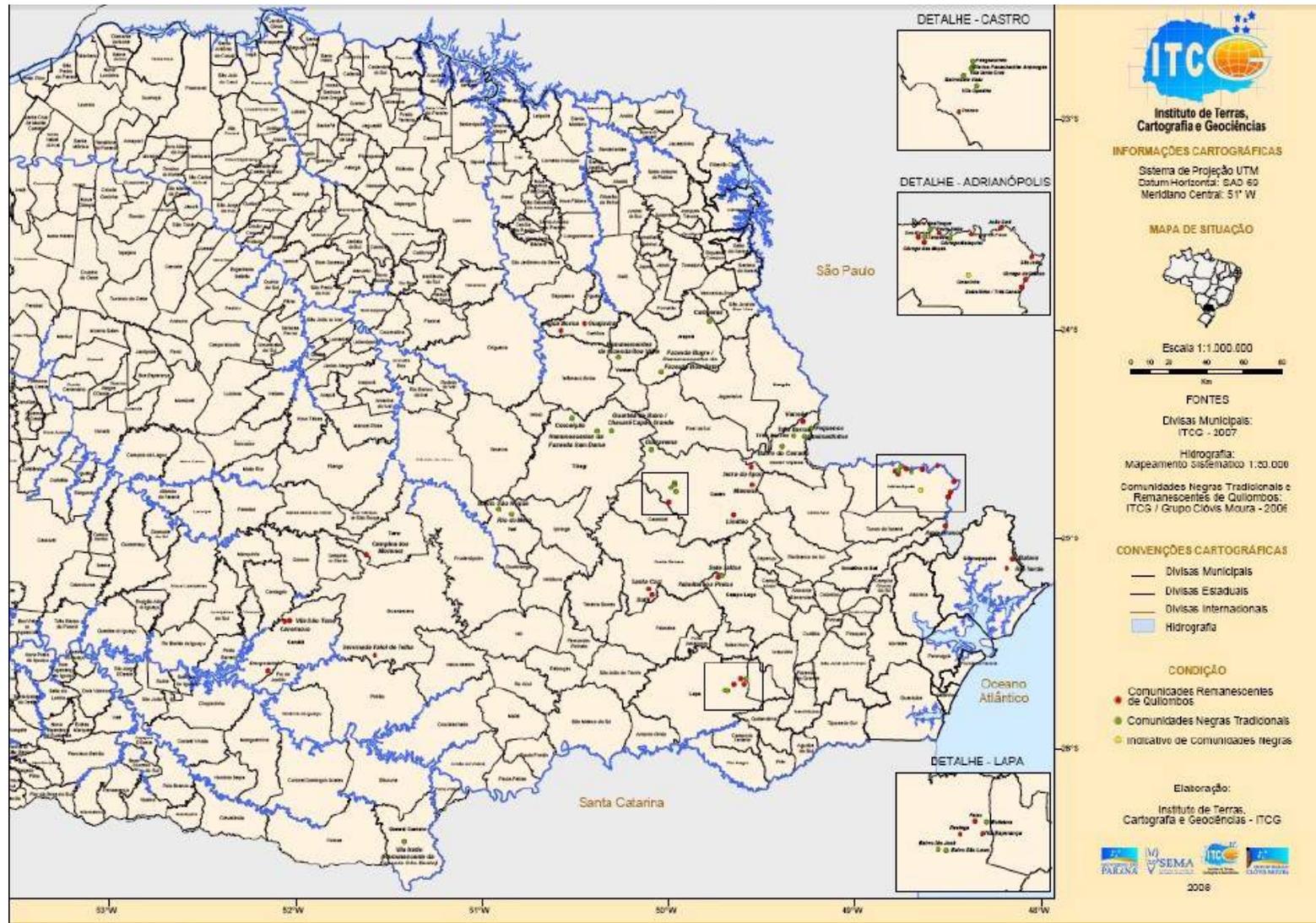
Sierra Sanches, Cemitério Municipal de Alta Floresta - MT



Parra Camargo, Cemitério Municipal de Alta Floresta - MT

Fonte: todas as fotos foram produzidas pelo autor da dissertação.

ANEXO G – Comunidades remanescentes de Quilombos no Paraná – Silva (2013, p.77)



ANEXO H - Territorialidade ítalo-brasileira no norte mato-grossense



Boschirolí, Chianesi, Caioni e Dalla Riva. Alta Floresta - MT



Caioni, Centro – Alta Floresta - MT



Sartori, Paranaíta - MT



Signorati, Paranaíta - MT



Zanovello, Porto dos Gaúchos - MT



Menin, Cemitério de Alta Floresta - MT



Del Moro, Alta Floresta - MT



Scarpolli, Alta Floresta - MT



Callegaro, Centro de Sinop - MT



Sachini, Cemitério de Sinop - MT



Menestrina, Cemitério de Sinop - MT



Pissinatti Guerra, Cemitério de Sinop - MT



Cavichion, Cemitério de Sinop - MT



Faganello, Cemitério de Sinop - MT



Casali, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Serafini, Centro de Porto dos Gaúchos - MT



Dal Pozzo, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Tozzi, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Fortini, Centro de Paranaíta - MT



Ferranezzi, Camping Clube, Sinop - MT

ANEXO I - Territorialidade eslavo-brasileira no norte mato-grossense



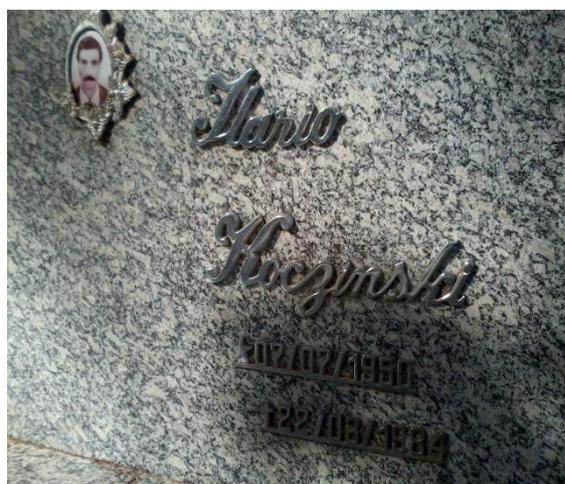
Camianski, centro de Sinop - MT



Pianovsk, Praça da Igreja Católica, Alta Floresta - MT



Polaco, Bairro Cidade Alta – Alta Floresta - MT



Koczinski, Cemitério Municipal de Sinop - MT



Scharnoski, centro de Sinop - MT



Luchowski, Centro de Sinop - MT



Ningeliski, Cemitério de Alta Floresta - MT



Wons, Cemitério de Alta Floresta - MT



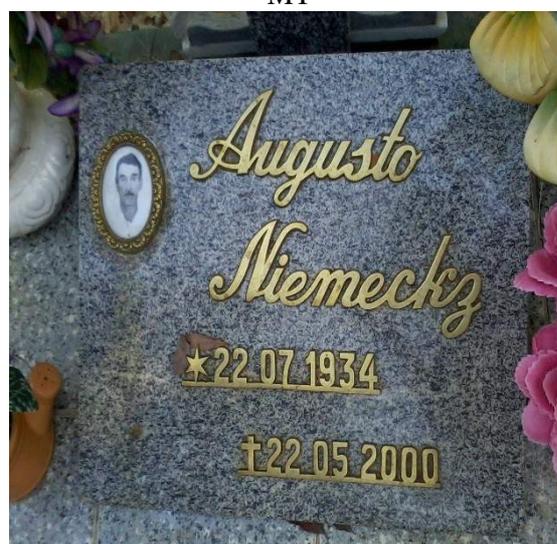
Buckoski, Cemitério de Alta Floresta - MT



Rabuske, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Salnikow, Cemitério M. de Sinop - MT



Niemeckz, Cemitério M. de Sinop - MT

ANEXO J - Territorialidade luso-brasileira no norte mato-grossense



Lima, Centro de Alta Floresta



Gomes Benfca, Cemitério de Sinop - MT



Amorim, Bairro Cidade Alta - Alta Floresta - MT



Nunes, Centro de Paranaíta - MT



Lisboa, Praça Municipal de Alta Floresta - MT



De Lima Campos, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Andrade, Centro de Sinop - MT



Prestes, Cemitério M. de Sinop - MT



*Ferreira, Centro de Porto dos Gaúchos - MT
Porto dos*



*Ribeiro dos Santos, Cemitério de
Gaúchos - MT*



Corrêa dos Santos, Cemitério de Paranaíta - MT

ANEXO K - Territorialidade teuto-brasileira no norte mato-grossense



Fülber, Centro de Porto dos Gaúchos - MT



Rohden, Cemitério M. de Paranaíta - MT



Alemão, Centro de Sinop - MT



Rezer, Porto dos Gaúchos - MT



Frühling, Rodoviária de Sinop - MT



Wilke, Escola em Novo Paraná - MT



Krebs, Cemitério de Paranaíta - MT



Hemsing, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Bünzen Bechtold, Cemitério de Porto dos Gaúchos

- MT



Frenzel, Cemitério de Porto dos Gaúchos – MT



Grobe, Ginásio Esportivo de Porto dos Gaúchos - MT



Arend, Cemitério de Porto dos Gaúchos - MT



Kipper, Centro de Sinop - MT



Schmaedeke, Cemitério M. de Sinop – MT



Ketterkuber, Cemitério M. de Sinop - MT



Hoffmann, Cemitério M. de Sinop – MT



Weirich, Cemitério M. de Sinop - MT



Krüger, Cemitério de Alta Floresta - MT



Moser, Cemitério M. de Alta Floresta - MT



Beckmann e Luck, C. M. de Alta Floresta – MT



Gevehr Hartwig, C. M. de Alta Floresta - MT



Bach, Cemitério M. de Paranaíta – MT



Stekich, Cemitério M. de Sinop - MT



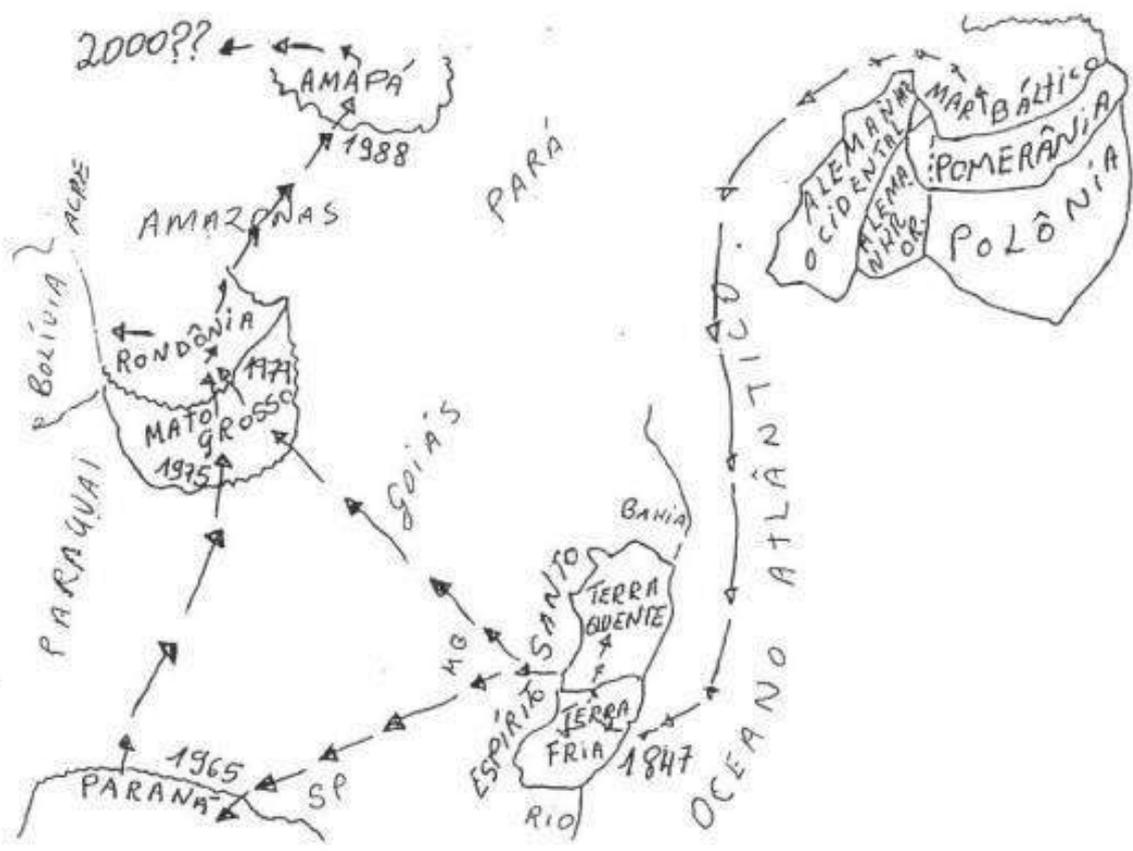
Tomkiel, Cemitério M. de Sinop – MT

ANEXO L – Rota de (i)migração dos pomeranos (teuto-capixabas) estabelecidos em Rondônia
 (PESSOA, 1996, p.246)

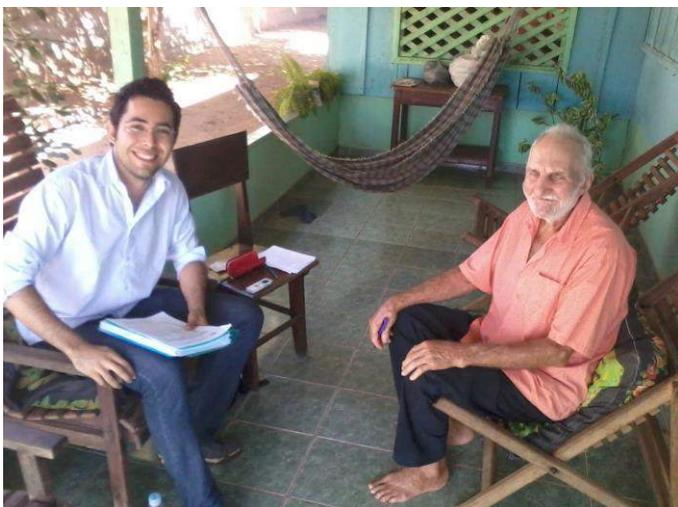
1.8.-

A IMIGRAÇÃO POMERANA NO ESPIRITO SANTO

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo
 1980.



ANEXO 13 – Porto dos Gaúchos – período de campo



Dialogos e anotações de campo

O Bairro da Creche – Porto dos Gaúchos - MT



Com Dona Eliane - Restaurante Flutuante

Rio Arinos – Porto dos Gaúchos



Casa da Família Mayer, Porto dos Gaúchos - MT



Jd. Amazonas (COHAB), Porto dos Gaúchos – MT

ANEXO N – Questionários Parte I e Parte II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
 INSTITUTO DE LETRAS (IL) – PPG LETRAS
 Questionário metalinguístico/perceptual da territorialidade do gísléxico em
 Porto dos Gaúchos, MT - Ponto MT01 - Atlas Linguístico-Cultural das
 Minorias Alélicas da Região do Prata (ALMA-H)

PARTE I
DADOS SOCIOLÓGICOS E METALINGUÍSTICOS

I - IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES					
Dimensão		Informantes			
Inf.		(,.) CI_RS	(,.) CII_RS	(,.) CI_PR	(,.) CII_PR
Nome completo					
Idade				Sexo	H(,.) M()
Religião					
Escolaridade					
Profissão					
TOPODINÂMICA	Família	<i>Origem da família:</i>		Local de nascimento (n//) do inf:	
		Origem étnica?		Local de n// do pai:	
		Sobrenome dos pais		Local de n// da mãe	
		Pai: _____		Local de n// dos avós paternos	
		Mãe: _____		H _____	
		Quando migraram, e de que região?		M _____	
				Local de n// dos avós maternos	
				H _____	
				M _____	
				Local de n// dos bisavós paternos	
		H _____			
		M _____			
		Local de n// dos bisavós maternos			
		H _____			
		M _____			
Localidade onde mora					
Endereço					
Autoriza o uso dos dados para a pesquisa?				(,.) Sim	(,.) Não

1) Quais línguas fala? Como chama? Qual aprendeu primeiro?	
<input type="checkbox"/> Hunsrückisch (ALMA-H)	<input type="checkbox"/> Português (ALERS)
<input type="checkbox"/> Brasileiro (ALERS)	
<input type="checkbox"/> Hochdeutsch	<input type="checkbox"/> Caipira (ALERS)
<input type="checkbox"/> Japonês (ALERS)	<input type="checkbox"/> Italiano (ALERS)
<input type="checkbox"/> Outra: _____	<input type="checkbox"/> Nordestino
2) Qual fala melhor?	
<input type="checkbox"/> Hunsrückisch (ALMA-H)	<input type="checkbox"/> Português (ALERS)
<input type="checkbox"/> Brasileiro (ALERS)	
<input type="checkbox"/> Hochdeutsch	<input type="checkbox"/> Caipira (ALERS)
<input type="checkbox"/> Japonês (ALERS)	<input type="checkbox"/> Italiano (ALERS)
<input type="checkbox"/> Outra: _____	<input type="checkbox"/> Nordestino
3) Qual considera a mais bonita?	
<input type="checkbox"/> Hunsrückisch (ALMA-H)	<input type="checkbox"/> Português (ALERS)
<input type="checkbox"/> Brasileiro (ALERS)	
<input type="checkbox"/> Hochdeutsch	<input type="checkbox"/> Caipira (ALERS)
<input type="checkbox"/> Japonês (ALERS)	<input type="checkbox"/> Italiano (ALERS)
<input type="checkbox"/> Outra: _____	<input type="checkbox"/> Nordestino
4) Quais línguas seus pais fala(va)m?	
5) Etnias na região (designações): Quais são os grupos de outra cultura que residem por aqui?	
6) Há pessoas (idosas, etc) na localidade que falam alguma língua em casa/ no lar? Quem são essas pessoas?	
7) É verdade que há pessoas que falam alemão por aqui? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Quem são essas pessoas?	
8) Que tipo de alemão se fala por aqui?	
9) Há pessoas na localidade que falam alemão standard (Hochdeutsch)? Quem são essas pessoas? De onde elas são?	
10) Há pessoas na localidade que falam hunsrückisch ou outra variedade de alemão? Quem são essas pessoas? De onde elas são?	
11) Frequência e situações de uso da sua língua materna? <input type="checkbox"/> diariamente, <input type="checkbox"/> final de semana, <input type="checkbox"/> frequentemente, <input type="checkbox"/> pouco, <input type="checkbox"/> raramente Situações:	
12) Teve aulas de alemão na escola? Durante quanto tempo?	
13) Você sabe se há um programa de rádio em alemão aqui na localidade? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Você tem o costume de escutá-lo?	

8) Que tipo de alemão se fala por aqui?

9) Há pessoas na localidade que falam alemão standard (Hochdeutsch)? Quem são essas pessoas? De onde elas são?

10) Há pessoas na localidade que falam *hunsrückisch* ou outra variedade de alemão? Quem são essas pessoas? De onde elas são?

11) Frequência e situações de uso da sua língua materna?

diariamente, final de semana, frequentemente, pouco, raramente

Situações:

12) Teve aulas de alemão na escola? Durante quanto tempo?

13) Você sabe se há um programa de rádio em alemão aqui na localidade?

Sim Não

Você tem o costume de escutá-lo?

PERCEPÇÃO DA VITALIDADE DO ALEMÃO:



Dê um grau de vitalidade ao alemão a cada estado seguinte:

14) Mato Grosso

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

15) Paraná

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

16) Santa Catarina

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

17) Rio Grande do Sul

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Outro: _____

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

PERCEPÇÃO MICROAREAL DOS GRUPOS LINGÜÍSTICOS

18) Qual porcentagem da população dessa localidade é descendentes de indígenas?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Como você denomina os indígenas? [Denominações existentes para indígenas]
Quem são os indígenas? Você pode descrevê-los?

Qual porcentagem da população dessa localidade é de paranaenses?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Como você denomina os paranaenses? [Denominações existentes para paranaenses]
Quem são os paranaenses? Você pode descrevê-los?

19) Qual porcentagem da população dessa localidade é descendentes de japoneses?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Como você denomina os japoneses? [Denominações existentes para japoneses]
Quem são os japoneses? Você pode descrevê-los?

20) Há muitos gaúchos aqui nessa região? Qual é a porcentagem desses?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Como você denomina os gaúchos? [Denominações existentes para gaúchos]
Quem são os gaúchos? Você pode descrevê-los?

21) Qual porcentagem da população dessa localidade é de descendentes de alemães?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

Como você denomina os alemães? [Denominações existentes para alemães]
Quem são os alemães? Você pode descrevê-los?

22) Qual porcentagem da população dessa localidade é de descendentes de italianos?

10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80%
 90% 100% outra: _____

<p><i>Como você denomina os italianos? [Denominações existentes para italianos]</i> <i>Quem são os italianos? Você pode descrevê-los?</i></p>	
<p>23) Há nordestinos aqui nessa região? Qual é a porcentagem desses?</p>	
<p><input type="radio"/> 10% <input type="radio"/> 20% <input type="radio"/> 30% <input type="radio"/> 40% <input type="radio"/> 50% <input type="radio"/> 60% <input type="radio"/> 70% <input type="radio"/> 80% <input type="radio"/> 90% <input type="radio"/> 100% <input type="radio"/> outra: _____</p>	
<p><i>Como você denomina os nordestinos? [Denominações existentes para nordestinos]</i> <i>Quem são os nordestinos? Você pode descrevê-los?</i></p>	
<p>24) Qual porcentagem da população dessa localidade é de cuiabanos?</p>	
<p><input type="radio"/> 10% <input type="radio"/> 20% <input type="radio"/> 30% <input type="radio"/> 40% <input type="radio"/> 50% <input type="radio"/> 60% <input type="radio"/> 70% <input type="radio"/> 80% <input type="radio"/> 90% <input type="radio"/> 100% <input type="radio"/> outra: _____</p>	
<p><i>Como você denomina os cuiabanos? [Denominações existentes para cuiabanos]</i> <i>Quem são os cuiabanos? Você pode descrevê-los?</i></p>	
<p>25) Há muitos polacos aqui nessa região? Qual é a porcentagem desses?</p>	
<p><input type="radio"/> 10% <input type="radio"/> 20% <input type="radio"/> 30% <input type="radio"/> 40% <input type="radio"/> 50% <input type="radio"/> 60% <input type="radio"/> 70% <input type="radio"/> 80% <input type="radio"/> 90% <input type="radio"/> 100% <input type="radio"/> outra: _____</p>	
<p><i>Como você denomina os polacos? [Denominações existentes para polacos]</i> <i>Quem são os nordestinos? Você pode descrevê-los?</i></p>	
<p>Outras observações:</p>	
<p>III - LOCALIDADE DE PESQUISA</p>	
<p>TOPONIMIA</p>	<p>1.1 Nome da localidade (Bairro, vila) onde mora o informante:</p>
	<p>1.2 Nomes anteriores</p>
	<p>1.3 Origem do nome da localidade (porque se chama assim?)</p>
	<p>1. População Total</p>
	<p>2. Observações sobre a localização da localidade:</p>
	<p>Breve história da localidade (período de fundação, processos migratórios, histórico, memórias da migração, etc.)</p>



PARTE II - MAPEAMENTO SUGESTIVO/ PERCEPTUAL

V - LOCALIZAÇÃO E PERCEPÇÃO LINGÜÍSTICA

Nome do informante: _____

Grupo: () GII_PR () GI_PR
() GII_RS () GI_RS

Local da entrevista: _____ Chegada a MT01: _____

Idade: _____ Religião: _____ Sexo: _____ Origem étnica: _____

Profissão: _____ Grau de instrução: _____

Local de Nascimento

Informante: _____

Mãe: _____

Pai: _____

Avós maternos: _____

Avós paternos: _____

Ascendentes paternos: _____

Ascendentes maternos: _____

1) Percepção Linguística da localidade

Você pode me indicar olhando esse mapa;

Onde estão concentrados os paranaenses?

Onde se concentra os gaúchos?

E os nordestinos?

Onde há indígenas nessa região?

[+] Pioneiros

[+] Sulistas

[+] Paranaenses

[+] *Japoneses, etc.*

[+] Gaúchos

[+] *TERRA*

[+] *Italo*

[+] Indígenas

Outra: _____

01) PERCEPÇÃO REGIONAL



02) PERCEPÇÃO LOCAL



ANEXO O – Dados dos informantes

Informantes do questionário ampliado

INFORMANTE	DADOS DOS INFORMANTES							
	Código do informante	Idade	Local de nascimento	Religião	Sexo	Origem étnica	Profissão	Grau de instrução
PR_GII	PR_GII_a	58	Pitanga – PR	Pentecostal	F	Portuguesa e Ucraniana	Zeladora	Fundamental
	PR_GII_b ¹	55 51	Bandeirantes – PR Alto Piquiri - PR	Pentecostal Pentecostal	M F	Luso-brasileira Luso-brasileira	Carpinteiro Dona do lar	Fundamental Fundamental
PR_GI	PR_GI_a	18	Porto dos Gaúchos – MT	Católica	F	Italiana	Vendedora	Ensino Médio
	PR_GI_b	32	Juara – MT	Pentecostal	F	Espanhola e Italiana	Zeladora	Ensino Médio
RS_GII	RS_GII_a	82	Santa Rosa - RS	Batista	M	Austriaca e Alemã	Aposentado	Fundamental
	RS_GII_b	58	Tucunduva - RS	Luterana	F	Alemã	Comerciante	Fundamental
RS_GI	RS_GI_a	33	Porto dos Gaúchos – MT	Luterana	M	Alemã	Comerciante	Ensino Médio
	RS_GI_b	18	Porto dos Gaúchos – MT	Luterana	M	Alemã e Luso-brasileira	Estudante	Ensino Médio

¹ Esta entrevista foi gravada com o marido e sua esposa do mesmo perfil (PRGII), portanto dois informantes que equivalem a um apenas. |

Dados dos informantes complementares na aplicação dos mapas mentais

INFORMANTE	DADOS DOS INFORMANTES							
	Código do informante	Idade	Local de nascimento	Religião	Sexo	Origem étnica	Profissão	Grau de instrução
GI_PR	GI_PR_a	48	Juranda - PR	Católica	M	Alemã (Pomerana)	Comerciante	Fundamental
	GI_PR_b	53	Cianorte - PR	Católica	M	Luso-brasileira	Comerciante	Fundamental
	GI_PR_c	25	Porto dos Gaúchos - MT	Pentecostal	F	Luso-brasileira	Atendente no comércio	Ensino Médio incompleto
	GI_PR_d	49	Astorga - PR	Católica	M	Luso-brasileira	Comerciante	Fundamental
	GI_PR_e	55	Goioêre - PR	Católica	F	Italiana	Comerciante	Fundamental
GII_RS	GII_RS_a	41	Marechal C. Rondon - PR	Católica	M	Italiana	Corretor	Ensino Médio
	GII_RS_b	78	Cerro Largo - RS	Católica	M	Alemã	Aposentado	Fundamental
	GII_RS_c	62	Treze Tilhas - SC	Evangélica	F	Austriaca e Alemã	Aposentada	Fundamental
	GII_RS_d	54	Itapiranga - SC	Católica	M	Alemã	Pedreiro	Fundamental
	GII_RS_e	52	Santa Rosa - RS	Luterana	F	Alemã	Comerciante	Fundamental

Topodinâmica dos sujeitos do questionário ampliado

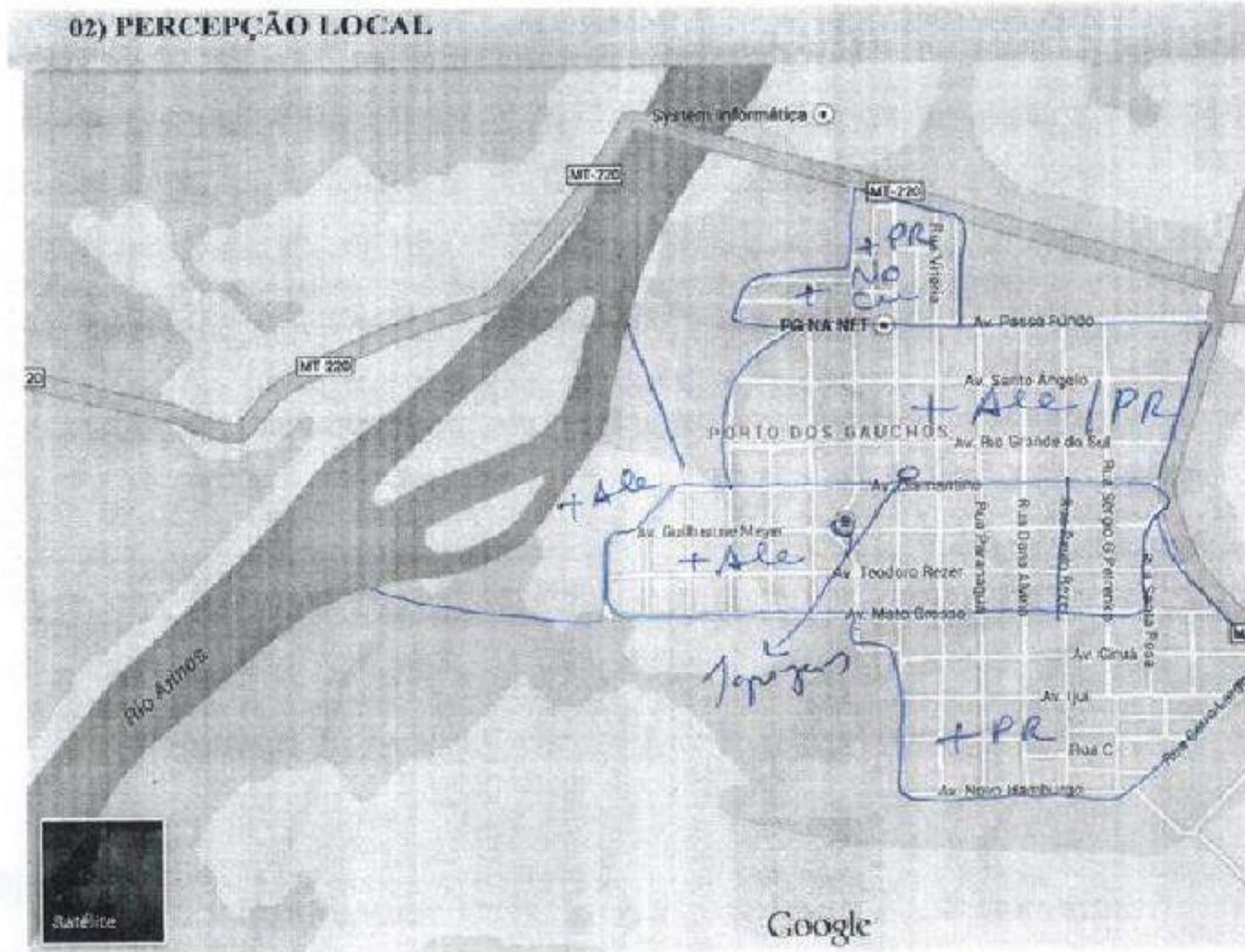
INFORMANTE	DADOS TOPODINAMICO DOS INFORMANTES E SEUS ASCENDENTES							
	Código do informante	Informante	Pai	Mãe	Avós paternos	Avós maternos	Ascendentes paternos (bisavós, etc)	Ascendentes maternos (bisavós, etc)
GI_PR	PR_GII_a	Pitanga-PR	Pitanga-PR	Pitanga-PR	Estado do Paraná	Estado do Paraná	Portugal/Brasil	Ucrânia
	PR_GII_b ²	(Homem) Bandeirantes - PR	Estado de São Paulo	Estado de São Paulo	NsR	NsR	Portugal/Brasil	Portugal/Brasil
		(Mulher) Alto Piquiri	Paraná	Paraná	NsR	NsR	NsR	NsR
	PR_GI_a	Porto dos Gaúchos - MT	Estado de São Paulo	Estado do Paraná	Estado de São Paulo	Estado de São Paulo	Itália	Itália
	PR_GI_b	Juara - MT	Minas Gerais	Estado de São Paulo	Minas Gerais	Estado de São Paulo	Itália	Espanha
GII_RS	RS_GII_a	Santa Rosa - RS	Austria	Rio Grande do Sul	Austria	Alemanha	Austria	Alemanha
	RS_GII_b	Tucunduva - RS	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Alemanha	Alemanha
	RS_GI_a	Porto dos Gaúchos - MT	Porto dos Gaúchos - MT	Estado do Paraná	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Alemanha	NsR
	RS_GI_b	Porto dos Gaúchos - MT	Porto dos Gaúchos - MT	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Alemanha	Alemanha

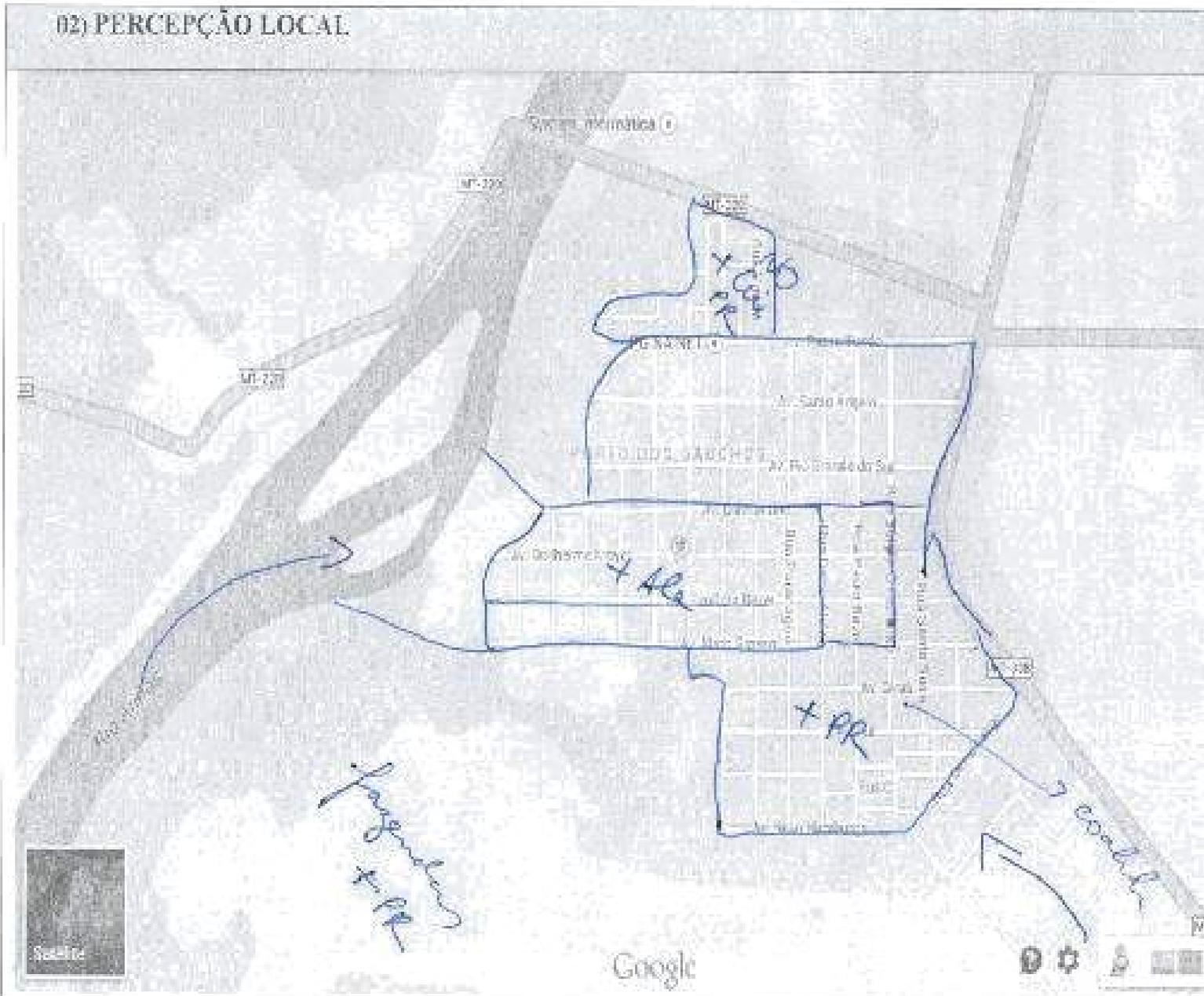
² Esta entrevista foi gravada com o marido e sua esposa, portanto dois informantes que equivalem a um apenas.

Topodinâmica dos informantes complementares na aplicação dos mapas mentais

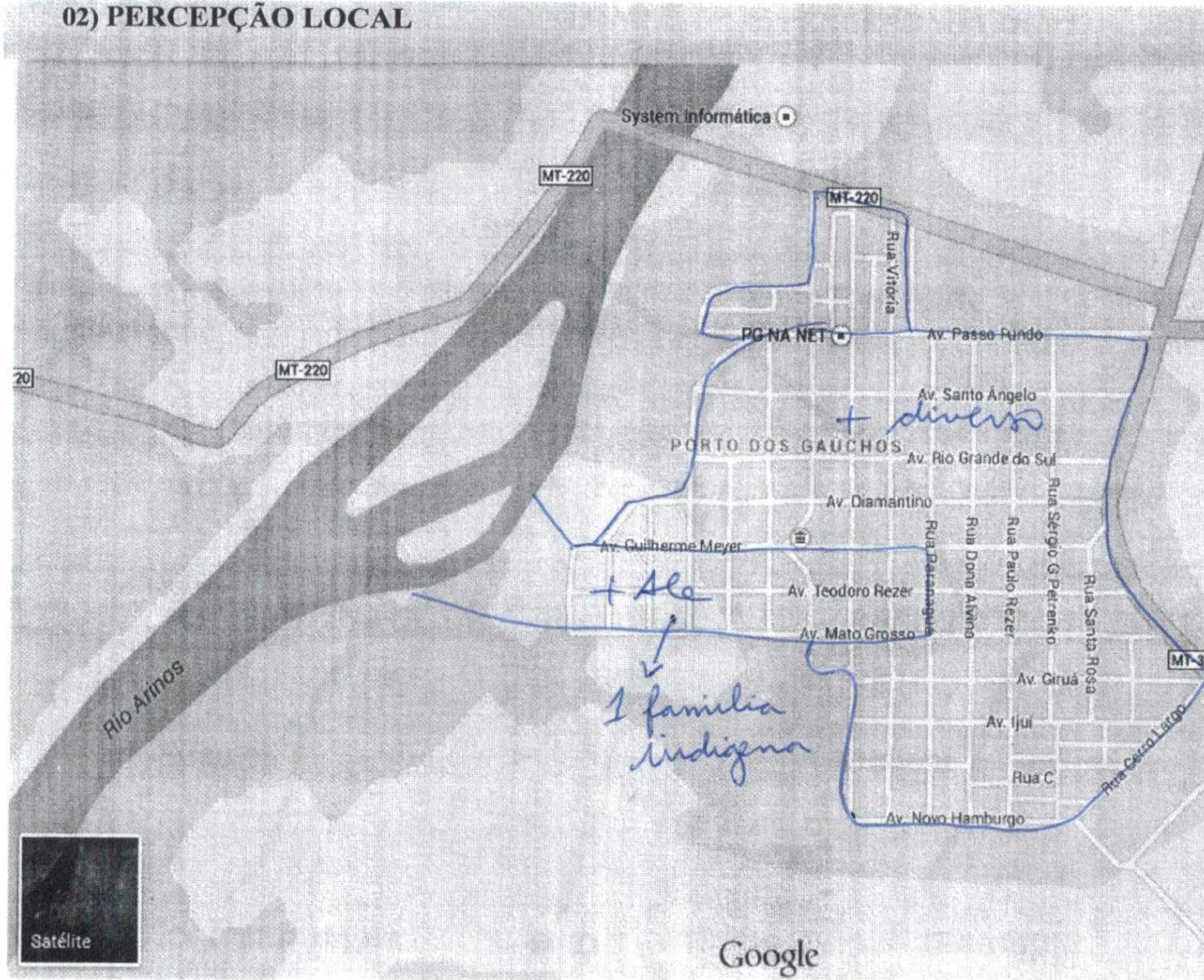
INFORMANTE	DADOS TOPODINAMICO DOS INFORMANTES E SEUS ASCENDENTES							
	Código do informante	Informante	Pai	Mãe	Avós paternos	Avós maternos	Ascendentes paternos (bisavós, etc)	Ascendentes maternos (bisavós, etc)
GI_PR	GI_PR_a	Juranda - PR	Colatina - ES	Laranja da Terra - ES	Colatina - ES	Laranja da Terra - ES	Pomerânia	Pomerânia
	GI_PR_b	Cianorte - PR	Pouso Alegre - MG	Espirito Santo do Dourado - MG	Estado de Minas Gerais	Estado de Minas Gerais	NsR (Portugal/Brasil)	NsR (Portugal/Brasil)
	GI_PR_c	Porto dos Gaúchos - MT	Rancho Alegre - PR	Cornélio Procópio - PR	São José do Rio Pardo - SP	Cambuí - MG	NsR (Portugal/Brasil)	NsR (Portugal/Brasil)
	GI_PR_d	Astorga - PR	Sertãozinho - PR	Sertãozinho - PR	Amparo - SP	Estado de São Paulo	NsR (Portugal/Brasil)	NsR (Portugal/Brasil)
	GI_PR_e	Goioerê - PR	Franca - SP	Franca - SP	Franca - SP	Franca - SP	Itália	Itália
GII_RS	GII_RS_a	Marechal C Rondon - PR	Pato Branco - PR	Três de Maio - RS	Lagoa Vermelha - RS	Lagoa Vermelha - RS	Itália	Itália
	GII_RS_b	Cerro Largo - RS	Novo Hamburgo - RS	Novo Hamburgo - RS	NsR (Rio Grande do Sul)	NsR (Rio Grande do Sul)	Alemanha	Alemanha
	GII_RS_c	Treze Tilhas - SC	Austria	Jaguará do Sul - SC	Austria	NsR	Austria	Alemanha
	GII_RS_d	Itapiranga - RS	Cerro Largo - RS	Cerro Largo - RS	NsR (Rio Grande do Sul)	NsR (Rio Grande do Sul)	Alemanha	Alemanha
	GII_RS_e	Santa Rosa - RS	Santa Rosa - RS	Santa Rosa - RS	Santa Rosa - RS	Santa Rosa - RS	Alemanha	Alemanha

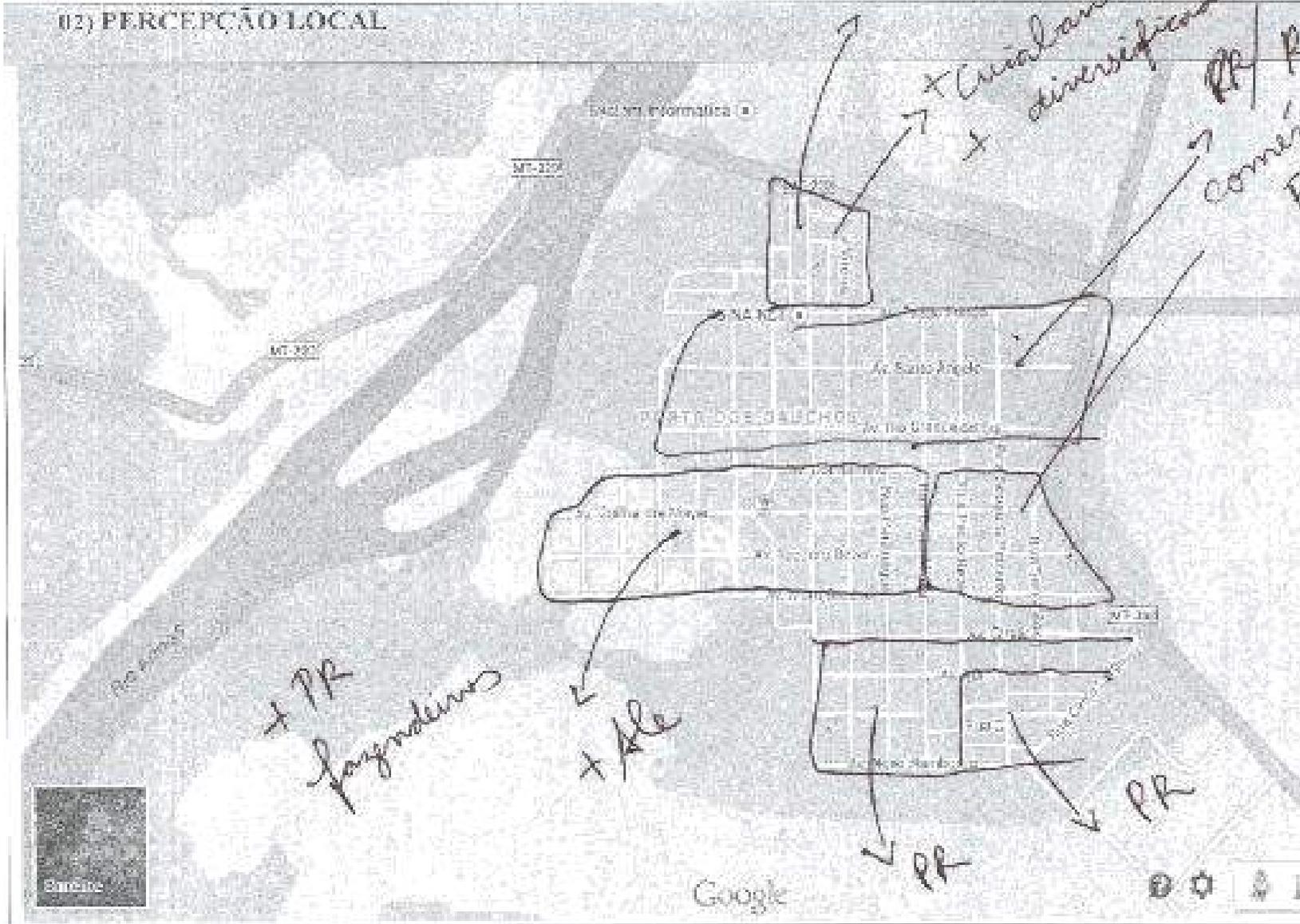
ANEXO P – Mapas perceptuais



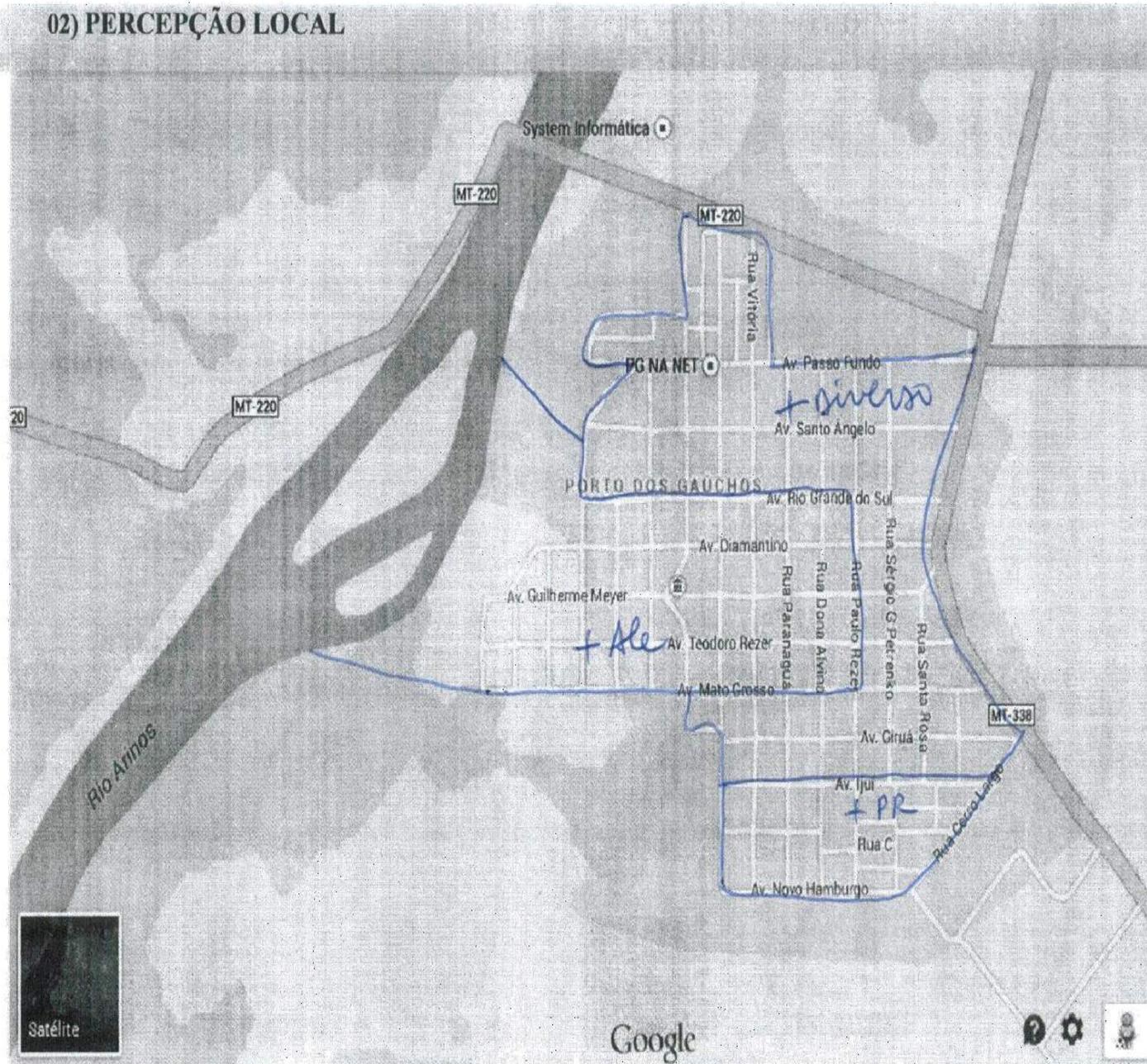


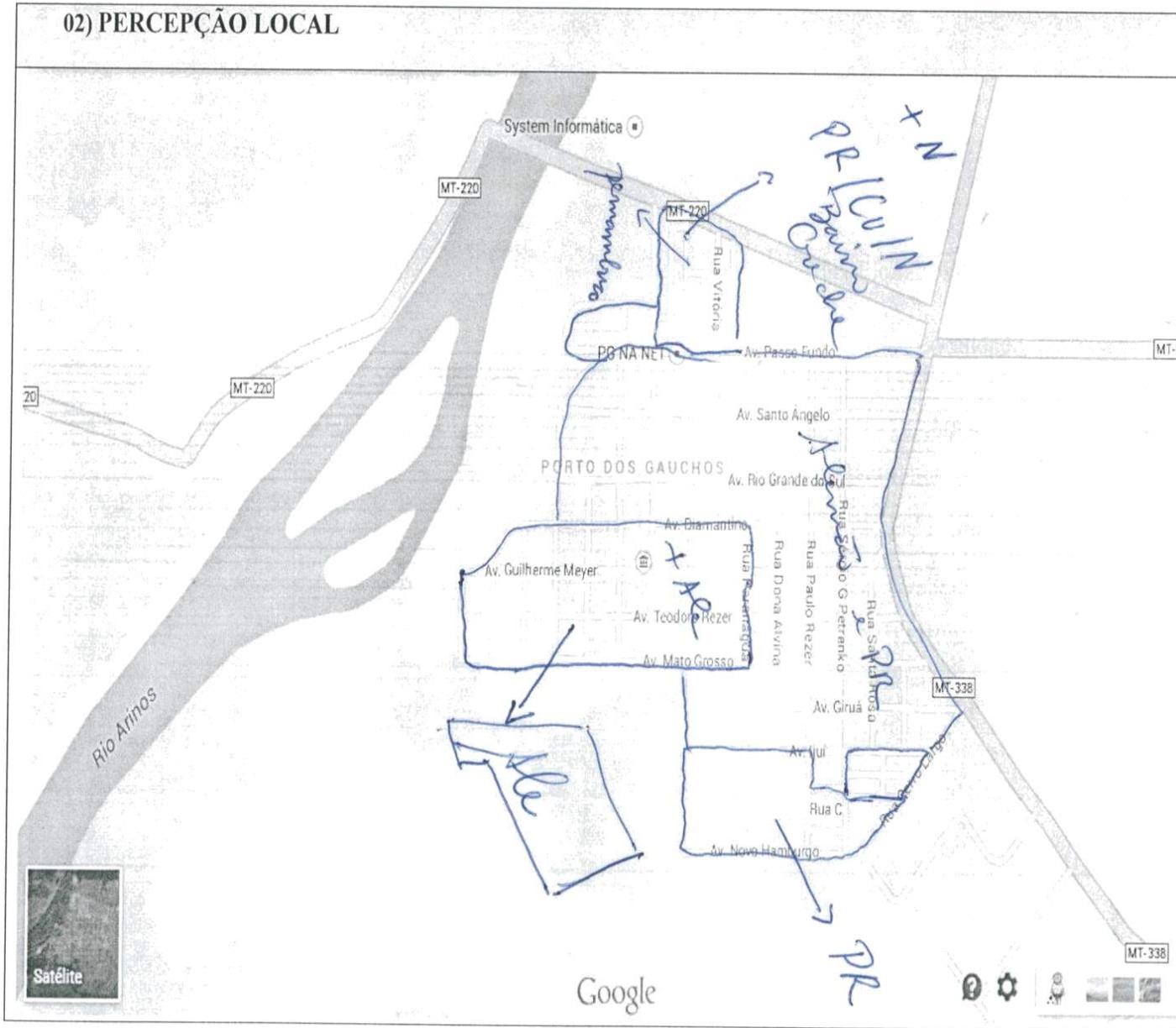
02) PERCEPÇÃO LOCAL

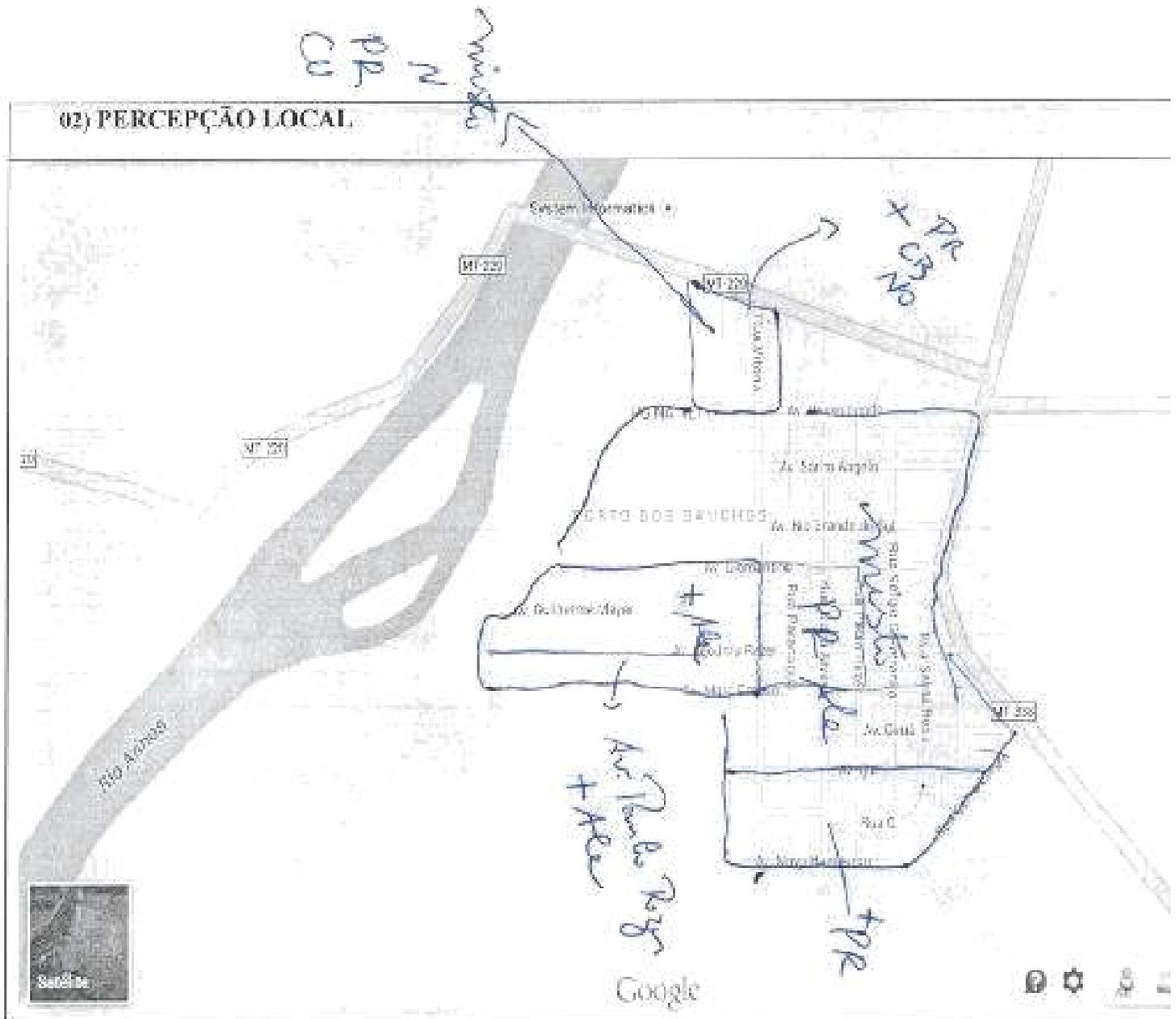




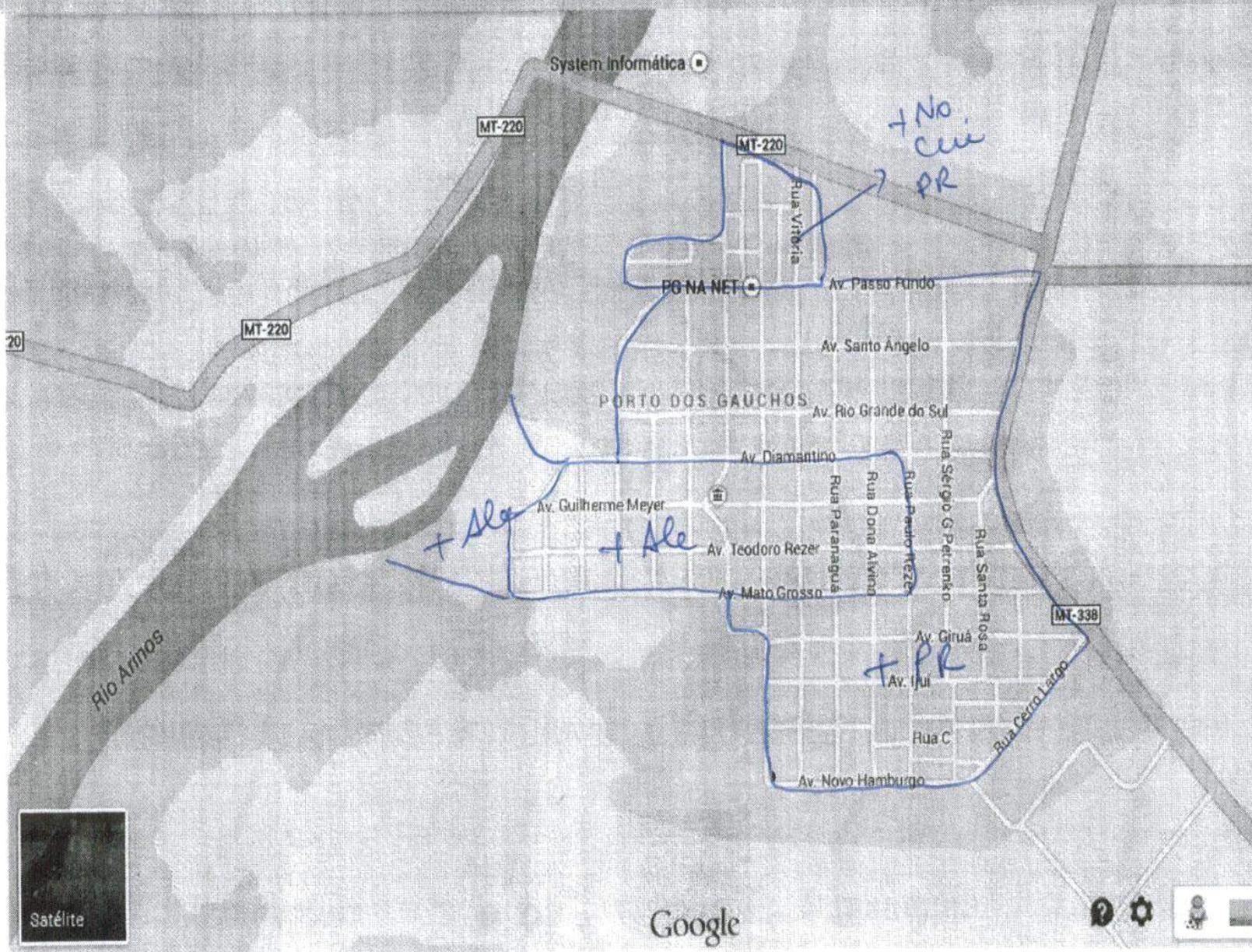
02) PERCEPÇÃO LOCAL



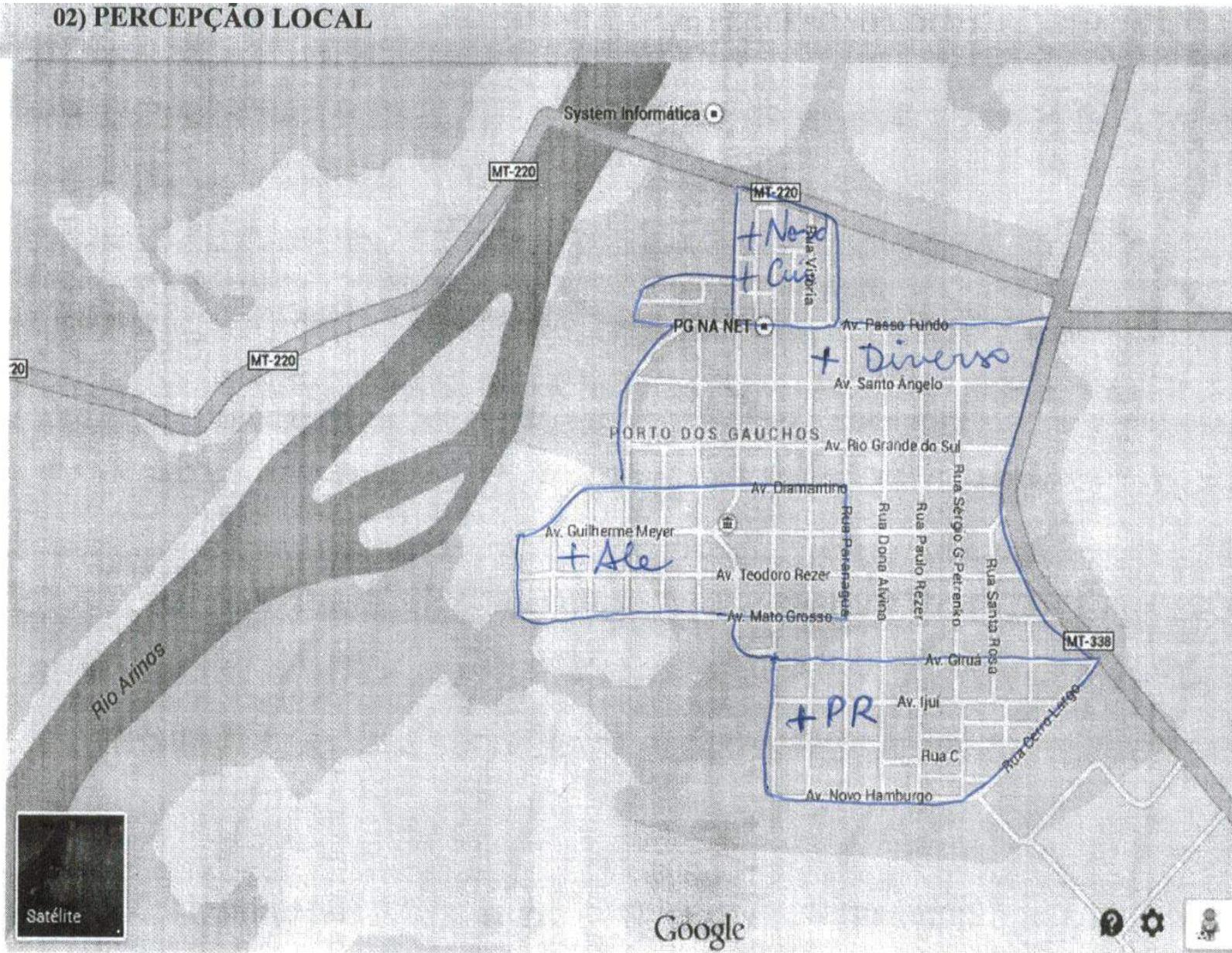




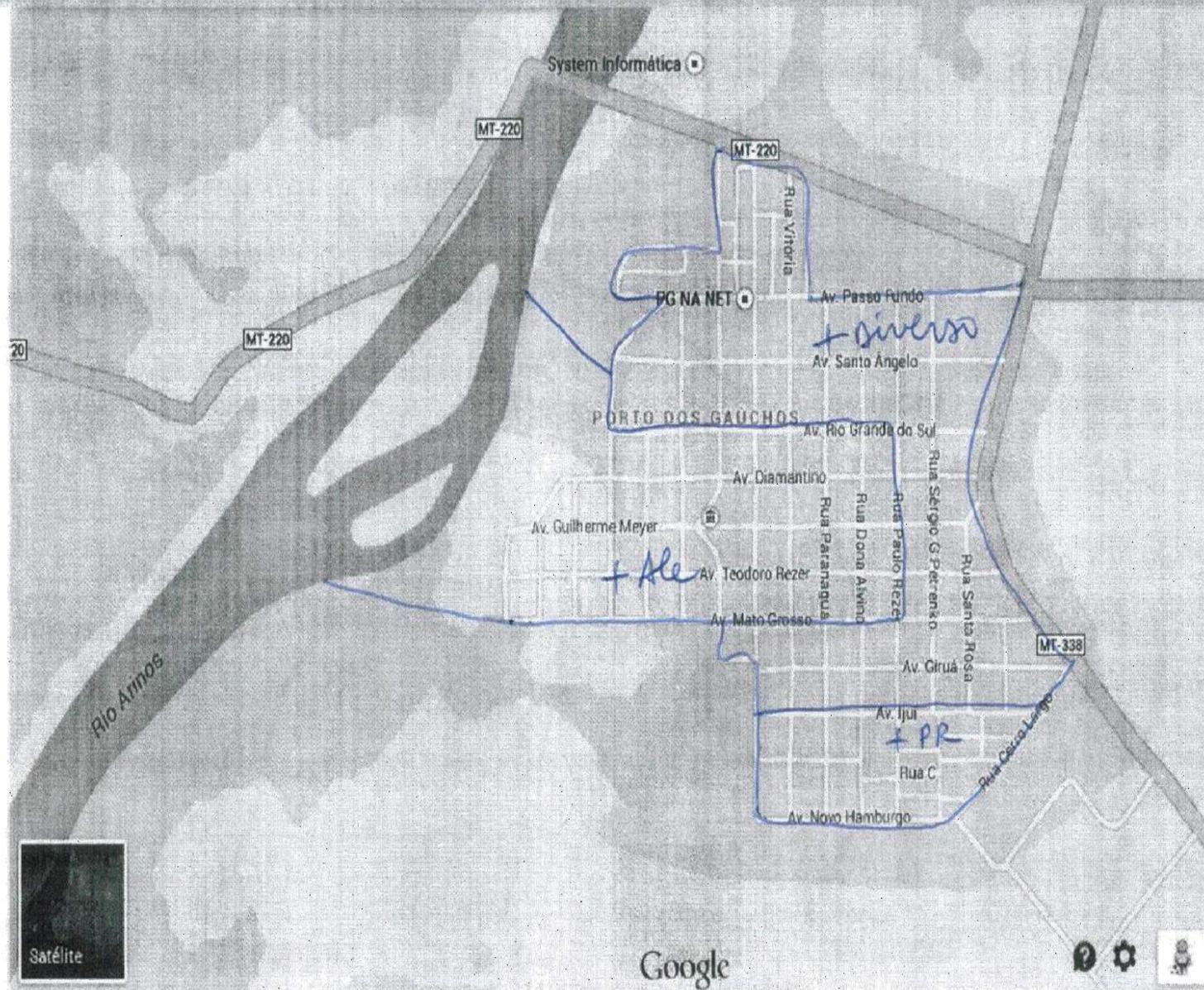
02) PERCEPÇÃO LOCAL



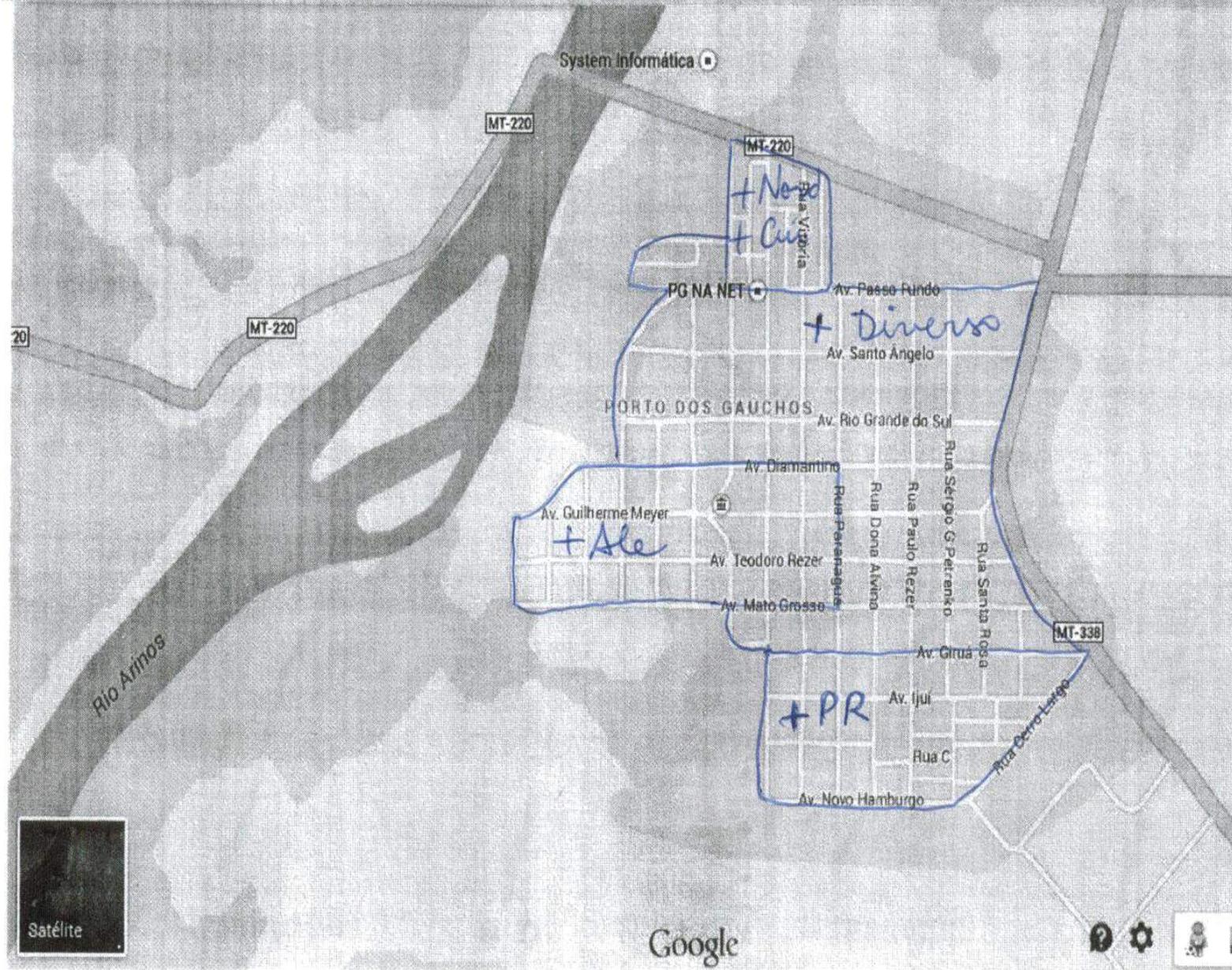
02) PERCEPÇÃO LOCAL



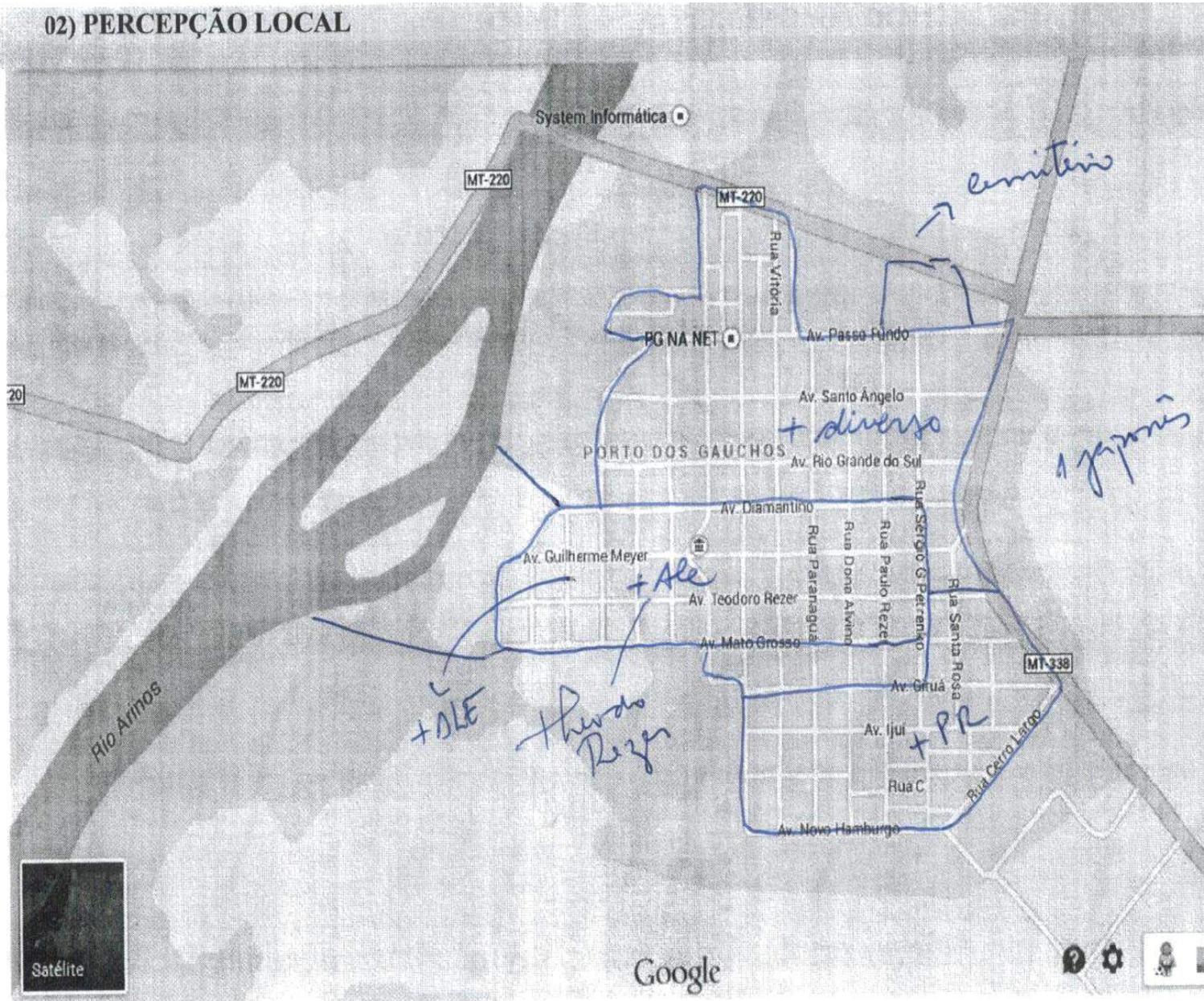
02) PERCEPÇÃO LOCAL



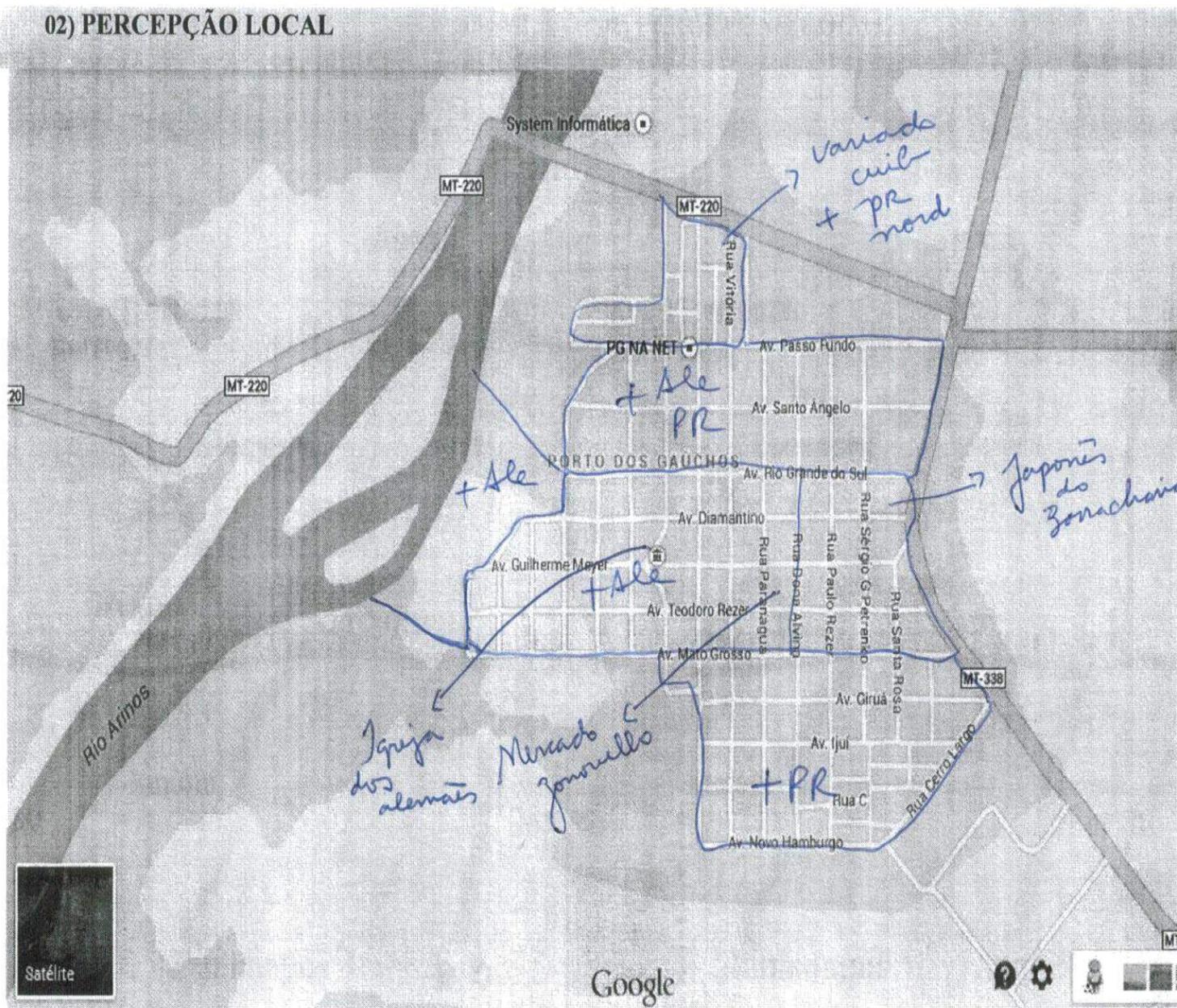
02) PERCEÇÃO LOCAL



02) PERCEPÇÃO LOCAL



02) PERCEPÇÃO LOCAL



02) PERCEPÇÃO LOCAL

